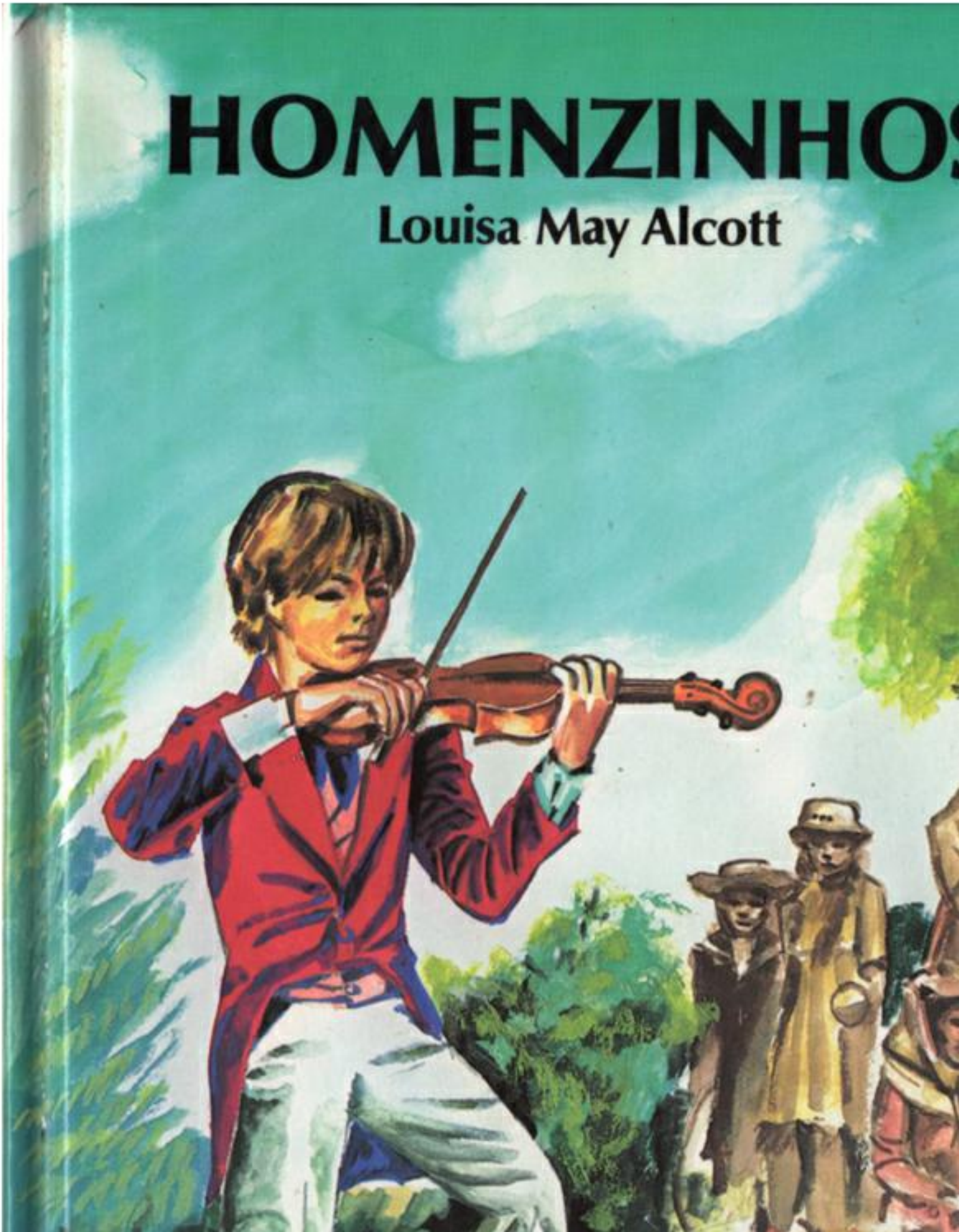
HOMENZINHOS

Louisa May Alcott



HOMENZINHOS

Louisa May Alcott



Louisa May Alcott

Homenzinhos

Círculo de Leitores

Portugal

HOMENZINHOS

Título original: Little Men (1871)
© Louisa May Alcott
Literatura infantojuvenil
Adaptação de António Marques Francisco
Capa de José Antunes
Ilustrações de João Pedro Cochofel
CÍRCULO DE LEITORES - Portugal - 1985
(esta versão não possui ilustrações)

Esta obra foi digitalizada sem fins comerciais e destina-se unicamente à leitura de pessoas portadoras de deficiência visual. Por força da lei de direitos de autor, este ficheiro não pode ser distribuído para outros fins, no todo ou em parte, ainda que gratuitamente.

Sumário

Capa
Rosto
Ficha
1. O lar da tia Jo
2. Os garotos de Plumfield
3. A iniciação de Nat
4. A cozinha de Daisy
5. Aventuras e desventuras de Dan
6. As travessuras de Nan
7. O regresso de Dan
8. O Museu Laurie
9. A estada de Bess em Plumfield
10. Estranho desaparecimento
11. O ninho do salgueiro
12. A morte de John Brooke
13. Dia de Ação de Graças
A Autora

1. O lar da tia Jo

– Quer fazer o favor de me dizer se estou em Plumfield? – perguntou um garoto pobremente vestido, dirigindo-se a um cavalheiro que abria a porta de uma casa diante da qual se detivera a diligência.

– Sim, meu filho. Quem procuras e quem te mandou cá?

– O Sr. Lawrence e trago uma carta para a Sra. Bhaer.

Uma chuva miudinha, primaveril, caía sobre a relva verde e sobre as árvores coalhadas de casulos, e, através dela, Nathaniel Blake, assim se chamava o pequeno, pôde ver um edifício de grandes proporções, quadrado, de aspecto acolhedor, pórtico antigo, escada ampla e grandes janelas iluminadas. Anoitecia a pouco e pouco e as luzes brilhavam, sem que houvesse a velá-las persianas ou cortinas. Nathaniel viu, por isso, pequenas sombras que dançavam pelas paredes e ouviu um rumor alegre de vozes infantis, pensando com tristeza que deveria ser difícil que quisessem acolher, naquela casa magnífica, um hóspede pobre, mal vestido e sem lar como ele.

– Pelo menos, hei de ver a senhora – disse, fazendo soar timidamente a aldrava.

Uma criada de cara cheia e corada veio abrir, sorridente, e pegou na carta que o rapazito lhe estendia em silêncio. Parecia acostumada a receber crianças estranhas e fez sentar o recém-chegado no vestíbulo, dizendo-lhe, ao afastar-se:

– Espera um momento.

Não tardou que o pequeno se distraísse a contemplar, do recanto onde se encontrava, próximo da porta, o espetáculo que se deparava aos seus olhos.

A casa estava, sem dúvida, cheia de garotos que, por estar a chover e ser quase noite, brincavam no interior. Viam-se por todos os lados, em cima e em baixo, no alto da escada e junto a ela, nos quartos e nos corredores. Em todas as portas havia grupos de crianças de várias idades que brincavam alegremente. À direita, duas grandes dependências serviam, certamente, de salas de aula, a julgar pelas carteiras, pelo quadro, pelos mapas e pelos livros.

No fogão de sala ardia um fogo vivo e em frente dele alguns pequenos atiravam ao ar as botas, discutindo uma partida de críquete.

Sem se importar com a algazarra, um garoto já crescidinho tocava flauta a

um canto. Dois ou três rapazitos pulavam em cima das carteiras, rindo-se das caricaturas que um colega desenhava.

Numa dependência à esquerda viam-se sobre uma grande mesa copos de leite e bandejas repletas de pãezinhos, bolachas e biscoitos. Um cheirinho a maçãs cozidas e a torradas com manteiga enchia o ambiente. Aroma desesperante para um estômago com fome.

No cimo da escada jogavam às quilhas. No primeiro patamar e no segundo entretinham-se com outros jogos. Um pequeno lia sentado num degrau; noutro, uma pequenita cantava à sua boneca. Dois cães e um gatinho juntavam-se às crianças e, finalmente, sem medo dos trambolhões, nem dos rasgões, alguns diabretes escorregavam pelo corrimão.

Pouco a pouco, atraído por aquele barulho, Nathaniel saiu do recanto onde se encontrava e quando um rapaz, ao escorregar pelo corrimão, caiu com força suficiente para partir qualquer cabeça que não estivesse habituada a onze anos de trambolhões, correu instintivamente a prestar-lhe auxílio, julgando encontrá-lo meio morto. Todavia, o garoto limitou- se a fazer algumas caretas de contrariedade e no mesmo instante, deixando-se ficar tranquilamente caído no chão, olhou para o intruso, exclamando:

– Olá!

– Olá! – respondeu Nathaniel, sem que lhe ocorresse outra resposta.

– Vens para cá? – perguntou o rapazinho sem se mexer donde estava.

– Ainda não sei.

– Como te chamas?

– Nathaniel Blake.

– Eu chamo-me Tommy Bangs. Queres dar uma volta e ver a casa? – perguntou, pondo-se de pé num salto e preparando-se para cumprir os deveres de hospitalidade.

– Prefiro esperar um bocadinho até saber se posso ficar ou não – murmurou Nathaniel, que cada vez sentia mais vontade de ficar.

– Olha, "Meio-Brooke", vem ver um novo hóspede – gritou Tommy, escarranchando-se novamente no corrimão.

Ao ouvir chamar, o pequeno que estava a ler sentado num degrau levantou os grandes olhos negros, fechou o livro, pô-lo debaixo do braço e, tranquilamente, desceu para cumprimentar o "novato", parecendo-lhe muito simpático aquele delgado rapazinho de olhar doce.

– Já falaste com a tia? – perguntou-lhe muito sério.

– Não, estou à espera que me receba.

– Foi o tio quem te cá mandou?

– Quem me mandou cá foi o Sr. Lawrence.

– Está bem, esse é que é o tio. Manda sempre meninos bons.

Nat, lisonjeado pela frase, sorriu suavemente. Os dois rapazes permaneceram calados por um momento, olhando-se com certo agrado.

Aproximou-se deles uma menina com uma boneca nos braços. A sua semelhança com "Meio-Brooke" era flagrante, embora fosse mais baixa.

Tinha o rosto cor-de-rosa e olhos azuis.

– Esta é minha irmã, Daisy – declarou "Meio-Brooke", com terno orgulho.

Cumprimentaram-se os pequenos e a dona da boneca declarou:

– Parece-me que ficas conosco. Aqui passamos muito bons momentos, não é verdade, "Meio-Brooke"?

– Pois claro que passamos! Ou não vivesse em Plumfield a tia Jo!.

– Tinham-me dito que tudo isto era muito bonito – disse Nat, apercebendo-se de que devia responder aos seus amáveis interlocutores.

– Isto é o que há de mais bonito no mundo inteiro, não é verdade, "Meio-Brooke"? – perguntou Daisy, que tinha o seu irmão na conta de autoridade suprema em todos os assuntos.

– Não, a Gronelândia, que tem montanhas de gelo e focas, deve ser mais bonita ainda; mas, contudo, Plumfield agrada-me – respondeu "Meio-Brooke", que, por aquelas alturas, se dedicava à leitura de narrações sobre os usos e costumes gronelandeses. E dispunha-se a mostrar e a explicar as gravuras do seu livro quando a criada voltou e disse a Nat:

– Tudo corre bem, espera um momento.

– Que bom, agora vais ver a tia Jo – disse Daisy, agarrando a mão de Nat, numa atitude protetora.

"Meio-Brooke" voltou a enfronhar-se na leitura e, entretanto, sua irmã conduzia o recém-chegado para uma dependência interior, onde um senhor alto e forte brincava num sofá com duas criancinhas. Junto dele uma senhora esbelta acabava de ler, pela segunda vez, a carta de apresentação de Nat.

– Aqui está ele, minha tia! – exclamou Daisy.

– É este o meu novo pupilo? Tenho muito prazer em te receber e espero que te dês bem por cá, disse a senhora, acariciando maternalmente o pequeno, o qual se sentiu comovido.

A senhora, a quem as crianças tratavam familiarmente por tia, não era bela, mas tanto no semblante como no olhar, nos gestos e na voz, havia o que

quer que fosse difícil de descrever, mas muito fácil de entender, alguma coisa de atraente, algo de "alegre" e muito diferente, como diziam os "sobrinhos".

A amável senhora notou certo tremor em Nat ao acariciá-lo e comoveu-se ao verificar a emoção que o embaraçava.

– Eu sou a mamã Bhaer – disse-lhe ela. Este senhor é o papá Bhaer e estes dois pequenitos são nossos filhos. Venham cá os dois – exclamou, dirigindo-se aos garotitos.

O papá aproximou-se, trazendo pela mão os dois bochechudos meninos, Rob e Teddy, que fizeram uma careta para cumprimentar Nat. O senhor Bhaer apertou a mão ao visitante e, oferecendo-lhe uma cadeira baixa, próximo do lume, disse-lhe carinhosamente:

– Senta-te, meu filho, e aquece-te. Estás todo molhado.

– Molhado? Pobrezinho – murmurou a Sra. Bhaer. – Vá, despe-te, enquanto vou buscar roupa enxuta e um par de sapatos.

E assim fez, encontrando-se Nat, momentos depois, comodamente instalado perto do lume, agasalhado com roupa seca.

A Sra. Bhaer deu-lhe umas sapatilhas, mas não sem primeiro perguntar a Tommy se precisava delas.

– Não, tia Jo, muito obrigado – respondeu afetuosamente o dono.

A tia Jo pagou com um olhar de afeto a atenção de Tommy. A seguir, dirigindo-se a Nat, exclamou:

– Tommy nunca calça sapatilhas. Estão-te um pouco grandes, mas não faz mal, assim não poderás fugir cá de casa.

– Não, minha senhora, não penso fugir – respondeu Nat aproximando do fogo as mãozinhas sujas.

– Está bem, está bem, vai-te aquecendo porque temos de tratar dessa tosse e já – disse o Sr. Bhaer, indo buscar uma flanela. – Há quanto tempo a tens?

– Desde que começou o Inverno; sentia muito frio e não tinha com que me agasalhar.

– Não admira – observou a Sra. Bhaer com voz comovida –, vivia numa cave triste e húmida sem colchão para se deitar nem cobertores para se tapar.

O Sr. Bhaer observou demoradamente as maçãs do rosto afogueado do pequeno,os lábios secos, o peito abatido e estudou a sua tosse cava. Trocou uns olhares significativos com a esposa e disse:

– Robin,meu filho,vai buscar o frasco do xarope e o linimento.

Nat assustou-se um pouco perante tais preparativos, mas pôs-se a rir e tranquilizou-se quando o Sr. Bhaer lhe disse em voz baixa:

– Repara bem nesse fedelho do Teddy, está a fazer esforços para tossir. Ele sabe que o xarope que te vou dar é muito doce e quer por força prová-lo também.

Com efeito,enquanto foram buscar o frasco Teddy pôs-se vermelho como uma papoila mercê dos esforços que fazia para provocar a tosse. Generosamente deixaram o fingido catarroso lamber a colher, depois de Nat ter tomado a sua dose de xarope e deixado que lhe pusessem na garganta e no peito a flanela quente.

Ainda não tinha terminado este primeiro tratamento quando se ouviram várias campainhadas, seguidas de ruidosa correria. Soara a hora de comer.

Nat,tímido e receoso,tremia só de pensar que iria ver-se rodeado por tantos meninos desconhecidos, mas a Sra. Bhaer pegou-lhe na mão e Rob sussurrou-lhe em ar protetor:

– Não te assustes, eu olharei por ti.

De cada lado da mesa estavam crianças, que faziam traquinices de impaciência junto das respectivas cadeiras. O flautista procurava manter a ordem. Ninguém se sentou até que a mamã ocupasse o seu lugar, ficando Teddy à esquerda e Nat à direita.

– Este é o nosso novo hóspede, Nathaniel Blake – disse a boa senhora. – Depois de comerem, irão cumprimentá-lo. E agora,meus filhos, silêncio e sossego.

Todos os pequenos observaram com curiosidade o seu novo companheiro. Depois acomodaram-se nas cadeiras e, embora inutilmente, tentaram estar quietos.

O casal Bhaer procurava, e geralmente conseguia, que os pequenos se mantivessem com a devida compostura durante as refeições. Mandavam pouco e faziam-se obedecer. Mas,como também é preciso que as crianças se expandam à sua vontade, aos sábados à noite concediam-lhes uns momentos de completa à-vontade.

– Coitadinhos! É necessário deixar-lhes, pelo menos,um dia livre para que gritem, saltem e brinquem à vontade, sem entraves nem restrições. Sem liberdade completa não há festa que satisfaça – costumava dizer a Sra. Bhaer quando via que algumas pessoas se admiravam que permitisse aos garotos escarrancharem-se nos corrimãos, atirar almofadas à cabeça uns dos outros e cometer outros excessos semelhantes.

Às vezes parecia que a casa ia abaixo,mas nunca acontecia nada de grave. Bastava uma palavra do Sr. Bhaer para que a ordem e o sossego

ficassem restabelecidos. As crianças sabiam perfeitamente que não deviam abusar dessa liberdade. E assim, apesar dos timoratos e dos pessimistas, a escola florescia e os pequenos educavam-se e instruíam-se quase sem se dar por isso.

Nat sentiu-se muito bem entre Tommy e a mamã Bhaer, que se encarregou de o servir.

Aproveitando um momento de risota geral, Nat perguntou ao seu vizinho:

– Quem é aquele que está no fim da mesa ao pé duma menina?

– É "Meio-Brooke", um sobrinho dos donos da casa.

– "Meio-Brooke"?... Que nome tão esquisito!

– Não é esse o seu nome. Chama-se John Brooke,mas como o pai também se chama John, para se não confundir o pequeno com o grande chamamos-lhe "Meio-Brooke".

– É muito sabedor,não é verdade?...

– Sim. Lê corretamente e conhece todos os jogos.

– Quem é aquele gordo que está a seu lado?

– É "Traga-Bolos"! O nome dele é Jorge, mas chamamos-lhe "Traga-Bolos" porque é o mais glutão da casa. Olha, o que está ao lado do papá Bhaer é o seu filho Rob e aquele mais além, grandalhão é Franz, o sobrinho do papá. Franz dá lições e é assim como que o nosso superior.

– Toca flauta?...

Tommy assentiu com a cabeça. Não podia falar naquele momento por ter metido na boca uma maçã inteira. Engoliu-a com rapidez espantosa e acrescentou:

– Oh! O que nós nos divertimos. Dançamos, fazemos fantoches e tocamos boa música. Gosto muito de tambor e quero estudar para ser mestre tamborileiro.

– Pois eu gosto muito mais de violino e sei tocar – disse Nat, confidencialmente.

– Tocas violino? – exclamou, surpreendido, Tommy. – O papá Bhaer tem um violino velho e empresta-to.

– Sim?... Oh,que bom! Eu ganhava a vida andando pelas ruas a tocar violino, com o meu pai e outro homem... O meu pai morreu. .

– Estás a falar a sério? – perguntou Tommy, muito impressionado.

– Sim,era horrível! Passava muito frio no Inverno e muito calor no Verão. Comia quase sempre pouco e, às vezes,quando me cansava, batiam-me... – Nat calou-se para trincar uma bolacha, como se quisesse certificar-se

de que os maus tempos haviam passado já. A seguir, acrescentou tristemente: – Gostava tanto do meu violino e sinto tanto a sua falta! Nicolau tirou-mo quando meu pai morreu, foi-se embora e deixou-me só ao ver-me doente.

– Bom, pois se tu quiseres pertencerás à nossa orquestra.

– Tendes uma orquestra?

– Uma orquestra magnífica. Todos os músicos são meninos, mas os concertos têm muito que se lhe diga... Vais ver amanhã à noite.

E, assim dizendo, Tommy apressou-se a despachar o seu quinhão, deixando Nat entregue a agradáveis reflexões.

A Sra. Bhaer não tinha perdido uma única palavra do diálogo, embora parecesse entretida a servir os rapazes e a cuidar de Teddy. Este adormecera, chegando a meter a colher num olho, cabeceou como se dormisse sobre um galho, e, finalmente, pôs-se a ressonar com a carita deitada sobre a toalha.

A Sra. Bhaer sentara Nat próximo de Tommy porque este irrequieto rapazinho era expansivo, alegre, franco e capaz de inspirar confiança às pessoas tímidas. Com o diálogo que ouviu durante a refeição ficou desde logo suficientemente inteirada para formar uma ideia clara do carácter do novo hóspede.

– Pobrezinho! Poderá tocar violino quantas vezes quiser – murmurou a Sra. Bhaer, ao notar o prazer com que Nat ouviu Tommy falar da orquestra infantil.

Depois de terem comido, e enquanto os garotos entravam tumultuosamente nas aulas e continuavam as travessuras, a tia Jo apareceu com um violino na mão e, após breve diálogo com o marido, aproximou-se de Nat, que estava sentado a um canto.

– Toma, meu filho – disse-lhe. – Toca alguma coisa para nós ouvirmos. Necessitávamos precisamente de um violinista para a nossa orquestra.

Sem hesitar e com certa pressa reveladora de viva inclinação musical, o pequeno pegou no violino.

– Tocarei o melhor que souber, minha senhora – murmurou, passando o arco pelas cordas, numa ânsia de ouvir as notas do seu instrumento preferido.

Era grande a algazarra que reinava na casa. Todavia, Nat, como se estivesse surdo a todos esses ruídos, começou a tocar brandamente. Preludiou uma simples "Dança Africana". Os garotos, ouvindo a música, emudeceram e, surpreendidos e deleitados, quedaram-se a escutar. Pouco a pouco, foram-se juntando à volta do violinista. A Sra. Bhaer observava-o com atenção. Nat,

os olhos brilhantes, as maçãs do rosto avermelhadas, parecia transfigurar-se ao fazer falar o violino uma linguagem que encontrou eco em todos os corações. Quando terminou, aplausos unânimes e sinceros soaram por toda a sala. O pequeno, mais satisfeito do que quando lhe davam alguma esmola grada, olhou a assistência como que a dizer:

"Fiz quanto pude. Espero que vos tenha agradado. "

– Muito bem! Muito bem – exclamou Tommy, que considerava Nat seu "protegido".

– Serás o primeiro violino da minha orquestra – acrescentou Franz com um sorriso de aprovação.

– O pequeno tem alma de artista – disse a Sra. Bhaer, dirigindo-se ao marido. Este meneou afirmativamente a cabeça e, acariciando o jovem músico, exclamou:

– Tocas muito bem, meu filho. Agora vais acompanhar-nos numa canção.

O momento mais belo e mais feliz da vida do desditoso rapaz foi quando se viu no estrado, junto ao piano. Os demais petizes rodearam-no sem repararem na sua pobreza, olhando-o com admiração e desejosos de o ouvir tocar de novo.

Escolheram uma canção conhecida e, depois de várias saídas em falso, violino, flauta e piano tocaram em uníssono, acompanhados por um coro de vozes infantis que fizeram vibrar toda a casa. Aquilo foi demasiado para Nat. Ao acabar o coro, largou o violino e, voltando a cara para a parede, desatou a soluçar.

– Que tens, meu filho? – perguntou a Sra. Bhaer, que também tinha cantado.

– Não sei. Os senhores são muito bons. Isto é muito bonito. Choro sem querer. – respondeu o garoto, soluçando e tossindo até perder o fôlego.

– Vem cá, meu pequerrucho. Precisas de te deitar e descansar. Estás muito fatigado – disse a bondosa senhora, levando o petiz para o quarto e deixando-o chorar tranquilamente.

Em seguida pediu-lhe que lhe contasse as suas mágoas e, muito comovida, ouviu a triste história do pequeno órfão.

– Não chores, meu filho – disse-lhe ela. Aqui já tens pais e um lar. Não penses mais no passado. Pensa antes em pores-te muito forte e sentires-te feliz. As tuas penas acabaram. Esta casa foi feita para que os meninos sejam felizes e aprendam a ser homens de bem. Aqui tocarás todas as músicas que te apeteça, mas primeiro que tudo tens de te curar. Vamos ter com a ama. Ela

dar-te-á banho e depois irás para a cama. Amanhã estudaremos o novo plano de vida. Não te preocupes.

Nat beijou a mão da sua protetora e deixou que o levassem para uma outra dependência grande, na qual se encontrava uma alemã corpulenta, de cara cheia e com touca branca na cabeça.

– Esta senhora é a ama Hummel. Vais ver como ela te dá um rico banho, te corta o cabelo e te deixa "como novo", como diz Rob. Gostas do quarto de banho? Aos sábados lavamos os mais pequeninos primeiro e deitamo-los logo; antes que venham os mais velhos fazer zaragata. Rob fica a teu lado.

Enquanto falava, a Sra. Bhaer despiu Rob e mergulhou-o numa das duas banheiras grandes que, juntamente com bacias, chuveiros, bidés, etc. ocupavam o balneário. Nat tomou o banho e, enquanto se limpava, viu duas mulheres lavarem, vestirem roupa limpa e deitarem quatro ou cinco petizes, que riam e gritavam alegremente.

Seguidamente, Nat, sentado numa fofa almofada junto ao fogo, deixou que lhe cortassem o cabelo, vendo chegar outro bando de crianças que, ao banharem-se, faziam grande barulho e esparrinhavam na água como se fossem cachalotes.

– Agora Nat dormirá melhor e, se tossir, dê-lhe o xarope para a tosse – disse à ama a Sra. Bhaer, que ia e vinha como uma galinha rodeada pelos pintainhos.

Depois de um silêncio nos exercícios aquáticos começaram a sulcar o ar em todas as direções as almofadas que, dos leitos, eram lançadas por diabinhos brancos. A batalha era encarniçada nalguns dormitórios e chegava mesmo a atingir o quarto da ama quando este ou aquele guerreiro escorraçado ali buscava seguro refúgio. Ninguém se admirava daquela luta, nem ninguém lhe punha cobro. Hummel pendurava as toalhas e a Sra. Bhaer preparava roupa limpa, como se nada se passasse e tudo estivesse em sossego. Mas eis que a mamã Bhaer deita a correr atrás de um garoto e lhe atira com a almofada que o audaz rapazito havia arremessado contra ela.

– E não se magoam? – perguntou Nat, rindo a mais não poder.

– Nunca. Aos sábados à noite permitimos esta batalha de almofadas. Assim fazem reação depois do banho – respondeu a Sra. Bhaer, pondo em ordem doze pares de sapatos.

– Que linda escola esta! – exclamou Nat, admirado.

– É muito original – replicou, sorridente, a senhora. – Hás de ver que não maçamos os meninos com estudos excessivos nem com preceitos rigorosos.

No princípio proibi as batalhas de almofadas, mas quando me convenci de que seria difícil obedecerem-me, fizemos uma combinação. Permiti-lhes batalhas durante quinze minutos todos os sábados desde que nos demais dias se deitassem tranquilamente. Se faltam ao combinado, não há batalha ao sábado, mas, se cumprem, ponho os espelhos ao contrário, tiro as lâmpadas e deixo-os brincar à vontade.

– É formidável! – murmurou Nat pensando em tomar parte na refrega, mas não se atrevendo a intervir por ser um recém-chegado.

2. Os garotos de Plumfield

Franz era um rapaz alemão, alto, forte, louro, aplicado, de carácter simples, amando a música e muito apegado à casa. Tinha dezassete anos. O tio julgava-o com aptidões para o ensino e a tia antevia nele um excelente marido, comentando a sua compreensão e o seu afeto pelo lar. Amava em extremo a Sra. Bhaer e era um colaborador sério, afetuoso e paciente.

Emil, vivo, inquieto e empreendedor, sonhava vir a ser marinheiro. O tio prometera-lhe, quando fizesse dezasseis anos, prepará-lo para ingressar na escola naval. Dava-lhe, para que lesse, histórias de almirantes famosos e de insignes navegadores. O quarto de Emil parecia o camarote de um navio. Robinson e Simbad o Marinheiro eram os seus heróis favoritos. Andava gingando-se como um lobo do mar e empregava termos náuticos para a esquerda e para a direita. Os pequenos chamavam-lhe o "Almirante" e admiravam a esquadra que possuía, a qual, com frequência, sofria graves desastres.

"Meio-Brooke" era uma prova viva dos prodígios que a educação opera ao estabelecer uma harmonia perfeita entre a matéria e o espírito. De carácter meigo, simples nas maneiras, carinhoso e inocente, como reflexo de uma mãe excelsa, forte e vigoroso, como resultado de um pai atento ao seu desenvolvimento, desempoeirado e culto, como consequência das sensatas lições de um prudente avô, "Meio-Brooke" abria-se para a vida intelectual como as rosas desabrocham às carícias do sol e ao orvalho da manhã. Não era um menino perfeito, mas os seus defeitos eram poucos e ligeiros.

Aprendera a arte de conter-se e dominar-se. Arte difícil que muitos homens não chegam a possuir nunca! "Meio-Brooke" ignorava que era famoso e inteligente. Admirava a beleza e a inteligência dos outros. Vivia alegremente. Gostava de ler livros de histórias fantásticas e por causa disso e pela sua tendência para a espiritualidade os pais procuravam, à força duma vida sã e de lições de carácter útil, evitar qualquer desequilíbrio, pois não queriam transformá-lo num desses meninos pálidos e precoces que são efemeramente o orgulho das famílias.

A mudança de "Meio-Brooke" para Plumfield deu magníficos resultados.

O contacto com os outros rapazes tornou-o de certo modo prático e limpou-lhe o cérebro das suas levianas fantasmagorias. Quando foi de férias os pais ficaram radiantes ao ouvi-lo falar com voz forte e ao ouvi-lo pedir umas "botas" que rangessem como as do pai. Rira-se este satisfeito, comprando-lhas. E pensou:

"Quero e muito me agrada que ele seja varonil. Esta sua rudeza de agora não me preocupa. Pouco a pouco ir-lhe-emos limando as arestas e polindo-o. No que respeita ao ensino,recebê-lo-á como as pombas comem o milho. Não há que ter pressas. "

Daisy era um encanto, uma mulher pequenina, possuidora de excelentes qualidades. Cuidava maravilhosamente das coisas da casa. Tinha em perfeita ordem uma família de bonecas. Não dava um passo que não levasse o seu cestinho de costura, cosendo com tal esmero que "Meio-Brooke" ostentava com orgulho um lenço embainhado por sua irmã. Josy tinha um colete de flanela cosido por Daisy. A pequena enxugava a louça, cuidava dos saleiros, punha os talheres, limpava o pó e ajudava em todas as lidas domésticas. "Meio-Brooke" defendia-a sempre com heroísmo nas batalhas de almofadas e nunca se cansava de elogiar os dotes espirituais da sua irmãzinha. Esta tinha o irmão gémeo na conta do menino mais importante do mundo e todas as manhãs, assim que punha o penteador, calçava-se e corria a acordá-lo, dizendo-lhe:

– Levanta-te. São horas de tomar o pequeno-almoço.

Rob era um rapaz travesso que parecia ter resolvido, na prática, o problema do moto contínuo.

Era muito irrequieto, sem, no entanto,ser indócil nem conflituoso. Era,na verdade,um grande palrador e vivia agitando-se como um pêndulo entre o pai e a mãe.

Teddy era muito pequeno para tomar parte ativa nos assuntos de Plumfield. Todavia, tinha também a sua esfera de ação e nela movimentava-se bem. Todos sentiam, de vez em quando, a necessidade de um garoto pequenino a quem pudessem acariciar, e Teddy, que muito gostava de mimos, estava sempre disposto a deixar-se acarinhar. A mamã tinha-o sempre a seu lado e permitia-lhe que metesse o dedito nos pires de doce, afigurando-se a todos que assim sabia melhor.

Dick Brow e Adolfo ou Dolly Pettingill tinham oito anos. Dolly gaguejava, mas pouco a pouco iam-no corrigindo sem que ninguém troçasse dele. O Sr. Bhaer tratava-lhe da gaguez, fazendo-o falar muito lentamente.

No resto era um rapazinho vulgar, estudioso e jovial.

O pobre Dick era corcunda, mas suportava tão alegremente o seu defeito físico que uma vez "Meio-Brooke" perguntara-lhe:

– Dá bom humor o ser-se corcunda? Se assim é, eu gostava de sê-lo.

Dick vivia contente e tomava parte nos jogos. No seu corpo deformado albergava uma alma abnegada. Ao chegar a Plumfield lamentara ser corcunda, mas bem depressa se adaptou, porque ninguém troçava dele. O Sr. Bhaer impôs, certa ocasião, um castigo enérgico a um rapaz que se permitiu rir à custa dele.

Nessa altura, Dick, soluçando, tinha respondido ao garoto que troçara dele:

– Deus não vê a minha deformidade, porque trago na alma a retidão que falta ao meu corpo.

Os esposos Bhaer alimentaram esta crença e levaram-no a acreditar que as pessoas o amavam pela beleza da sua alma e que, se às vezes reparavam no seu corpo mal formado, era por compaixão.

Uma vez, brincando ao "Jardim Zoológico", um pequeno exclamou:

– De que animal queres tu fazer, Dick?

– De camelo, não vês que já tenho a corcova nas costas? – respondeu rindo contrafeito.

– Bom, pois seja como for, não levas carga e ficas ao pé do elefante, à frente do desfile – declarou "Meio-Brooke", organizando o jogo.

– Tenho esperança que o mundo o trate com tanto afeto como os meus pequenos aprenderam a tratá-lo – disse a tia Jo, muito satisfeita, enquanto Dick, qual minúsculo dromedário, tão débil como alegre, desfilava ao lado do gordo "Traga-Bolos", que, muito senhor do seu papel, fazia de elefante.

Jack Ford, rapazinho vivo e esperto, fora mandado para a escola, por esta ser de pagamento acessível. Para muita gente a esperteza de Jack seria motivo de elogio, mas para o Sr. Bhaer essa esperteza, aliada ao seu amor pelo dinheiro, que eram duas facetas características daquela criança, prenunciava defeitos piores que a gaguez de Dolly ou a corcunda de Dick.

Ned Barker era um pernilongo irrefletido e bulhento. Fizera já catorze anos. Chamavam-lhe o "Furacão" porque com ele ia tudo pelos ares.

Jorge Cile, "Traga-Bolos", fora pessimamente educado por uma mãe fraca que o atascara de guloseimas até ficar doente. Julgou-o, pois, demasiado débil para os estudos, visto que aos dez anos era um garoto pálido, triste, mal-humorado, mole de carnes e muito dado à ociosidade.

Billy Ward era aquilo a que os escoceses chamam com ternura "um inocente". Com dez anos, parecia um menino de seis.

Tommy Bangs era o diabinho da casa. Tinha espertezas, travessuras e agilidade de macaco, mas possuía um coração de ouro e esta virtude valia-lhe muitas vezes o perdão para as suas diabruras.

Tais eram os garotos de Plumfield e juntos viviam tão felizes como podem viver uma dúzia de rapazes, estudando e brincando, trabalhando e brigando, corrigindo defeitos e cultivando virtudes. Os pequenos das outras escolas aprendiam certamente mais nos livros, mas muito menos da arte de transformar um rapaz num homem bom e honrado.

3. A iniciação de Nat

Mal soou, no dia seguinte, a sineta, Nat saltou da cama e vestiu, muito satisfeito, a roupa que encontrou sobre a cadeira. Não era roupa nova, mas sim vestuário já meio usado, procedente de outros meninos. A Sra. Bhaer guardava todos aqueles fatinhos para os passarinhos extraviados que acudiam ao ninho de Plumfield. Logo que se encontraram reunidos os pequenos, Tommy apresentou-se na companhia de Nat, para tomarem o pequeno-almoço.

O sol invadira a ampla sala de jantar, acariciando a mesa, onde se encontravam todos, mas com maneiras mais comedidas do que na noite anterior. Permaneciam silenciosos junto das respectivas cadeiras, enquanto Rob – que estava na cabeceira, ao lado do pai – cruzava as mãos, inclinava reverentemente a cabeça e rezava com fervor uma oração em ação de graças. Em seguida sentaram-se a saborear o pequeno-almoço do domingo. Enquanto comiam, os garotos tagarelavam animadamente, porque ao domingo tinha de se discutir o passeio e elaborar o programa para a semana seguinte. Nat escutava e ia pensando como o dia lhe iria ser agradável porque gostava da quietude e via à sua volta ótimas perspectivas de repouso. Não obstante a sua infância vagabunda, o pequeno violinista amava o sossego.

– Agora, meus filhos, ide cumprir as vossas obrigações matinais e preparar-vos para irdes à missa assim que chegar a tipoia – disse o Sr. Bhaer. E, aliando o exemplo à palavra, foi até à escola, ordenar os livros para o dia seguinte.

Cada qual saiu rapidamente a executar a sua tarefa, porque cada um tinha um pequeno dever diário a cumprir e estava obrigado a executá-lo pontualmente. Uns traziam água ou lenha. Outros varriam as ruas do jardim. Estes davam de comer aos animais domésticos. Aqueles iam ao celeiro ajudar Franz a trazer os alimentos para os animais. Daisy lavava os copos, "Meio-Brooke" limpava-os, porque os gémeos gostavam de trabalhar juntos. Até o microscópico Teddy tinha a sua tarefa e andava de um lado para o outro recolhendo os guardanapos e pondo as cadeiras em ordem. Durante meia hora os rapazes trabalhavam como um enxame de abelhas. Quando por fim chegou

a tipoia, o Sr. Bhaer e Franz, com os oito rapazes mais velhos, foram à igreja da cidade, que ficava a umas três milhas de distância.

Nat, por causa da tosse que tinha, ficara em casa com os quatro garotos mais pequenos, passando grande parte da manhã no quarto da Sra. Bhaer ouvindo as histórias que a bondosa senhora lhes contava. Nessa mesma ocasião aprenderam o hino e entretiveram-se a colar estampas num velho livro.

– Esta é a minha cela dominical – disse a tia Jo, mostrando-lhes armários cheios de volumes, estampas, caixas com pinturas, reproduções arquitetónicas, pequenos periódicos, papel, canetas, etc. – Quero que vós, meus filhos, ameis o domingo e o desejeis como grato descanso do estudo e do trabalho da semana. Mas quero que, ao mesmo tempo, vos recreeis, instruais e aprendais coisas diferentes das que vos ensinam na escola. Compreendes-me? – acrescentou dirigindo-se a Nat, que a escutava enlevado.

– Pretende ensinar-nos a sermos bons – respondeu o interpelado, depois de breve hesitação.

– Justamente. Quero ensinar-vos a serdes bons e a amardes o bem. Eu sei que, às vezes, é difícil consegui-lo, mas se vos auxiliardes mutuamente e com vontade firme tudo se alcançará. Eis um dos meios que uso para conseguir os meus fins – afirmou pegando num livro volumoso cheio de notas e abrindo-o numa página que tinha escrito um nome na parte superior.

– Mas esse é o meu nome! – disse Nat.

– Sim. Tenho uma página para cada menino. De cada um faço uma descrição da sua conduta durante a semana. Se é mau, fico desgostosa. Se é bom, fico alegre e sinto-me orgulhosa dele. De qualquer modo, sabendo que me interesso por eles, esforçam-se por agradar-me e agradar ao papá Bhaer, procurando cumprir e serem ajuizados e aplicados.

– Julgava que o eram sempre – observou Nat, vislumbrando o nome de Tommy na página oposta à sua e perguntando a si próprio o que haveria naquele relatório.

A Sra. Bhaer percebeu-o e, voltando a folha, declarou:

– Os meus apontamentos só são vistos pelos interessados. Chamo a este livro o meu livro da consciência. O que de ti escrever, só tu e eu o saberemos. De ti depende, pois, ficares satisfeito ou envergonhado quando leres a tua página no próximo domingo. Confio em que a descrição da tua conduta há de ser boa. Procurarei dar-te facilidades e agradar-me-á ver-te alegre, dócil e respeitador das nossas suaves regras, aprendendo e tirando proveito delas.

– Procurarei cumpri-las, minha senhora – prometeu Nat, ruborizando-se, desejando evitar à sua protetora o desgosto de uma má conduta e ansiando por proporcionar-lhe a alegria de um bom comportamento.

A mamã Bhaer, com os seus dois filhos e com Daisy, foi à cidade fazer a sua visita semanal à avó, visita que era sempre motivo de mútua satisfação. Não se sentindo Nat bastante forte para dar tão grande passeio, pediu que o deixassem ficar em casa com Tommy, que, ansiosamente, se tinha oferecido para lhe mostrar toda a quinta.

– Já conheces a casa, não é verdade? Deste modo, passaremos adiante e vou mostrar-te o jardim, o celeiro e o "Jardim Zoológico" – disse Tommy, quando ficaram sós com Asia, encarregada de evitar qualquer disparate, pois, embora Tommy fosse um rapazinho bem intencionado, não se passava um dia que não houvesse algum incidente desagradável a registar.

– O que é isso de "Jardim Zoológico"? – perguntou Nat, brincando com o seu amigo à volta da casa.

– Vais sabê-lo. Todos nós temos animais favoritos e guardamo-los no celeiro, ao qual demos o nome de "Jardim Zoológico". Cá estamos. Diz- me, não é maravilhoso o meu leitãozinho? – exclamou Tommy, mostrando com orgulho um porco horrivelmente feio.

– Conheço um menino que tem uma dúzia de leitõezinhos brancos e ofereceu-me um. Talvez mo dê ainda se tu o quiseres – disse Nat, desejando corresponder delicadamente às atenções do seu colega.

– Gostaria de possuí-lo. Dar-te-ia este e viveriam juntos, se não brigassem. Olha para aqueles ratinhos brancos. Pertencem a Rob e foi Franz quem lhos ofereceu. Os coelhos são de Ned, as galinhas da Índia são do Jorge, o "Traga-Bolos", como sabes. Esta caixa grande é o tanque dos cágados de "Meio-Brooke". O ano passado teve setenta e dois; num deles gravou o seu nome e a data e soltou-os a todos, esperando vir a encontrar e reconhecer o marcado daqui a muito tempo. Li, não sei onde que uns pescadores haviam apanhado uma tartaruga que trazia na carapaça umas coisas escritas há não sei quantos séculos... Ah, advirto-te que "Meio-Brooke" é um rapaz muito caprichoso.

– O que é que há aqui? – perguntou Nat detendo-se diante de uma caixa grande e funda, quase cheia de terra.

– É a caixa das minhocas de Jack Ford. Dedica-se a apanhar e a criar minhocas, guardando-as aqui. Quando vamos pescar, compramo-lhas, para pouparmos o incómodo de preparar os iscos. Mas leva sempre muito caro. Na

última compra que lhe fiz tive de lhas pagar à razão de dois dinheiros por dúzia, e, para mais, as minhocas eram muito pequenas. Às vezes Jack é mesquinho e agarrado e já lhe disse que, se não baixar os preços, eu próprio criarei as minhocas que precisar para a pesca. Vês aquelas galinhas cinzentas, carecas? São minhas. Vendo os ovos à mamã Bhaer, mas nunca peço mais do que vinte e cinco centavos por dúzia. Nunca! Sentiria vergonha levar-lhe mais caro – declarou Tommy, lançando um olhar de desprezo e censura para a caixa das minhocas.

– De quem são os cães? – inquiriu Nat, interessadíssimo nas transações comerciais e sentindo que seria grande privilégio ser o protegido de Tommy.

– O cão maior é de Emil. Dá pelo nome de Cristóvão Colombo. Foi a mamã Bhaer quem o batizou, de modo que, quando falamos de Cristóvão Colombo, ninguém imagina que nos referimos ao cão; o outro, branco, é de Rob e o cinzento é de Teddy. Um homem queria afogá-los no tanque, mas o Sr. Bhaer não deixou e ficou com eles.

As crianças brincam muito com eles. Chamam-se Castor e Pólux.

– Se pudesse, gostava de ser o dono do burrinho Tobias. É tão pequenino e tão manso e anda-se tão bem montado nele – exclamou Nat, lembrando-se das andanças da sua antiga vida.

– Tobias foi um presente do Sr. Laurie para a mamã Bhaer, a fim de esta não ter de levar ao colo Teddy quando vamos passear. Tobias gosta de todos nós, é um burrinho muito simpático. As pombas que vês por aí são de todos. Cada um escolhe a sua favorita e distribuímos os seus filhos. Os borrachinhos são muito bonitos. Entretém-te a ver as pombas, enquanto vou espreitar se a minha Cinderela e a minha Pintadinha já puseram ovo hoje.

Nat subiu por uma escada; enfiou a cabeça por um postigo e contemplou à vontade as lindas pombas, que debicavam e arrulhavam na espaçosa mansarda, repousando nos ninhos, esvoaçando de um lado para o outro ou voando do poleiro do telhado até ao curral, onde meia dúzia de vacas ruminavam placidamente.

"Todos, menos eu, possuem aqui alguma coisa. Gostava também de ter uma galinha, uma pomba ou até mesmo uma tartaruga que fosse minha", pensou Nat, doendo-se da sua pobreza ao contemplar as riquezas dos demais rapazes. Em seguida, juntando-se a Tommy no celeiro, perguntou-lhe:

– Como conseguiram arranjar tantas coisas?

– Umas são achadas, outras compradas e outras oferecidas. O meu pai envia-me de vez em quando alguma coisa e quando conseguir juntar dinheiro

suficiente com a venda dos ovos vou comprar um casal de patos, porque aqui há um tanque que serve muito bem para eles. E fica sabendo que os ovos de pata pagam-se muito bem e os patos pequeninos são muito graciosos quando deslizam sobre a água – explicou Tommy com ares de pessoa entendida.

Nathaniel suspirou, pensando que não tinha pai, nem dinheiro, nem qualquer outra coisa além de um velho bolso vazio e habilidade para tocar violino.

Tommy compreendeu o que significava aquele suspiro e, depois de uma breve e profunda reflexão, exclamou:

– Ouve, vou dizer-te o que pensei. Aborrece-me muito andar atrás dos ovos que as minhas galinhas põem. Se quiseres encarregar-te desse trabalho, eu dou-te um ovo por cada dúzia que juntares. Quando tiveres doze poderás vendê-los por vinte e cinco centavos à mamã Bhaer e com esse dinheiro farás o que te apetecer.

– Contrato fechado! És um bom amigo! – exclamou Nat, feliz e deslumbrado com a proposta.

– Ora! Ora! Não falemos mais nisso. Começa já a procurar no celeiro, que eu espero-te aqui. A minha Cinderela está a cacarejar e certamente vais lá encontrar um ovo – disse Tommy, deitando-se na palha, satisfeito por ter realizado um bom contrato e ao mesmo tempo cometido uma boa ação.

Nat começou alegremente a procurar, e espantando as galinhas e remexendo tudo, andou de recanto em recanto até encontrar dois magníficos ovos, um oculto debaixo de uma viga e outro depositado numa medida de grão.

– Dá-me um, que preciso para completar uma dúzia,ficarás com o outro e, a partir de amanhã, começaremos a contar. Aqui, com giz, podes tomar as tuas notas junto às minhas e assim verificamo-las facilmente – disse Tommy, mostrando uma fila de sinais misteriosos traçados sobre uma velha máquina debulhadora.

Com ar de importante solenidade, o orgulhoso proprietário de um ovo abriu uma conta-corrente com o seu amigo, o qual, rindo a bom rir, escreveu sobre os sinais esta frase imponente:

"Thomas & Companhia".

O pobre Nat estava tão fascinado que a custo se persuadiu que devia ir depositar o seu primeiro troço de propriedade móvel na cesta dos ovos de Asia. A seguir os dois garotos voltaram para trás e, depois de passar revista a dois cavalos, a seis vacas, a três porcos e a um vitelinho, Tommy levou o seu

amigo a visitar um salgueiro já idoso que crescia junto ao ribeiro. Subindo a cerca era fácil atingir um amplo ninho formado por ramos e folhas arrancadas da copa da árvore. Na parte superior dos troncos as podas anuais tinham deixado grossos ramos nus, que, voltando a crescer, formavam uma espécie de cúpula verde. Ali haviam arranjado uns diminutos assentos e, num buraco habilmente escavado, existia um espaço suficientemente grande para guardar dois livros, um barquito desmantelado e alguns apitos.

– Este lugar é de "Meio- Brooke" e meu. Fizemo-lo nós e sem nossa autorização ninguém pode subir para aqui, exceto Daisy, mas essa não nos incomoda que suba – declarou Tommy, enquanto Nat olhava arrebatado para o ribeiro e para os enxames de abelhas que zumbiam e se banqueteavam com o néctar das perfumadas flores do jardim.

– Mas isto é muito bonito! Espero que consintas que eu suba mais algumas vezes. Nunca vi nada tão lindo! Gostava de ser pássaro para viver sempre neste ninho – disse Nat.

– Está bem. Podes subir se "Meio-Brooke" te autorizar, e suponho que sim, porque a noite passada ele disse que tu eras muito simpático.

– Deveras? – perguntou Nat, com um sorriso de júbilo, muito estimando a simpatia de "Meio-Brooke", a quem tinha em elevado conceito por o achar sério e afável e por ser sobrinho do papá Bhaer.

– Sim, "Meio-Brooke" gosta dos rapazes sossegados e haveis de ser bons amigos se procurares ler tão bem como ele.

Nat ruborizou-se ao ouvir estas palavras e balbuciou:

– Não leio muito bem porque nunca tive tempo para aprender; já sabes que vivia a tocar violino para ganhar a vida.

– Pois eu gosto muito de ler, e leio razoavelmente quando é preciso – afirmou Tommy, admirado por se ver perante um rapaz de dez anos que ainda sabia ler mal.

– Mas posso ler um pedaço de música – acrescentou Nat, envergonhado da sua ignorância.

– Pois eu não – replicou Tommy, com certo respeito.

– Quero estudar e aprender tudo o que possa. São difíceis as lições do Sr. Bhaer?

– Não, são fáceis, e quando surge uma pequena dificuldade ele explica até que aprendamos. Outros mestres são muito diferentes.Tive um antes do Sr. Bhaer que, quando nos enganávamos numa lição, batia-nos – disse Tommy, coçando a cabeça ao lembrar-se dos métodos de ensino, nada meigos, do

outro professor.

– Parece-me que sou capaz de ler isto – disse Nat, depois de olhar para um dos livros guardados no esconderijo.

– Então vá lá, lê um bocadinho, que eu ajudo-te – exclamou Tommy, com ar protetor.

Soletrando e gaguejando levemente, Nat leu o melhor que pôde e soube, carinhosamente auxiliado por Tommy, o qual declarou, com toda a autoridade, que bem depressa o seu amigo leria tão bem como o melhor aluno da casa. A seguir continuaram a palrar infantilmente acerca de diversos temas e em especial de horticultura, porque Nat, do seu elevado assento, perguntava o que tinham semeado nos talhões de terreno que se viam no outro lado do ribeiro.

– Esses talhões são as nossas fazendas. Cada um tem a sua propriedade e semeia nela o que mais gostar. Mas não podemos escolher muito nem fazer trocas até depois da colheita e temos de cuidar dos nossos campos durante o Verão.

– O que semeaste este ano?

– Favas para o gado, porque é uma colheita fácil de fazer.

Nat desatou a rir. Tommy deitou o chapéu para trás, meteu as mãos nos bolsos e disse, lenta e gravemente, imitando, sem o saber, Silas, o jardineiro-hortelão da casa:

– De que te estás a rir? As favas são muito mais fáceis de cultivar do que os cereais. O ano passado semeei melões, mas os pássaros comeram os frutos sem os deixar amadurecer e apenas colhi uma linda melancia e dois melõezinhos.

– Os cereais estão muito crescidos – observou cortesmente Nat, contendo o riso.

– Sim, mas exigem muitos cuidados. As favas crescem em cinco ou seis semanas e ficam boas muito depressa. Eu pude semeá-las porque fui o primeiro a falar nisso. "Traga-Bolos" queria semeá-las também, mas teve de contentar-se com ervilhas. Estas têm o inconveniente de requerer muitos cuidados, pelo que terá de proceder com mil cautelas se quiser comer ervilhas.

– Também vou ter a minha horta? – perguntou Nat, pensando que, embora os cereais exigissem muito trabalho, tratava-se de uma cultura de grande entretenimento e muito agradável.

– Creio que sim – respondeu cá debaixo o Sr. Bhaer, que regressava do

passeio e vinha buscar os pequenos, pois invariavelmente costumava passear todos os dias com cada um dos seus discípulos.

Ao encontrar-se com aqueles dois tagarelas aproveitou a ocasião para começar a traçar os planos para a semana que principiava.

A simpatia é uma grande força e opera maravilhas. Os pequenos sabiam que o papá Bhaer se interessava sinceramente por eles e estavam sempre dispostos por isso a serem francos, em especial os mais velhinhos, que gostavam de falar-lhe dos seus projetos e das suas esperanças no futuro. Em caso de doença ou aflição voltavam-se instintivamente para a tia Jo, que sempre se comportava como uma mãe de todos.

Ao descer do salgueiro, Tommy caiu no riacho, como tantas vezes lhe acontecia; escorreu, tranquilamente, a água e dirigiu-se para casa, a fim de se enxugar. Nat ficou, pois, só com o Sr. Bhaer, que era o que este exatamente desejava, e durante o tempo em que andaram a examinar os canteiros do jardim e os talhões o mestre conseguiu conquistar a amizade do rapaz, oferecendo-lhe uma "propriedade" e discutindo com ele sobre as colheitas tão seriamente como se o sustento da família dependesse do resultado delas. Conversaram também sobre diversos temas, que despertaram esperanças, recebidas com a mesma ânsia com que a terra sedenta recebe as primeiras chuvas primaveris. Enquanto comia, o rapaz esteve pensando em todas essas risonhas perspectivas e, de vez em quando, fixava o olhar no Sr. Bhaer, como a dizer-lhe:

"Agrada-me a oferta. Não falte o senhor ao prometido".

Não se sabe se o mestre compreendeu ou não a muda linguagem do pequeno; todavia, quando se encontraram reunidos no quarto da Sra. Bhaer para a tertúlia noturna do domingo, o bom sujeito escolheu como tema de conversa um assunto que parecia sugerido pelo passeio no jardim.

Nat, quanto mais observava, mais se convencia de que aquela era uma numerosa familia e não uma escola. Os pequenos estavam sentados em cadeiras e sobre o tapete, formando um amplo semicírculo próximo do fogo. Daisy e "Meio-Brooke" tinham ocupado os joelhos do tio. Rob, muito aconchegado, sentara-se no braço da cadeira da mãe, disposto a dormir se a conversa não lhe agradasse. Todos estavam satisfeitos e escutavam o Sr. Bhaer com atenção, gozando aquele descanso após o grande passeio e preparando-se para responder, pois já sabiam que a cada um seria pedida a sua opinião.

Os meninos pensaram nas suas respectivas respostas e alguns sentiram

remorsos por terem contribuído para o esgotamento das provisões de paciência da bondosa tia Jo.

Franz precisava de perseverança; Tommy, firmeza; Ned, doçura de carácter; Daisy, diligência; "Meio-Brooke", "tanta sabedoria como o avô"; Nat confessou, com humildade, achar-se necessitado de muitas coisas e deixou que o Sr. Bhaer decidisse em seu lugar. Os outros escolheram quase todos o mesmo: paciência, constância, generosidade e bom humor. Um dos pequenos desejava gostar de se levantar cedo, mas não sabia que nome dar àquela espécie de planta; "Traga-Bolos" exclamou, suspirando:

– Gostava de ter vontade de estudar tanto como gosto de comer, mas não é possível.

– Semeemos abnegação e cavemo-la, reguemo-la e faremos com que cresça tanto que no próximo Natal ninguém ficará doente por comer muito. Se exercitares a tua imaginação, querido Jorge, verás que o entendimento chega a sentir tanta fome como o estômago e hão de agradar-te tanto os livros como te agrada ouvir os meus contos – advertiu o professor, que, a seguir, acariciando "Meio-Brooke", disse: – Também tu, meu filho, és glutão e gostas de encher o cérebro com contos de fadas e com fantasias, do mesmo modo que Jorge enche o estômago com pastéis e guloseimas. Ambos os excessos são maus e devem evitá-los. A aritmética não é tão agradável como as Mil e uma Noites, já o sei, mas é muito mais útil, e agora é altura de a aprenderes, para que depois te não envergonhes da tua ignorância.

– Mas Henrique e Luzia e Robinson não são livros fantásticos, falam de construções, trabalhos e lavores úteis e eu gosto deles, não é verdade, Daisy?

– Sim, mas lês mais o Pássaro Azul do que Henrique e Luzia e preferes Simbad o Marinheiro a Robinson. Vá, vou fazer uma combinação com os dois; o Jorge não comerá mais do que três vezes por dia e tu não lerás mais do que um livro de contos por semana; em troca, dar-vos-ei um novo campo para jogar o críquete; mas tereis de me permitir que jogue também – insistiu o mestre, porque sabia que "Traga-Bolos" se negaria a correr e que "Meio-Brooke" consagraria as horas de recreio a enfronhar-se na leitura.

4. A cozinha de Daisy

– Que tens, Daisy?

– Os meninos não querem deixar-me brincar com eles.

– Porquê?

– Porque dizem que as meninas não podem jogar à bola.

– Sim, podem, porque eu também joguei – observou a mamã Bhaer, lembrando-se dos tempos da sua infância.

– Eu sei que posso, porque das outras vezes tenho jogado com meu irmão, mas agora não quer que eu jogue com ele porque os outros meninos troçam dele – declarou Daisy, irritada.

– Teu irmão tem razão. Vou tentar arranjar-te alguma coisa que te distraia.

– Estou cansada de brincar sozinha – disse Daisy, tristemente.

– Brincarei contigo um bocado, embora esteja muito atarefada, porque tenho de ir à cidade. Vens comigo e vais ver a avozinha, e, se quiseres, ficarás ao pé dela.

– Gostava de vê-la e a Josy também, mas se permites voltarei contigo; "Meio-Brooke" sentiria a minha falta, e, além disso, gosto muito de estar ao pé de ti.

– Não consegues habituar-te a viver longe do teu irmão?

– Não, querida tia, gostamos muito um do outro – afirmou Daisy, com certo orgulho.

– Bom, com que te vais entreter enquanto acabo de meter esta roupa branca no armário?

– Não sei; estou farta de bonecas e gostava de um brinquedo novo.

– Agora reparo que ainda não foste espreitar o que a Asia está a arranjar para o almoço.

– Vou lá ver, se a Asia não estiver de mau humor – murmurou Daisy, afastando-se lentamente em direção aos fogões, onde a negra cozinheira era rainha absoluta.

Cinco minutos depois voltava muito contente com um pedaço de massa na mão e o nariz cheio de farinha.

– Tia, vamos amassar a farinha e fazer bolos e pastéis. A Asia está bem

disposta e consente. Posso ir para lá?

– Sim, minha filha; vai em boa hora e faz o que te apetecer. Podes lá ficar o tempo que quiseres.

Daisy afastou-se rapidamente e a tia ficou a pensar num novo brinquedo para ela. De repente sorriu, fechou o armário e disse para si própria:

– Já sei, parece-me que é possível.

Ninguém, durante aquele dia, se apercebeu do projeto da mamã Bhaer; quando anunciou a Daisy que ia comprar-lhe um novo brinquedo a pequena ficou radiante e, enquanto iam a caminho da cidade, assaltou-a com perguntas, sem que conseguisse obter uma resposta que lhe permitisse adivinhar de que é que iria ser dona. Daisy ficou com a avó e com Joey, enquanto a tia foi fazer compras. Quando voltou, carregada de embrulhos que foram arrumados na diligência, a pequena ficou presa de tal curiosidade que manifestou desejos de regressar imediatamente a Plumfield. Mas a tia Jo não tinha pressa e esteve a conversar com a avó, referindo-se às proezas dos rapazes.

Certamente, sem que Daisy tivesse dado por isso, a tia Jo pusera a avó ao corrente do segredo, porque quando a boa senhora lhe pôs o chapelito e lhe deu um beijo de despedida, disse-lhe:

– Sê boa, Daisy, e procura tirar proveito da magnífica prenda que acabam de comprar-te. Já podes ir agradecendo a tua tia por ensinar-te a usá-la, pois sei que o seu manejo não é muito do seu agrado.

Ambas as senhoras se puseram a rir e divertiram-se imenso ao ver a expressão de curiosidade da pequena.

Ao entrar em casa, Daisy não tirava os olhos dos pacotes que iam descendo da diligência e notou que Franz carregou com um embrulho grande e pesado, levando-o para o quarto imediato ao da tia Jo.

Daisy estava excitada e o seu nervosismo e curiosidade contagiaram os pequenos, que assaltaram a mamã Bhaer com oferecimentos de ajuda. Mas a boa senhora recusou-se a aceitar colaboração.

Os rapazes, após breve meditação, convidaram amavelmente Daisy para que brincasse com eles às quilhas, aos soldados, ao futebol... A pequena ficou espantada por, de modo tão inesperado, lhe prodigalizarem tantas atenções.

Passou a tarde muito divertida; deitou-se cedo e na manhã seguinte aprendeu tão bem as lições que o papá Bhaer lamentou que não houvesse maneira de dispor de um brinquedo novo todos os dias. Os rapazes sobressaltaram-se quando viram que deixavam Daisy sair da aula às dez,

porque todos sabiam que ia tomar posse do prodigioso e desconhecido brinquedo. Seguiram-na com um olhar ansioso e estavam todos mais ou menos distraídos, como "Meio-Brooke", que, quando Franz lhe perguntou onde ficava o deserto do Saara, respondeu prontamente:

– No quarto imediato ao da tia Jo. – Escusado é dizer que a classe inteira soltou uma gargalhada.

Entrando apressadamente no quarto da tia, Daisy gritou:

– Já dei a lição! Não posso esperar mais!

– Vem, está tudo pronto -– respondeu a mamã Bhaer, pegando em Teddy ao colo, apanhando o cesto da costura e passando ao quarto contíguo.

– Não vejo nada – disse Daisy, olhando com ansiedade.

– Ouves alguma coisa? – perguntou a tia Jo, contendo Teddy, que desatou a correr para um dos lados do quarto.

Daisy ouviu um rumor estranho e a seguir um ruído como o de uma panela quando está a ferver. O som vinha detrás de uma cortina sobre o espaçoso vão da janela. Daisy correu-a, lançou um enorme "oh!" de júbilo e ficou pasmada, contemplando tudo deleitada.

– Que magnífico brinquedo! Vão deixar-me cozinhar, preparar refeições, acender o lume e varrer? Sim? Que alegria! Como te ocorreu oferecer-me este trem de cozinha?

– Ao observar que gostavas de ajudar a Asia. Supus que a nossa cozinheira te não deixaria mexer com frequência nos seus cozinhados; além disso, ali corrias o risco de te queimares. Então pensei oferecer-te um fogão adequado e ensinar-te a cozinhar e assim terás arranjado um entretenimento proveitoso. Fartei-me de procurar e meter o nariz nas lojas de brinquedos, mas tudo quanto encontrava era grande e muito caro. Casualmente encontrei-me com o tio Teddy, o qual, generosamente, se prontificou a ajudar-me e fez questão de adquirir o melhor trem de cozinha que encontrámos. Eu opus-me, mas o tio lembrou-me os tempos em que, sendo eu menina, cozinhava também; e seguidamente tratou de comprar todas as caçarolas e utensílios mais bonitos que encontrou na loja, com destino às "cozinheiras de trazer por casa".

– Oh que bom que foi que lá estivesse o tio Teddy!

– É preciso que sejas muito aplicada e que aprendas bem a tua nova ocupação. O tio disse-me que pensa vir cá com frequência tomar chá e espera que lhe sejam servidos bons e requintados petiscos.

– Não há no mundo cozinha mais linda nem mais graciosa do que esta.

Não sei de nada melhor do que aprender a cozinhar nela. Poderei aprender a fazer macarrão, pastéis, bolos e tudo, não é verdade? – respondeu Daisy, dando pulos com a concha numa mão e a escumadeira na outra.

– Quando quiseres. Nomeio-te minha cozinheira particular e vou ensinar-te a fazer todos os pratos que quiseres; assim terás sempre algum acepipe extraordinário para fazer e, pouco a pouco, irás aprendendo a cozinhar. Passarás a chamar-te Sally quando estiveres a fazer de cozinheira particular – advertiu a mamã Bhaer, enquanto Teddy ia chupando no dedo e olhando estupefacto para a cozinha.

– Acho muito bem! Começarei então por ser a Sally.

5. Aventuras e desventuras de Dan

– Dá-me licença, minha senhora? Posso falar-lhe por um momento acerca de um assunto muito importante? – perguntou Nat, assomando a cabeça pela porta entreaberta do quarto da mamã Bhaer.

Em meia hora era esta a quinta audiência solicitada à boa senhora.

A tia Jo levantou os olhos e respondeu afavelmente:

– Que desejas, meu filho?

Nat entrou, fechou a porta e exclamou:

– Acaba de chegar Dan.

– E quem é esse Dan?

– Um rapaz a quem conheci quando era músico ambulante, vendia jornais e tratava-me com amizade. Outro dia encontrei-o na cidade e contei-lhe como estava bem aqui e ele resolveu vir até cá também.

– Então veio depressa visitar-te.

– Não veio visitar-me. Vem viver para aqui se a senhora o consentir.

– Mas não sei quem é, nem conheço os seus antecedentes.

– Julguei que a senhora gostasse de recolher meninos pobres e tratá-los com amor como me trata a mim – disse Nat, surpreendido e um pouco alarmado.

– Sim, mas primeiro necessito de informar-me acerca deles e fazer uma escolha, porque receio não dispor de casa para todos.

– Eu não sabia nada disso, de modo que o convidei; mas, enfim, se não há lugar para ele que se vá embora – murmurou tristemente Nat.

Comovida e desejosa de não frustrar a esperança que o pequeno forjara acerca da hospitalidade em Plumfield, a mamã Bhaer respondeu:

– Diz-me o que sabes acerca de Dan.

– Nada mais sei; sei apenas que não tem família, que é pobre, que me tratou com amizade e que se eu pudesse o ajudaria.

– Já é alguma coisa o que me dizes, mas não sei onde acomodá-lo – afirmou a mamã Bhaer, sempre disposta a praticar o bem.

– Podia deitar-se na minha cama; eu iria dormir para o palheiro. Agora não está frio e não me importava de dormir sobre a palha. Pior muito pior, passava eu quando vivia com meu pai...

Emocionada e acariciando o garoto, a tia Jo retorquiu:

– Traz o teu amigo, Nat, e eu tratarei de o alojar sem ser preciso ceder-lhe o teu lugar.

Nat saiu alegremente e voltou em seguida trazendo um rapaz de aspecto pouco simpático, algo intratável e que olhava com un ar meio atrevido, meio insolente.

Após uma rápida inspeção, a mamã Bhaer pensou para consigo: "Não prevejo dias muito felizes com este novo hóspede".

– Este é que é o Dan – informou Nat.

– Nat disse-me que gostarias de viver connosco.

– Sim.

– Não tens família nem amigos que olhem por ti?

– Não.

– Diz "não, minha senhora" – advertiu Nat.

– Não tenho ninguém.

– Quantos anos tens?

– Vou fazer catorze.

– Pareces ter mais. O que é que sabes fazer?

– Quase tudo.

– Se ficares aqui trabalhas, estudas e brincas como os outros. Agrada-te?

– Não me importo de experimentar.

– Está bem. Ficarás, pois, aqui alguns dias e veremos como nos damos contigo. Nat, leva o teu amigo e entretém-no até que volte o papá Bhaer; então resolveremos em definitivo – indicou a tia Jo, achando um tanto embaraçoso continuar a conversa com aquele rapaz que a fitava com olhos, negros e grandes, cheios de uma firme expressão dura, receosa, triste e imprópria da sua tenra idade.

– Vamos, Nat – exclamou o novo hóspede, afastando-se.

– Muito obrigado, minha senhora – murmurou Nat, abandonando a sala e comparando a recepção que lhe tinham feito e a que faziam ao seu amigo. A seguir exclamou: – Os meus companheiros estão no celeiro, brincando ao circo. Queres ir até lá?

– São rapazes maiores do que eu?

– Não; os mais velhos foram à pesca.

– Então vamos.

Nat levou-o até ao celeiro e apresentou-o ao grupo de miúdos que estavam a brincar dentro das tulhas meio vazias. No chão tinham desenhado

um grande círculo e no centro estava "Meio-Brooke" empunhando um chicote. Tommy, montado sobre o pacífico jumentinho, fazia cabriolices e brincava imitando um macaco amestrado.

– A entrada custa um alfinete – observou "Traga-Bolos", que se encontrava à porta, mesmo ao lado do carrinho de mão que fazia de estrado para a orquestra, constituída por Ned, que soprava sobre um pente coberto com papel de seda, e por Rob, que batia furiosamente num tacho.

– Este é um convidado e eu pago por ele – disse Nat, cravando generosamente dois alfinetes torcidos numa folha de papel que fazia de caixa do dinheiro.

Os dois novos espectadores saudaram com uma inclinação de cabeça a companhia e tomaram lugar sobre um montão de tábuas. O espetáculo continuou. Quando o macaco amestrado concluiu os seus trabalhos, Ned executou um número de saltos sobre uma cadeira velha e trepou agilmente por várias escadas. "Meio-Brooke" bailou com ar solene, Nat foi indigitado para lutar com "Traga-Bolos" e com grande rapidez atirou ao chão o corpulento miúdo. Depois Tommy avançou com altivez e solenidade para executar um salto mortal, habilidade em que adquirira grande destreza à força de perseverança e de sofrer quedas e pancadas tremendas. Grandes aplausos aclamaram a habilidade do pequeno, e quando este, inchado de vaidade e vermelho por lhe ter subido o sangue à cabeça, se dispunha a sentar-se, ouviu-se uma voz gritar depreciativamente:

– Isso não vale nada!

– Volta a repetir o que disseste, se te atreves! – rugiu indignado Tommy.

– Queres jogar à pancada? – exclamou Dan, abandonando o seu lugar e mostrando os punhos cerrados.

– Não, não – respondeu Tommy, assustado com a agressividade de Dan.

– Estão proibidas as brigas – gritaram em coro os demais rapazes.

– Que sorte tens! – murmurou Dan, troçando.

– Se não te portas bem não ficarás connosco – insinuou Nat, ofendido com aquele insulto feito ao seu amigo.

– Gostava de o ver dar o salto mortal melhor do que eu – observou Tommy.

– Então espera e verás – disse Dan, que, sem balanço, deu três saltos mortais seguidos, ficando de pé.

– Saltou muito melhor do que tu – disse Nat a Tommy, muito satisfeito pela agilidade do seu protegido.

Naquele momento Dan executava três saltos mortais de costas e passeava sobre as mãos, com os pés para cima e a cabeça para baixo. Os espectadores aclamaram freneticamente. Dan permanecia imóvel, olhando todos com ar de tranquila superioridade.

– Achas que serei capaz de aprender tudo isso que tu sabes sem me aleijar? – perguntou Tommy.

– E que me darás tu se eu te ensinar?

– O meu canivete novo; tem cinco lâminas e só uma está partida.

– Dá-mo cá.

Tommy entregou o canivete, olhando-o com certa pena, Dan examinou-o, meteu-o no bolso e voltou as costas ao rapaz dizendo:

– Fico com ele até que aprendas.

Tommy lançou um uivo; gritaram todos os rapazes indignados e Dan, vendo-se em minoria, propôs que se jogasse o canivete ao "cara ou coroa". Acedeu o seu legítimo dono, formou-se um círculo e em todos os rostos se refletiu ansiedade, que se converteu depois em satisfação quando Tommy ganhou o jogo e sepultou o canivete nas insondáveis profundezas dos seus bolsos.

– Acompanha-me, que eu vou mostrar-te o que há para ver na casa – disse Nat, compreendendo que era preciso falar séria e reservadamente com o seu amigo.

O que os dois garotos disseram um ao outro ninguém o soube; mas quando apareceram novamente, Dan mostrou-se mais respeitoso para com todos, ainda que continuasse um tanto áspero no falar e grosseiro nos modos. Mas poderia esperar-se algo melhor de um pobre rapaz abandonado, sem afetos e sem educação?

Os rapazes concordaram em que o novo companheiro era pouco simpático e deixaram-no só com Nat. Este, embora sentisse a responsabilidade que havia contraído, era demasiado bom para abandonar um antigo amigo seu.

Tommy, apesar do incidente do canivete, espreitava a oportunidade de voltar a falar sobre o ensino dos saltos mortais. A ocasião proporcionou-se depressa, porque Dan, ao ver- se admirado, mostrara-se mais afetuoso, e, antes de a semana findar, já o aprendiz de acrobata falava com ele com toda a intimidade.

Depois de ter visto Dan e de se informar de como ele tinha entrado para a casa, o papá Bhaer meneou a cabeça e limitou-se a dizer tranquilamente:

– A experiência pode sair-nos cara, mas tentá-la-emos.

Se Dan sentia reconhecimento para com os seus protetores não o dava a entender, limitando-se a receber o que lhe ofereciam, sem agradecer. Era ignorante, mas com muita inclinação para aprender quando queria; tinha olhar inquiridor, língua desbragada, modos rudes e carácter altaneiro umas vezes, taciturno outras. Era muito destro em toda a espécie de jogos. Com as pessoas mais velhas mostrava-se silencioso e grosseiro, e só de vez em quando parecia sociável para com os rapazes. Estes não simpatizavam com ele, mas admiravam-no por ser valente, forte e audacioso. Certa ocasião derrubou facilmente o grandalhão do Franz. O papá Bhaer observava e estudava o menino selvagem e costumava dizer para consigo: "Oxalá a experiência nos dê bom resultado, mas receio que nos saia cara".

Ao tentar ensinar Dan, a tia Jo desesperava-se seis ou oito vezes por dia, procurando dissimular a sua impaciência e afirmando sempre que o rapaz tinha no fundo bom coração.

Era mais carinhoso para os animaizinhos do que para as pessoas; gostava de vaguear sozinho pelo bosque, mas, coisa estranha, mostrava um carinho apaixonado por Teddy. A que obedecia isto? Ninguém o pôde averiguar, mas a verdade era que estava sempre pronto para brincar com o "bebé", com quem se dava às mil maravilhas, e o pequeno entusiasmava-se e não queria estar com mais ninguém que não fosse o selvagenzinho, a que chamava "mê Danny".

Teddy era a única pessoa por quem Dan mostrava afeto, embora reservasse as suas demonstrações de amizade para os momentos em que se encontravam sós. Mas os olhos de uma mãe veem tudo e o coração materno, instintivamente, sabe adivinhar quem ama os seus filhos. A tia Jo, quando descobriu o fraco de Dan, esforçou-se por aumentar a brecha para conseguir a conquista daquela alma.

Todavia, um acontecimento inesperado e de certa gravidade destruiu todos esses planos e desterrou de Plumfield o menino selvagem.

Tommy, Nat e "Meio-Brooke" começaram a proteger Dan ao vê-lo alvo de desprezo dos outros rapazes; e muito depressa sentiram que existia certa fascinação no mau pequeno e admiravam-no mais e mais, cada um por razões diferentes. Tommy admirava- o por ser hábil e valoroso; Nat queria pagar-lhe a antiga dívida de afeto, e "Meio-Brooke" considerava-o como um livro de histórias vivo, pois o pequeno selvagem estava sempre disposto a contar alguma das suas numerosas e interessantes aventuras. Dan lisonjeava-se com

a predileção dos três rapazes e esforçava-se por se tornar agradável.

Os esposos Bhaer estavam surpreendidos e esperavam ansiosos que o trato e a influência dos três meninos ajudassem Dan, sem prejuízo para nenhum deles.

Dan percebia que tinham escassa confiança nele e em lugar de procurar inspirá-la comprazia-se em mostrar-se pior do que era e em frustrar as esperanças dos seus protetores, esgotando-lhes a paciência.

O papá Bhaer não consentia brigas, por não considerar exercício viril nem prova de coragem que dois rapazes se socassem mutuamente para divertimento dos outros. Tolerava toda a espécie de jogos e exercícios arriscados, mas opunha-se a que, por passatempo, os pequenos se espancassem uns aos outros, esmurrando os olhos e o nariz à força de socos.

Dan ria-se da proibição e comprazia-se em falar acerca da sua coragem e das lutas em que tantas vezes tinha intervindo. E tão entusiásticas eram as suas descrições que os ouvintes sentiam-se inflamados de ardores bélicos.

– Se prometem guardar segredo eu ensino-vos a lutar – disse Dan, certo dia. E, reunindo meia dúzia de condiscípulos atrás do palheiro, deu-lhes uma lição de boxe que os deixou satisfeitos a quase todos. Todavia, Emil não se resignava a reconhecer a superioridade do seu colega mais novo – pois tinha feito já catorze anos e era o galito da casa –, e voltou a desafiar Dan. Este aceitou o repto, que provocou grande interesse entre os demais.

Certamente "o espírito santo de orelha" levara ao mestre a notícia do que se estava passando, porque no melhor da refrega, quando Dan e Emil se batiam embravecidos e todos os outros os excitavam ferozmente, o papá Bhaer entrou no círculo, separando os dois contendores com mão vigorosa e exclamando, com ar solene e pouco vulgar nele:

– Não consinto isto! Parem imediatamente e que jamais se volte a repetir semelhante espetáculo! Eu tenho uma escola para meninos e não para bichos selvagens. Olhai-vos e envergonhai-vos de vós mesmos.

– Larguem-me, larguem-me, que eu lhe digo – exclamou Dan, lutando para se libertar.

– Vem cá! Vem cá! Se ainda queres mais! – gritava Emil, que caíra cinco vezes por terra e não dava conta dos murros sofridos.

– Estavam a brincar aos gladiadores romanos – disse "Meio-Brooke", com os olhos muito abertos pela excitação que lhe produzira o novo passatempo.

– Os gladiadores eram obrigados a esses espetáculos e creio que desde

então para cá alguma coisa aprendemos. Não consinto que a minha casa se converta em coliseu romano. Quem propôs isto? – perguntou o Sr. Bhaer, muito contrariado.

– Dan – disseram vários pequenos.

– Não sabias que as rixas estavam proibidas?

– Sim.

– Então porque desobedeceste às minhas ordens?

– É que, se não aprendem a lutar, vão ficar todos uns chochinhas.

– Achaste Emil um chochinhas? – perguntou o papá Bhaer, pondo os dois rapazes frente a frente. Dan tinha um olho todo pisado e o casaco feito em tiras. Emil, um lábio ensanguentado, o nariz esmurrado e um alto na testa. No entanto, olhava para o seu rival com vontade de renovar a peleja.

– Se aprendesse a lutar seria um adversário terrível – respondeu Dan, incapaz de regatear elogios ao adversário que o tinha obrigado a empregar todos os seus recursos.

– Há de aprender esgrima e boxe quando for altura, mas até lá passa muito bem sem receber lições da arte de jogar à bofetada. Ide-vos embora e lavai a cara; e tu, Dan, fica sabendo que, se voltas outra vez a desobedecer às minhas ordens, expulsar-te-ei daqui.

Afastaram-se os dois rapazes e, após breve responso aos espectadores, afastou-se também o papá Bhaer, que foi tratar das feridas aos incipientes pugilistas. Emil deitou-se porque se sentiu doente e Dan, durante uma semana, andou com o rosto desfigurado.

Mas o indómito rapazola não pensava em obedecer e depressa cometeu nova diabrura.

Um sábado à tarde, enquanto os mais pequenos tinham ido brincar, propôs ao Tommy:

– Queres ir até ao riacho e cortar um molho de canas novas para a pesca?

– Está bem, mas levamos o burrinho, para que as traga, e um de nós poderá vir montado nele – sugeriu "Traga-Bolos", inimigo declarado das caminhadas.

– Estou a ver que quem o monta és tu, meu "lesma"; mas está bem, vamos – exclamou Dan.

Afastaram-se e, assim que chegaram ao seu destino, cortaram as canas e retomaram o caminho do regresso.

Então, em má hora, vendo Tommy ereto sobre o burrito e empunhando uma comprida cana, lembrou-se de dizer a "Meio-Brooke":

– Parece um picador de touros; só lhe falta o trajo.

– Gostava de me encontrar em frente de um touro – disse Tommy, sobraçando a garrocha.

– Aqui perto temos um; na outra metade do prado está a velha Suíça, vamos lá acirrá-la – propôs Dan.

– De maneira nenhuma – gritou "Meio-Brooke", que desconfiava das propostas de Dan.

– E porque não, meu medroso? – perguntou Dan.

– Porque o papá Bhaer não gosta.

– Já o ouviste alguma vez dizer que nos proibia de fazer corridas de touros?

– Não.

– Pois então cala-te e anda, Tommy. Por acaso tenho comigo um trapo vermelho que vai servir de capote para fazer os passes – disse Dan, saltando a paliçada.

Tommy seguiu-o e "Meio-Brooke" sentou-se tranquilamente para presenciar a corrida.

A Suíça, ao ver-se acossada, deitou a correr pelo campo fora, perseguida e fustigada pelos pequenos. Por fim, o animal cansou-se e investiu contra o picador, derrubando o burro e o cavaleiro. Depois saltou a paliçada, fugindo desordenadamente pela estrada, até se perder de vista.

– Detenham-na! Detenham-na – gritava Dan, correndo atrás da Suíça, porque sabia que a vaca era o animal predileto do papá Bhaer e pensava que se algum mal lhe acontecesse seria sobre ele que recairia a culpa.

Que saltos, gritos e correrias tiveram de dar até apanhar a Suíça! As canas foram abandonadas; os rapazes estavam aterrados e sem fôlego. Por fim deram com a vaca, que, farta de correr, se refugiara numa horta. Dan deitou-lhe uma corda ao pescoço e conduziu-a para casa, seguido pela tauromáquica quadrilha, que caminhava compungidíssima porque a Suíça ia ensopada em suor e a coxear por ter deslocado uma pata ao saltar a "barreira".

Quando o papá Bhaer viu chegar a vaca e soube do que sucedera falou pouco com receio de falar com demasiada dureza. A Suíça foi para o estábulo e ali lhe fizeram o primeiro tratamento. Os rapazes foram mandados para os seus quartos até à hora de comer. Durante esse tempo puderam meditar acerca do castigo que os esperava, especialmente a Dan. Este, fingindo-se despreocupado, assobiava alegremente; mas por dentro sentia o maior desejo de continuar a viver ali, desejo que aumentava ao recordar-se das

comodidades e do afeto de que o rodeavam, em contraste com a miséria e o abandono em que outrora se achara. Compreendia perfeitamente o muito que tinham feito por ele e sentia uma grande gratidão pelo bem recebido, mas as asperezas na vida haviam-no tornado duro, insolente, obstinado e desconfiado. Odiava todas as restrições e revoltava-se contra elas, embora soubesse que eram justas. Na sua imaginação vagabundeou, como noutro tempo, pela cidade e ao pensar no que o esperava franzia a testa e relanceou o olhar pelo seu risonho quartinho com uma expressão de pesar capaz de comover um coração muito mais duro do que o do papá Bhaer.

No entanto, tal expressão desapareceu quando o mestre entrou e lhe disse muito seriamente:

– Estou ao corrente do que aconteceu e sei que de novo desobedeceste às minhas ordens; para comprazer a mamã Bhaer vou conceder-te de novo um prazo. Muitas vezes me contaram que tu te mostras mais afetuoso para os animais do que para as pessoas e a mamã Bhaer gostava muito dessa tua conduta por julgá-la sinal de bom coração. Vemos que nos enganámos e sentimo-lo bastante porque aspirávamos fazer de ti um homenzinho. Achas que devemos tentar de novo?

Dan tinha estado de cabeça baixa, dando voltas ao chapéu. Quando ouviu a carinhosa interrogação do papá Bhaer ergueu ansiosamente o olhar e respondeu com ar respeitoso que até então nunca empregara:

– Sim, senhor; se os senhores assim quiserem.

– Seja, pois, e não falemos mais nisso. O teu castigo e dos teus companheiros fica limitado a que não saiam a passear até que a pobre Suíça fique completamente restabelecida.

– Sim senhor.

– Agora, desce para comeres e procura comportar-te o melhor possível, meu filho, mais por ti do que por nós.

O Sr. Bhaer afastou-se, não sem ter trocado primeiro um aperto de mão com Dan. Este desceu para sentar-se à mesa muito mais contrito pelo carinho do que se lhe tivessem administrado as chicotadas que a indignada Asia recomendara.

Durante dois dias Dan moderou-se, mas como não estava habituado a isso depressa se cansou e voltou às suas antigas diabruras.

O papá Bhaer, por assuntos particulares, teve de passar um dia fora de casa e como tal os rapazes não tiveram aula. Ficaram contentíssimos e brincaram todo o santo dia até à hora de se deitarem. Quase todos

adormeceram como justos.

Quando Dan se viu só com Nat, tirou debaixo da cama uma garrafa, um cigarro e um baralho de cartas e disse:

– Olha! Vou passar um bom bocado como aqueles que passava com os meus amigos da cidade. Tenho aqui cerveja e um cigarro, que comprei fiado ao velhote da estação; tu encarregas-te de o pagar por mim senão que o pague Tommy, que tem muito dinheiro, enquanto eu não tenho um centavo. Vou convidar os outros.

– Eles não gostam de beber nem de fumar.

– Que sabem eles disso! O papá Bhaer está fora e a tia Jo não se afasta do berço de Teddy, que está com anginas. Não fazendo barulho, podemos ficar acordados sem que ninguém saiba.

– Saberá Asia, porque percebe quando a lâmpada fica acesa muito tempo.

– Não se apercebe; porque para evitar isso trouxe uma lanterna furta-fogo. Não dá muita luz, mas, em contrapartida, oferece a vantagem de podermos apagá-la instantaneamente se ouvirmos alguém aproximar-se.

– Queres que chame "Meio-Brooke"?

– Não, o "Diácono" ficaria escandalizado e pregava-nos um sermão. Acorda Tommy sem fazeres barulho.

Nat obedeceu e ao cabo de um minuto regressou com Tommy, meio vestido e a cair de sono, mas disposto a divertir-se.

– Bom, está tudo a calhar; vou ensinar-vos um jogo muito bonito que se chama póquer – exclamou Dan.

Os três jogadores sentaram- se em volta da mesa, sobre a qual colocaram a garrafa, o cigarro e as cartas.

– Primeiro vamos beber; seguidamente daremos umas fumaças no cigarro e em seguida jogaremos. É assim que fazem os homens e divertem-se muito.

A cerveja circulou por todos; beberam, embora Nat e Tommy não tivessem gostado da amarga bebida; o cigarro agradou-lhes menos ainda, mas não se atreveram a confessá-lo. Fumou cada um por sua vez até os mais novos ficarem agoniados. Dan, recordando os tempos em que andava com a garotada, fumou, bebeu, disse fanfarronadas e até se permitiu praguejar em voz baixa.

– É muito feio praguejar – disse Tommy.

– Diabos te levem! Não me venhas com sermões; dizer palavrões faz parte da paródia.

– Pois então, se queres praguejar diz "Rebenta-rolas" – murmurou

Tommy, que tinha inventado aquela expressão e se orgulhava muito dela.

– E eu digo "Diabo!", soa muito bem – disse Nat.

Dan troçou da simplicidade dos seus companheiros e praguejou à vontade, enquanto lhes ensinava o jogo de cartas.

Mas Tommy já estava a dormir, e a cerveja e o tabaco tinham feito dores de cabeça a Nat; assim nenhum deles conseguia aprender o jogo e as cartas caíram-lhes das mãos. O quarto estava quase às escuras, porque a lanterna funcionava muito mal; os jogadores não podiam rir, nem falar alto, nem mexer-se muito, porque Silas dormia paredes meias com eles. A partida estava a tornar-se, pois, muito aborrecida. A meio do jogo, Dan deteve-se, apagou a lanterna e perguntou com voz assustada:

– Quem vem aí?

– Não vejo Tommy! – murmurou uma voz titubeante, ao mesmo tempo que se ouviam uns passos miúdos no corredor.

– É "Meio-Brooke" que foi à tua procura. Corre, Tommy, mete-te na cama e não faças barulho – ordenou Dan, fazendo desaparecer todos os vestígios da jogatina e despindo-se rapidamente. Nat seguiu-lhe o exemplo.

Tommy foi a correr para o seu quarto, meteu-se na cama e pôs-se a rir em silêncio até que alguma coisa lhe queimou a mão. Verificou então que ainda conservava entre os dedos a ponta do cigarro que fumava quando se interrompera a festa. O cigarro estava a apagar-se e o rapaz dispunha-se a extingui-lo de todo quando ouviu a voz de Hummel. Com receio que a ponta o denunciasse se a guardasse na cama, deitou-a para debaixo dela.

Hummel entrou com "Meio-Brooke", que se admirou vendo Tommy deitado tranquilamente.

– Pois se ainda há pouco não estava aqui, visto que me levantei e não o consegui encontrar em parte alguma – exclamou "Meio-Brooke" beliscando o fingido dorminhoco.

– Que brincadeiras são essas? – perguntou Hummel sacudindo carinhosamente Tommy. Este abriu os olhos e murmurou muito tranquilo:

– Tive de me levantar para dar um recado a Nat. Queres deixar-me dormir em paz? Estou morto de sono!

Hummel deitou e agasalhou "Meio-Brooke", dando a seguir uma volta pelos dormitórios sem nada ver de anormal, pelo que se retirou sem dizer nada à mamã Bhaer, que estava muito ocupada e aflita à cabeceira de Teddy.

Tommy, que, de facto, tinha muito sono, fez-se mouco às perguntas de "Meio- Brooke" e adormeceu a seguir sem suspeitar do que estava ocorrendo

debaixo da cama. Ao cair, a ponta do cigarro não se apagara; o lume ateara-se à esteira levantando uma chamazinha, que se foi propagando até chegar à franja da colcha, aos lençóis e por fim ao leito e às cortinas. Tommy dormia profundamente por causa da cerveja que tinha ingerido. O fumo já havia semiasfixiado "Meio-Brooke". Por último, ao sentir o contacto das chamas, os rapazes despertaram espavoridos.

Franz, quando ia deitar-se, depois de ter estudado por largo tempo, cheirou-lhe a queimado e correu, sem dar alarme, ao dormitório, tirando os rapazes dos leitos incendiados e começando a lançar sobre o incêndio toda a água que encontrou à mão. Isto dominou um pouco as chamas, mas não as extinguiu por completo. Todos os rapazes se levantaram assustados e fazendo grande alarido. A mamã Bhaer acudiu ato contínuo; Silas, aos berros, gritava: "Fogo"! Uma legião de diabinhos brancos em trajes menores encheu o salão, gritando e semeando o pânico.

Com grande sangue-frio, a Sra. Bhaer ordenou a Hummel que tratasse dos feridos e a Franz e a Silas que trouxessem baldes de água, com os quais foi vencendo o incêndio.

Quando no dia seguinte o papá Bhaer regressou encontrou Tommy com um braço ao peito, Teddy respirando com dificuldade, "Meio-Brooke" pálido e assustado, a tia Jo convertida em enfermeira e os rapazes todos muito excitados. Estes rodearam-no e levaram-no a ver os efeitos do incêndio.

Ao papá aborrecia solenemente o jogo, as bebidas e o feio costume de praguejar; nunca acreditara que os rapazes se atrevessem a fumar e encolerizou-se imenso ao ver que precisamente aquele com quem mais tinha condescendido se aproveitara da sua ausência para semear vícios entre os seus companheiros. A admoestação terminou com estas frases, pronunciadas com firmeza, embora com mágoa também:

– Tommy está suficientemente castigado com a cicatriz do braço, que lhe servirá de emenda, enquanto se lembrar do que aconteceu. Nat apanhou um susto bem grande e já sei que deplora o ocorrido e que procurará obedecer-me; mas tu, Dan, não mereces que te perdoe de novo. Não posso consentir que me desobedeças e que prejudiques os teus companheiros com os teus maus exemplos; despede-te, pois, de todos e encarrega Hummel de arranjar as tuas coisas dentro da minha mala preta.

– Senhor, para onde vai Dan? – perguntou, aflito, Nat.

– Para um lugar aprazível, onde costumo mandar os meninos que não estão bem aqui. O Sr. Page é pessoa carinhosa e Dan, se obedecer como é

devido, estará lá perfeitamente.

– E não volta mais a esta casa?

– Espero que sim, mas isso depende da sua conduta.

6. As travessuras de Nan

– Fritz, ocorre-me uma ideia – exclamou certo dia a mamã Bhaer, dirigindo-se ao marido, quando este saía da escola.

– Bom, minha querida, diz-me o que é.

– Daisy precisa de uma amiguinha e para os rapazes seria melhor que houvesse outra menina que privasse com eles. Além disso, recorda-te de que sempre pensámos em educar rapazes e raparigas juntos. Os rapazes aborrecem-se constantemente de Daisy e espero que se corrijam e melhorem de educação havendo meninas a seu lado.

– Como de costume pensaste bem, mas onde vamos nós arranjar uma menina?

– Lembrei-me de Annie Harding.

– Como? Pensaste na endiabrada Nan, como lhe chamam os pequenos?

– Sim, desde que lhe morreu a mãe está confiada aos cuidados dos criados, e, naturalmente, educam-na muito mal. Faz-me pena que assim suceda, tratando-se de uma menina tão inteligente como Annie Harding. Outro dia encontrei o pai na cidade e perguntei-lhe porque a não enviava para um colégio. Respondeu- me que a enviaria de bom grado se conseguisse encontrar uma escola de rapazes. Parece-me que muito lhe agradaria se nos encarregássemos da educação de Nan. E se esta tarde fôssemos buscá-la?

– Mas não tens bastantes trabalhos sobre ti, minha querida Jo, para quereres sofrer as travessuras de mais um diabinho?

– Sabes, querido Fritz, que gosto imenso das criaturas rebeldes e que sinto uma grande simpatia por Annie ao lembrar-me de que fui tão travessa como ela é agora. Estou certa de que essa pequena tem grandes qualidades e que unicamente necessita de uma educação acertada para ser uma rapariguinha tão boa como Daisy. Ou muito me engano ou nesta casa transformaremos em anjo esse diabinho rebelde. Para conseguir o milagre, basta proceder como o meu pai procedeu para comigo.

– E se conseguires apenas metade do que o teu pai conseguiu, milagre – e dos grandes – terás feito.

– Está bem; se troças de mim condeno-te a tomar uma semana inteira café muito claro – disse a mamã Bhaer, dando um puxão de orelhas ao marido.

– Daisy não se assusta com os costumes um tanto selvagens de Nan? – perguntou o mestre beijando os seus filhinhos Teddy e Rob, que lhe tinham subido para os joelhos.

– Pode ser que se assuste no princípio, mas tranquilizar-se-á depois; entretém-se muito quando Nan a vem visitar e espero que hão de dar-se bem e ajudar-se mutuamente. Metade da arte de ensinar consiste, quanto a mim, em saber o que os meninos podem fazer uns pelos outros e conhecer quando é oportuno tê-los juntos.

– Espero que não seja outro elemento de discórdia nem outro archote incendiário.

– Pobre Dan! Não consigo perdoar-me o tê-lo deixado ir-se embora.

Teddy, ao ouvir pronunciar o nome do seu amigo ausente, desceu dos joelhos do pai, correu para a porta, olhou para ela um instante, e voltou suspirando e dizendo:

– O mê Danny não vem.

– Devíamos tê-lo mantido connosco, quando mais não fosse levando-lhe em conta o grande amor que mostrava para com Teddy; talvez essa amizade e a presença do pequenito tivessem conseguido o que nós não conseguimos.

– Muitas vezes pensei nisso mesmo, querida Jo, mas não era possível, pelo menos agora, manter entre os rapazes um elemento de discórdia, nem continuarmos expostos a perecermos entre os escombros da casa incendiada.

– Já está posta a mesa! Vou tocar a sineta – gritou Rob. E ato contínuo principiou a repicar com tal energia que tornou impossível continuar a conversa.

– Concordamos, pois, em que posso trazer a Annie?

– Uma dúzia de Annies, se quiseres – respondeu o papá Bhaer, sempre pronto a receber todos os meninos abandonados e travessos do mundo.

Quando naquela tarde a tia Jo regressou da sua excursão, viu-se sair do carro, brincando, uma menina de uns dez anos de idade, que entrou correndo pela casa dentro, gritando:

– Olá, Daisy! Onde estás?

Daisy apareceu satisfeita, embora tivesse ficado inquieta ao ouvir Nan dizer:

– Venho para ficar e viver contigo; o papá autorizou-me. Amanhã mandam-me o baú com as coisas, porque hoje não estava lavada nem arranjada toda a minha roupa; a tua tia foi-me lá buscar. Havemos de brincar muito, não é verdade?

– Sim, sim. Trouxeste a boneca grande? – perguntou Daisy, lembrando-se que a boneca Branca Matilde, na última visita que fizera a casa de Nan, ficara estragada por a pequena ter teimado em lavar-lhe a cara.

– Sim, trago-a, mas anda mal da cabeça. Escuta: trago-te um anel feito com crinas arrancadas do rabo do Vencedor. Queres? – exclamou oferecendo-lhe o sedoso anel, como prenda de amistosa reconciliação, pois forçoso é esclarecer que da última vez que as duas meninas se haviam visto tinham-se separado dispostas a nunca mais se falarem em toda a vida.

Reconhecida por tão maravilhosa oferta, Daisy mostrou-se mais afetuosa e convidou Nan a visitar a sua cozinha. A recém-chegada respondeu:

– De maneira nenhuma: primeiro quero ver os rapazes – disse saindo a correr e rodopiando com o chapéu até que a fita se rompeu e ele ficou caído no chão.

– Olá, Nan! – gritaram os pequenos.

A pequena colocou-se de um salto no meio deles e exclamou:

– Venho viver para cá!

– Bravo! – exclamou Tommy do alto do muro em que estava escarranchado.

– Vamos jogar à bola – propôs Nan.

– Agora, não; além disso o nosso grupo ganha todos os jogos sem o teu auxílio.

– Pois então desafio-vos todos a fazer uma corrida.

– Ela corre muito? – perguntou Nat a Jack.

– Bastante, tendo em conta que é uma menina.

– Corremos ou não? – insistiu Nan, desejosa de mostrar as suas faculdades.

– Está muito calor – advertiu Tommy.

– O que tem o "Traga-Bolos"? – perguntou Nan.

– Magoou-se numa mão ao jogar à bola; este bebé queixa-se de tudo – respondeu Jack com certo desdém.

– Eu nunca me queixo de nada – afirmou orgulhosamente Nan.

– Pois sim! Sempre gostava de ver isso! – disse "Traga-Bolos" um tanto picado. – Aposto que sou capaz de te fazer gritar antes de dois minutos.

– Ora vamos lá ver!

– És capaz de arrancar aquelas urtigas? – perguntou " Traga-Bolos".

Nan, instantaneamente, arrancou a raiz da planta e brandiu-a sem se queixar das picadas cruéis que sofria.

– Bravo! Bravo – exclamaram os rapazes, sempre prontos a apreciar a coragem ainda que no sexo fraco.

– Como tens as mãos calejadas não tem valor algum o que fizeste – disse "Traga-Bolos". – O que tu não fazes, sem chorar, é dar uma cabeçada contra a parede do celeiro.

– Não faças caso! – murmurou Nat, que era inimigo de toda a crueldade.

Sem fazer caso da advertência, Nan desatou a correr e investiu contra o muro, dando uma cabeçada que ressoou como um tiro de canhão. Tão grande foi a pancada que a pequena cambaleou e disse:

– Bem vês que me dói, mas não me queixo.

– Atreve-te a dar outra cabeçada – rugiu "Traga-Bolos", encolerizado.

Nan dispunha-se já a repetir a proeza quando Nat a conteve; Tommy atirou-se sobre "Traga-Bolos" e, sacudindo-o, disse-lhe:

– Cala-te ou parto-te a cabeça contra o muro!

– Pois então que se não faça fanfarrona.

– É uma coisa muito feia fazer mal a uma menina! – disse em ar de censura "Meio-Brooke".

– Não me venhas com sermões, meu "Diácono"; já sabemos que ralhas à tua irmã todos os dias – observou o "Almirante".

– Mas nunca lhe faço mal, não é verdade, Daisy? – perguntou "Meio-Brooke", encarando a irmã, que estava tratando das mãos a Nan e recomendando-lhe que pusesse água no "galo".

– Tu és o melhor menino do mundo e, se algumas vezes me fazes mal é sem querer.

– Bom – ordenou imperativamente Emil –, a bordo deste navio não consinto rixas nem barbaridades.

– Como estás? – perguntou o papá Bhaer a Nan à hora do jantar. – Mostra-me a tua mão direita e acalma-te um pouco. Mas porque me dás a esquerda?

– Porque a outra dói-me.

– Mostra-a cá. Que fizeste tu para que se formassem estas bolhas? Quem foi que te fez mal?

Antes que Nan pudesse desculpar-se, Daisy referiu tudo quanto ocorrera. "Traga-Bolos", durante a descrição, procurou esconder a cara por detrás da caneca do leite. Quando Daisy concluiu, o papá Bhaer, maliciosamente, disse à esposa:

– Este caso é da tua competência, cai dentro da tua jurisdição; assim,

pois, abstenho-me de intervir.

Na manhã seguinte, Nan, logo que acordou, perguntou:

– Já trouxeram as minhas coisas?

Ao saber que a bagagem só chegaria mais tarde, fez uma careta de aborrecimento e, encolerizada, deu um grande açoite na boneca, com grande mágoa de Daisy.

Mal ou bem, esteve entretida até às cinco horas; depois desapareceu e, crendo-se que tinha ido com Tommy e com "Meio-Brooke", ninguém deu por falta dela até à hora de comer.

– Terá fugido de casa? – perguntou inquieta a mamã Bhaer.

– Talvez tenha ido à estação buscar a bagagem – disse Franz.

– Impossível! – observou a tia Jo. – Não sabe o caminho, nem podia vir de tão longe carregada com uma mala enorme.

– Vou certificar-me – disse o papá Bhaer, pegando no chapéu e dispondo-se a sair.

Naquele instante, Jack, que tinha assomado à janela, lançou uma exclamação de júbilo, que fez com que todos, apressadamente, viessem à porta da rua.

Pela estrada, a pouca distância, vinha Nan arrastando uma mala grande, dentro dum saco. A pequena vinha afogueadíssima, coberta de pó e ao que parecia muito cansada, mas de cabeça erguida. Resfolegando, chegou até à escada, largou a mala e, exalando um profundo suspiro de satisfação, sentou-se em cima dela, cruzou os braços e exclamou:

– Não tive paciência para esperar e fui à procura da minha bagagem.

– Mas se não sabias o caminho! – exclamou Tommy, enquanto os outros rapazes contemplavam com admiração a heroína.

– Dei com ele. Eu nunca me perco.

– Fica a mais de meia légua, como pudeste ir tão longe?

– Sabia que era muito distante, mas sentei-me a descansar.

– Pesava muito a mala?

– Devido ao tamanho não consegui trazê-la muito bem.

– Mas como é que o chefe da estação te deixou levantá-la? – perguntou Tommy.

– Não lhe disse nada; ele estava na bilheteira, fui ao cais e peguei na minha bagagem sem que ninguém desse por isso.

– Franz, vai imediatamente contar o que se passou ao senhor Dodd, porque senão o pobre velho vai julgar que o roubaram – observou o Sr.

Bhaer, fazendo coro com as gargalhadas dos rapazes.

– Já te tinha dito que, se a não trouxessem, mandaríamos então buscá-la. Devias esperar, para te não meteres nalgum compromisso grave. Promete-me não fazeres travessuras outra vez ou, de contrário, não deixarei que te voltes a afastar de mim – exclamou a tia Jo, limpando o pó da carinha afogueada de Nan.

– Prometo; mas fique sabendo que o papá ensinou-me a não deixar para amanhã o que se pode fazer hoje.

– Mas interpretaste mal o conselho de teu pai – disse o mestre. E acrescentou, dirigindo-se à esposa: – O melhor será que Nan coma agora e logo lhe dês uma liçãozinha.

Os rapazes estavam divertidíssimos e assim se entretiveram, durante o jantar, ouvindo a descrição das aventuras de Nan, pois um cão saíra-lhe ao caminho ladrando-lhe, um homem rira-se dela, uma mulher dera-lhe nozes e o chapéu caíra-lhe ao ribeiro quando se dispunha a beber água.

– Calculo – disse o papá Bhaer a sua esposa meia hora depois –, que para tratares de Nan e de Tommy vais estar muito ocupada.

– Certamente necessitarei de algum tempo para refrear a pequena; mas tem tão nobres sentimentos e é tão generosa que lhe quero e querer-lhe-ia ainda que fosse muito mais traquina do que é disse Jo, apontando para a pequenita, que estava a distribuir prodigamente pelos rapazes quase todos os brinquedos que a mala continha.

7. O regresso de Dan

Julho chegara e com ele começaram as ceifas; as hortazinhas de Plumfield estavam lindíssimas e os dias de Verão mostravam-se cheios de encanto e de paz. A casa tinha as portas abertas todo o dia e os meninos, exceto nas horas de aula, passavam a vida ao ar livre. As lições eram curtas e havia muitos dias de folga, porque os esposos Bhaer observavam cuidadosamente o desenvolvimento físico dos seus educandos e faziam-lhes viver uma vida livre, em pleno campo, durante os meses de Verão. Os rapazes, estavam fortes, sãos, queimados pelo sol e sempre com um apetite devorador; era ver a robustez dos seus braços e pernas e os rasgões dos fatos. Dava prazer ouvi-los e vê-los brincar por montes e vales. O casal Bhaer deleitava-se ao verificar a franca evolução dos progressos físicos e intelectuais do pequenino rebanho que tinha a seu cuidado.

Só uma coisa faltava para que a felicidade de todos fosse completa, e essa coisa chegou quando menos se esperava.

Numa noite amena e perfumada, enquanto os mais pequeninos estavam a deitar-se e os mais velhos tomavam banho no riacho, a mamã Bhaer despia Teddy no vestíbulo. De repente o pequeno exclamou, apontando para a janela iluminada pelo luar:

– Tá ali o mê Dan.

– Não, meu filho, é a lua.

– Tá ali o mê Dan! – insistia alegremente o pequeno.

A mamã Bhaer correu à janela, mas não viu ninguém. Depois veio até à porta, trazendo Teddy meio despido e fez com que o pequenino chamasse pelo seu amigo, para ver se deste modo o atraía. Ninguém respondeu: mãe e filho entraram muito desapontados em casa e Teddy, antes de adormecer, levantou-se várias vezes na cama, perguntando:

– Já veio o mê Dan?

Mais tarde todos os garotos se retiraram para dormir, o silêncio caiu e apenas se ouvia o cricri dos grilos perturbar a calma da noite. A mamã Bhaer sentou-se a passajar a roupa branca, pensando no rapaz ausente. Estava convencida de que Teddy se tinha enganado e nem sequer quis falar do ocorrido ao papá Bhaer, que estava a escrever umas cartas. Já tinham dado as

dez quando a tia Jo se levantou para fechar a porta da casa. Ficou um instante contemplando a beleza daquela noite e, de repente, o que quer que fosse, esbranquiçado, que sobressaía sobre o monte de feixes de feno espalhados pelo prado, chamou-lhe a atenção. Julgando ser algum chapéu da palha esquecido pelos pequenos, aproximou-se para o apanhar. Então viu que a tal coisa branca era uma mão e uma manga de camisa que assomavam por entre os molhos. Deu uma volta ao monte da palha e encontrou Dan, que dormia profundamente.

O pobre vagabundo parecia muito fatigado e estava esfarrapado, sujo e magro; tinha um pé descalço e outro envolto num colete. Certamente escondera-se entre a palha e, adormecendo, estendera o braço que o denunciou. Dormia um sono irrequieto, mexendo-se, gemendo e falando.

"Não deve ficar aqui", pensou a mamã Bhaer. E, acariciando Dan, chamou-o pelo seu nome. O rapaz entreabriu os olhos, sorriu e exclamou, como se continuasse a sonhar:

– Mamã Bhaer, voltei para casa.

A tia Jo, comovida, ajudou-o a levantar-se e disse-lhe afetuosamente:

– Já te esperava, e estou muito contente por te ver, Dan.

Então o jovem despertou completamente, pareceu recordar-se onde se achava e, mudando de expressão e de entoação, murmurou com a dureza de outrora:

– Estava de passagem e parei um instante.

– Porque não entraste? Não ouviste chamar-te? Não viste Teddy vir à porta chamar pelo teu nome?

– Julguei que os senhores não me deixariam entrar – balbuciou o pequeno dando alguns passos vacilantes e apanhando o embrulho, como se tencionasse pôr-se a caminho.

– Anda ver o teu amigo Teddy.

Dan suspirou, como se lhe tirassem um peso de cima, pegou no seu bastão e, coxeando, avançou em direção à casa. De repente parou, dizendo:

– O papá Bhaer vai ficar zangado; fugi da casa do Sr. Page.

– Ele soube-o e lamentou bastante; mas não importa. Aconteceu-te alguma coisa? Estás coxo?

– Tenho um pé magoado; caiu- me uma pedra em cima ao saltar um muro – disse Dan, dissimulando a dor.

Entraram para o quarto da mamã Bhaer e o rapaz deixou-se cair pálido, desfalecido, sobre uma cadeira.

– Pobre Dan! Vou preparar-te o jantar; já estás em casa e a mamã Bhaer tratará de ti.

O garoto comeu com vontade, lançando olhares de gratidão para a bondosa protetora. Quando acabou de acalmar o voraz apetite, começou a falar com a tia Jo.

– Onde tens estado, Dan? – perguntou-lhe, enquanto preparava as ligaduras.

– Fugi há um mês; não me sentia bem e fui rio abaixo com um barqueiro. Por isso não souberam de mim. Depois trabalhei quinze dias com um lavrador, mas briguei com o filho e dei-lhe uns socos. O pai bateu-me forte. Fugi e vim andando até cá.

– E vieste a pé?

– Sim, minha senhora – respondeu Dan, envergonhado dos seus farrapos e da sua sujidade.

– E como te arranjaste até agora?

– Menos mal, até me ferir no pé. As pessoas davam-me de comer; andava durante o dia e de noite dormia nos palheiros. Vim por um atalho e perdi-me: se assim não fosse teria chegado antes.

– E para onde ias, uma vez que não pensavas ficar entre nós?

– Queria ver Teddy e a senhora e depois voltar para a cidade e trabalhar; mas senti-me cansado e adormeci entre os fardos de feno. Pensava ir-me embora amanhã se a senhora não tivesse vindo e me não tivesse encontrado ali.

– E não estás satisfeito?

Ruborizado e em voz baixa, Dan respondeu:

– Sim, minha senhora; estou muito contente; mas receava os senhores.

A mamã Bhaer, que estava a examinar a ferida do pé e que a achou bastante mal, exclamou com padecida:

– Quando arranjaste tu isto?

– Há três dias.

– E conseguiste andar?

– Apoiava-me num bordão; lavava-me nos riachos e liguei a ferida com um trapo que uma mulher me deu.

– É preciso que o papá Bhaer te trate – disse a tia Jo, saindo rapidamente e deixando a porta aberta.

Dan ouviu a caridosa senhora informar o marido do regresso do rapaz e das suas aventuras durante o último mês. Ao concluir o seu relato, a mamã

Bhaer perguntou ao marido:

– O pobre Dan deseja saber se lhe perdoas e se o recebes de novo. Que lhe respondo?

– Ele disse que queria ser perdoado e admitido nesta casa?

– Disse-o com a linguagem dos olhos, com as penas que sofreu para vir-nos e com as frases que eu lhe ouvi murmurar durante o sono. Pode ficar?

– Claro que sim. Indubitavelmente, esse rapazinho sente algum amor por nós e seria crueldade mandá-lo embora.

Dan ouviu um suave frufru, como se a mamã Bhaer tivesse dito a seu marido um muito obrigado sem palavras. Duas lágrimas sulcaram as maçãs do rosto do pequeno: ninguém as viu, porque se apressou a enxugá-las. No entanto, aquelas lágrimas, que nem a fome, nem a dor, nem o desamparo tinham conseguido arrancar-lhe, aquelas lágrimas de gratidão provavam eloquentemente que na alma de Dan existia e crescia um amor sincero pelos seus generosos protetores.

– Anda ver-lhe o pé; receio que a ferida seja grave, porque há três dias que se feriu e tem vindo a andar e sofrer o calor e o pó. Este rapaz é um valente e há de ser homem de bem.

– Assim o desejo e espero. Vamos ver então esse heroico jovem. Onde está ele?

– No meu quarto; mostra-te afetuoso e não fales acerca das asperezas do rapaz. É um carácter rebelde perante o rigor e dócil perante o amor. Com carinho e paciência conseguirás de Dan muito mais do que conseguiste de mim.

– Estás a comparar-te a esse selvagenzinho?

– Sim; o meu génio era igual ao dele, embora o exteriorizasse de maneira diferente. Instintivamente conheço o que Dan pensa, sente e quer; adivinho o que é necessário fazer para o comover e conquistar, e até sinto simpatia pelas suas faltas. Se o converter, como espero, em homem honrado, essa será a melhor obra de toda a minha vida.

– Deus abençoe a obra e ajude o obreiro!

Entraram para ver Dan, que se encontrava dormitando e tratou de levantar-se ao ver o papá Bhaer. Este disse-lhe jovialmente:

– Olá, rapazinho! Gostas mais de Plumfield que da casa do Sr. Page? Bom, bom; vamos ver se agora te portas um pouco melhor do que dantes.

– Muito obrigado, senhor.

– Vamos lá ver esse pé. Hum, não gosto nada do seu aspecto. Amanhã

mandaremos chamar o Dr. Firt. Jo, traz água fervida e algodão.

O Sr. Bhaer lavou e ligou a ferida. A tia Jo preparou a cama no quarto que dava para o vestíbulo.

O papá Bhaer pegou ao colo o paciente, ajudou-o a despir-se, deitou-o e despediu-se dele, apertando-lhe a mão e dizendo-lhe afavelmente:

– Boas noites, meu filho.

Dan adormeceu profundamente durante algumas horas; depois acordou febril e com o pé muito dorido, procurando não se queixar para não incomodar ninguém. O rapaz, com efeito, era valente e sofredor.

A tia Jo costumava dar uma volta pela casa à meia-noite para fechar as janelas, correr o mosquiteiro do berço de Teddy e cuidar de Tommy, que era um pouco sonâmbulo. A boa senhora tinha o sono muito leve e, ao ouvir os queixumes sufocados de Dan, levantou-se, vestiu o roupão e chegou-se mansamente ao pé da cabeceira do doente:

– O que é que te dói, meu filho?

– O pé, mas custa-me que se tenha incomodado por minha causa.

– Eu sou uma espécie de ave noturna que passa as noites saltitando por aqui e por acolá. Mas. o teu pé está em brasa! É preciso mudar as ligaduras.

A maternal ave noturna saiu e voltou em seguida com ligaduras novas e um jarro de água muito fria.

– Já estou melhor! – suspirou Dan quando lhe renovou a pomada e lhe deu de beber um copo de água.

– Pois então dorme e descansa; virei depois ver-te – disse a tia Jo, aconchegando-lhe a roupa e as almofadas.

Naquele momento, Dan deitou-lhe os braços ao pescoço, beijou-a e murmurou:

– Muito obrigado, minha senhora.

Aquelas palavras encerravam ternura, eloquência, arrependimento e promessas que emocionaram a mamã Bhaer. Lembrou-se que aquele menino era órfão e beijou-o amorosamente e ao afastar-se disse-lhe estas palavras que Dan jamais esqueceu:

– A partir desta hora és meu filho; procura proceder de modo que eu me orgulhe e regozije disso.

Ao amanhecer voltou a mamã Bhaer a visitar o doente e encontrou-o tão adormecido que nem sequer sentiu que lhe mudavam as ligaduras.

Naquele dia era domingo e a casa estava tão sossegada que o rapaz não acordou até ao meio-dia; ao entreabrir os olhos viu uma carinha rosada que

assomava à porta; estendeu os braços e Teddy entrou dando pulos, encarrapitou-se em cima da cama e gritou:

– O mê Danny já veio! O mê Danny já veio! E, gritando, Teddy beijava, abraçava e sacudia o seu queridíssimo amigo.

A mamã Bhaer chegou trazendo alimento. Teddy obstinou-se em dar o almoço a Dan e, com efeito, deu-lhe de comer como se o doente fosse uma criancinha e a criança uma pessoa crescida.

Em seguida veio o doutor, que procedeu ao curativo. Este foi muito doloroso porque alguns ossos do pé estavam fora do seu lugar e foi preciso colocá-los convenientemente. Dan não soltou um único ai! Somente se viu o rapaz empalidecer, suar e apertar as mãos da tia Jo.

– O pequeno terá de estar quieto na cama sem sequer pôr o pé no chão. Depois veremos se, amparando-se a uma muleta ou a uma bengala, poderá andar a pouco e pouco pelo quarto – ordenou o Dr. Firt.

– Ficarei bom depressa? – perguntou Dan, alarmado ao ouvir falar de muletas.

– Espero que sim – disse o doutor ao retirar-se e deixando o paciente muito abatido, por considerar a inação como uma horrível calamidade.

– Não te preocupes, eu sou uma grande enfermeira e dentro em breve estarás de novo a correr e a brincar à tua vontade.

Dan assustou-se receando ficar aleijado, e nem sequer as carícias de Teddy conseguiram animá-lo. A mamã Bhaer prontificou-se a chamar alguns dos outros pequenos para que lhe fizessem uma breve visita.

– Gostava de ver Nat e "Meio-Brooke" e ter aqui o meu chapéu, para lhes mostrar uma coisa que tenho lá dentro. A senhora não se desfez da minha roupa, não é verdade?

– Não, está tudo guardado, porque supus que trouxesses algum tesouro ao ver o cuidado que mostravas com a tua bagagem – disse a mamã Bhaer, saindo e trazendo ato contínuo o chapéu, no qual estavam espetados insetos e borboletas de cores brilhantes e um lenço vermelho que continha ovos de pássaros envoltos em musgo; pedras muito bonitas, conchas nacaradas, esponjas minúsculas e vários caranguejos vivos.

– Haverá algum sítio onde eu possa guardar estes bichinhos que cacei com o Sr. Hyde?

– Sim, vou trazer-te uma gaiola velha, que é mesmo boa para isso. Vê lá, não vão os caranguejos morder os pés de Teddy – avisou a mamã Bhaer, indo-se embora e deixando Dan muito contente por ver o apreço em que

tinham os seus tesouros.

Nat, "Meio-Brooke" e a gaiola chegaram simultaneamente; os caranguejos entraram na sua nova morada, com grande regozijo dos rapazes, que, com a maior alegria, esqueceram qualquer ressentimento que pudessem ter contra o antigo colega.

Dan narrou ao seu admirado auditório as aventuras que lhe tinham acontecido; a seguir mostrou o "tesouro" e descreveu todos os objetos com tais pormenores e exatidão que a tia Jo, que o estava ouvindo do quarto contíguo, ficou maravilhada.

– O que sabe e percebe este rapaz das coisas do campo! Não há dúvida que lhe interessam muito mais do que os livros! Deixemo-lo, pois, cultivar a sua vocação. Agora que tem de ficar na cama, os pequenos podem distraí-lo trazendo-lhe bichinhos e pedrinhas. Quem me dera que Dan viesse a ser um sábio naturista e Nat um grande músico.

A Nat interessaram-lhe vivamente as aventuras do seu amigo; a "Meio-Brooke" cativou-o saber as fantásticas transformações que uma borboleta sofre antes de poder voar. Dan sentia-se comprazido pela atenção de que era alvo. Os rapazes estavam tão embevecidos ouvindo a descrição da caça ao rato almiscareiro – cuja pele figurava na coleção, que o papá Bhaer teve de ir em pessoa lembrar os ouvintes que era a hora do passeio. Ao ver-se só, Dan entristeceu-se tanto que o bom do mestre levou-o nos braços para o sofá do vestíbulo, a fim de mudar de ar e de cenário.

Durante o tempo que ali esteve deitado e enquanto Teddy se entretinha com um livro de estampas, a mamã Bhaer, olhando para as coleções de Dan, perguntou ao rapaz:

– Onde aprendeste o que sabes acerca de tudo isso?

– Sempre gostei destas coisas, mas sabia pouco acerca delas até que o Sr. Hyde mo ensinou.

– Quem é esse Sr. Hyde?

– Um homem que passa a vida nos bosques a estudar os animais, plantas e que escreve livros que falam de todos os bichos. O Sr. Hyde vivia em casa do Sr. Page e levava-me como ajudante nas suas expedições. Como é um sábio, contava-me muitas coisas e muito interessantes. Espero voltar a vê-lo.

– Eu creio que o verás – afirmou a tia Jo muito satisfeita ao ver o contentamento e animação com que falava Dan.

– Conseguia fazer com que os pássaros se aproximassem e que os coelhos e os esquilos não tivessem medo dele porque não lhes fazia mal. Já viu a

senhora alguma vez fazer cócegas a um lagarto com uma palhinha? – perguntou o rapaz.

– Não, mas gostava de ver.

– Pois eu sei como se faz e os lagartos gostam muito e põem-se de barriga para cima. O Sr. Hyde chamava as cobras assobiando; sabia a hora exata em que abre cada flor; as abelhas nunca o picavam e contava maravilhas acerca das moscas e dos peixes, dos índios e das rochas.

– Confessa que gostavas mais de sair com o sábio naturista do que estar com o Sr. Page.

– Sim, minha senhora, gostava muito mais de sair para as excursões naturistas do que passar o dia cavando ou sachando. O Sr. Page ria-se do seu amigo e chamava-lhe pachorrento quando o via horas inteiras a contemplar uma truta ou um passarinho.

– O Sr. Page é um lavrador e não concebe que haja nada mais interessante do que a lavoura. Se tens amor pelos trabalhos do Sr. Hyde, proponho-te que no campo e nos livros estudes e aprendas tudo quanto necessitas e desejas. Em contrapartida, quero que trates de uma outra coisa e a cumpras pontualmente.

– Sim, minha senhora.

– Vês essa secretária com doze gavetas grandes?

Dan, que conhecia o móvel e sabia que ali se guardavam papéis, pregos, cordas e objetos de uso comum, respondeu:

– Sim, minha senhora.

– Não o achas muito apropriado para guardar ordenadamente as tuas coleções?

– Acho que sim. É ótimo para isso!

– Bom, vamos fazer um contrato: Por cada mês do ano em que cumpras os teus deveres, cedo-te uma das gavetas para que vás guardando nela os teus tesouros. As recompensas são sempre boas; começa-se por amar o bem pelo próprio bem.

– E não há recompensa para si, minha senhora?

– O vosso bom comportamento é o meu melhor prémio. Portanto, propõe-te a ganhar as gavetas e terás duas recompensas: uma, a própria gaveta; a outra, a satisfação do dever cumprido. Entendes-me?

– Sim, minha senhora.

– Pois então procura estudar, comportar-te bem e mostrar-te atencioso para com os teus companheiros; e quando conseguires uma boa nota ou

quando eu souber que te esforças por alcançá-las, ceder-te-ei uma delas. Olha, algumas estão divididas em quatro compartimentos e vou mandar que tas ponham todas da mesma forma; assim, cada semana podes ganhar uma das quatro divisões de cada gaveta; quando as tiveres cheias de curiosidades, sentir-me-ei tão orgulhosa como tu ou ainda mais. porque em cada pedra, em cada planta e em cada inseto verei os teus bons propósitos cumpridos, promessas realizadas e defeitos vencidos. Farás isto, Dan?

Ruborizado e emocionado, o rapaz respondeu com um expressivo e fervoroso olhar de afirmação, de amor e de gratidão imensa.

A mamã Bhaer tirou um dos gavetões do móvel, colocou-o sobre duas cadeiras, diante do sofá, e disse-lhe alegremente:

– Começaremos por guardar as borboletas e os escaravelhos que trouxeste; podemos espetá-los em cima e assim o fundo fica livre para as pedrinhas, conchas e outros objetos mais pesados. Vou dar-te algodão, papel branco, cola e alfinetes e podes ir ajeitando o espaço correspondente a outra semana.

– Mas eu não posso mexer-me e não poderei, consequentemente, aumentar a minha coleção.

– Os teus colegas vão trazer- te o que lhes pedires.

– Não sabem procurar; e, além disso, se eu não posso nem estudar nem trabalhar, como conseguirei ganhar as gavetas?

– Sem te mexeres, podes aprender e trabalhar para mim.

– Deveras?

– Sim; podes aprender a ter paciência e bom humor, apesar de sentires dores e estares privado de brincar; podes entreter-te com Teddy; podes ajudar-me a dobar meadas; podes ler enquanto coso e podes ainda fazer outras coisas úteis e que distraem.

"Meio-Brooke" entrou, apressado, com uma borboleta muito grande e bonita numa mão e com um sapo muito pequenino e muito feio na outra.

– Olha, Dan, encontrei-os e vim a correr trazer-tos. Não é verdade que são uma maravilha?

Dan riu-se do sapo e disse que não tinha onde o guardar, mas aceitou a borboleta e pediu à tia Jo um alfinete para a espetar.

– Não gosto de ver sofrer os animaizinhos; se é necessário matar a borboleta, mata-a com uma gota de álcool canforado – exclamou a mamã Bhaer, entregando-lhe um frasquinho.

– Sei como se faz; assim as matava o Sr. Hyde, mas eu não tinha álcool

canforado. – observou Dan, deixando cair habilmente uma gota de líquido na cabeça da mariposa. O inseto agitou as asas verde-amarelas e ficou imóvel.

8. O Museu Laurie

Durante uma semana inteira, Dan só se pôde mexer da cama para ir até ao sofá; grande e penosa foi aquela semana, não só porque o pé lhe doía, como também porque o pequeno conseguia dificilmente dominar a sua impetuosidade, que lhe tornava odiosa a quietude e desejável a vida ao ar livre naqueles esplêndidos dias de Verão. No entanto, procurou resignar-se, ajudado pelos mimos e atenções de todos. Assim decorreram oito dias, e, por fim, teve a satisfação de ouvir o que o médico dizia:

– O pé vai-se curando mais rapidamente do que eu julgava; deem ao doente uma muleta e deixam-no esta tarde coxear um pouco pela casa.

– Bravo! Bravo – gritou Nat, correndo com grande alvoroço a dar a notícia aos companheiros.

Todos se alegraram e ao acabar de comer reuniram-se para ver Dan dar saltinhos pelo salão antes de conseguir chegar à porta da casa. O rapaz sentia-se cada vez mais animado e mais agradecido pelo afetuoso interesse que todos lhe testemunhavam; os demais felicitaram-no cordialmente, as meninas sentaram-se junto dele e Teddy olhava-o, com carinhosa proteção.

Estavam todos sentados tranquilamente à porta quando viram uma carruagem deter-se em frente da cancela do jardim e, depois, um chapéu movimentar-se. De repente, Rob gritou: "É o tio Teddy! Vem aí o tio Teddy!". Começou a correr, tropeçando e caindo, com a rapidez que lhe permitiam as suas pernas. Os outros rapazes, exceção feita para Dan, pularam apressadamente atrás de Rob, para ver qual seria o primeiro que abria a porta, e num momento a carruagem ficou completamente rodeada por um verdadeiro enxame de pequenada, saudando o tio Teddy e a sua filha.

– Detenha-se o carro triunfal e deixem que Júpiter desça! – exclamou o viajante apeando-se e correndo a cumprimentar a tia Jo, que sorria e aplaudia alegremente.

– Como vais, Teddy?

– Bem. E tu, Jo?

Trocaram um aperto de mão e o Sr. Laurie pôs Bess nas mãos da tia; a pequena abraçou-a estreitamente, enquanto o pai exclamava regozijado:

– "Cabelinho de oiro" queria ver-te e eu compartilhava do seu desejo.

Aqui estamos para brincar uma hora com os teus pequenos e saber como vão Polegarzinho e a velha que vivia num sapato.

– Quanto prazer me dão. E se vêm para brincar que não haja aborrecimentos! – exclamou a tia Jo.

A pequenada tinha formado um círculo em volta de Bess, admirando os loiros cabelos, o delicado rosto e o lindo vestido da "Princesinha" – que era assim que lhe chamavam –, sem se atreverem a beijá-la, porque Sua Alteza não o permitia. A pequenita sentou-se no meio do grupo infantil e até se dignou conceder algumas carícias. Rob olhava-a como a uma boneca frágil e ia-a adorando a respeitosa distância, dando-se por satisfeito com qualquer mostra de afeto da "Princesinha". Esta quis ver a cozinha de Daisy e foi até lá, guiada por grande e jubiloso cortejo. Outros afastaram-se na direção do Jardim Zoológico e dos jardins, para porem tudo em ordem, pois o Sr. Laurie costumava dar uma vista de olhos de inspeção e mostrava-se muito triste quando as coisas não iam bem.

Em frente da porta apenas ficaram o visitante, Dan, Nat e "Meio-Brooke".

– Como vai esse pé? – perguntou o Sr. Laurie a Dan, num tom familiar, embora tivesse visto o pequeno apenas duas vezes.

– Vai melhor, muito obrigado, senhor.

– Mas aborreces-te de estar em casa, não é verdade?

– Pode calcular! – respondeu Dan, olhando com ansiedade para os campos em frente.

– Gostavas de dar um passeio antes de os teus companheiros voltarem? A carruagem é grande, cómoda e suave de movimentos; o respirar o ar livre far-te-á bem. Anda, "Meio-Brooke", arranja um almofadão e um guarda-sol para levarmos este convalescente.

Os rapazes pularam de alegria; Dan,embora muito agradecido, perguntou num inesperado arroubo de respeito:

– E não parecerá mal à Sra. Bhaer?

– Com certeza que não; tudo isto foi combinado há pouco com ela.

– Mas se não tinham falado acerca deste passeio, como puderam pôr-se de acordo? – perguntou "Meio-Brooke".

– Nós entendemo-nos sem falarmos, graças a um telégrafo aperfeiçoado que empregamos.

– Eu sei como é; é com os olhos. O senhor levantou a cabeça, indicando a carruagem com o olhar, e a mamã Bhaer sorriu e fez um gesto afirmativo – explicou Nat, que se encontrava muito a seu gosto junto do Sr.

Laurie.

– Pois bem, vamos lá então.

Num instante Dan achou-se instalado no veículo, com o pé sobre um almofadão colocado no assento fronteiro, e coberto com um xaile que caiu como se viesse das nuvens. "Meio-Brooke" subiu ligeiro para a boleia, ao pé de Peter, o cocheiro. Nat postou-se próximo de Dan, no lugar por ele preferido, enquanto o tio Teddy se acomodava, em frente, para cuidar do pé doente, segundo declarou, mas na realidade era para estudar as fisionomias dos dois pequenos, ambos tão bons e tão diferentes. Dan tinha o rosto angular, era moreno e forte; Nat, afilado, era louro, delicado, de olhar doce e fisionomia inteligente.

– Ouve – exclamou o tio Teddy –, trago por acaso comigo um livro de que deves gostar.

E procurou debaixo dos almofadões da carruagem até encontrar o volume.

– Excelente! – observou Dan, maravilhado. E a seguir, depois de voltar as folhas e começar a ver as gravuras a cores reproduzindo borboletas, pássaros e outros animaizinhos, entusiasmou-se de tal maneira que se esqueceu por completo de dizer um muito obrigado pela oferta. Ao Sr. Laurie bastou-lhe como recompensa ver o entusiasmo do rapaz, entusiasmo que atingia o delírio quando entre as gravuras encontrava a imagem de algum bicho conhecido.

Nat, inclinado sobre o ombro do seu amigo, olhava cheio de curiosidade, e "Meio-Brooke" deixou balancear os pés para dentro da carruagem, intervindo na conversa.

Quando todos examinavam uma gravura que reproduzia escaravelhos, o tio Teddy tirou do bolso do colete um objeto pequeno e mostrou-o, na palma da mão, dizendo:

– Olhem um escaravelho que viveu há milhares de anos.

Depois, enquanto os pequenos contemplavam o inseto, contou-lhes que provinha de um túmulo famoso, onde permanecera séculos e séculos entre as ligaduras que envolviam uma múmia. Ao verificar o interesse que o auditório mostrava, passou a falar-lhes do Egito; das raças que nele viviam; das esplêndidas ruínas que aí perduravam; do Nilo, pelo qual navegara num bote conduzido por remadores negros; dos crocodilos, sobre os quais disparou; da fauna e da flora que admirou e da sua excursão montado sobre um camelo que o transportara balouçando como um barco.

– O tio Teddy conta histórias tão bonitas como o papá Bhaer – disse "Meio-Brooke" com entusiástica aprovação.

– Muito obrigado – respondeu o Sr. Laurie agradecendo muito o elogio, por saber que os garotos são excelentes críticos. A seguir, acrescentou:

– Devo ter por aqui alguma coisa que servirá para entreter Dan. – E, assim falando, mostrou um arco e uma flecha.

– Conte-nos coisas dos índios! – suplicou "Meio-Brooke", que muito gostava de construir cabanas dos índios.

– Dan sabe muitas coisas acerca deles – disse Nat.

– Pois então que conte; certamente sabe mais do que eu – disse o tio Teddy, manifestando-se tão interessado como os próprios garotos.

– O que eu sei contou-me o Sr. Hyde, que viveu entre os índios e até conhece o seu idioma – disse Dan, envaidecido pela atenção que todos lhe prestavam, mas um tanto retraído por ter como ouvinte uma pessoa da idade do Sr. Laurie.

– Para que usam eles as flechas? – perguntou "Meio-Brooke", do banco da frente.

Os outros formularam perguntas semelhantes. Dan, com desenvoltura, narrou tudo quanto o Sr. Hyde lhe contara semanas antes, quando navegavam rio abaixo para fazer estudos zoológicos.

O tio Teddy escutava com atenção, interessando-se mais pelo rapaz que pela descrição respeitante aos índios. A mamã Bhaer tinha-lhe dado informes acerca dele, e o Sr. Laurie, que na sua infância também fora um indómito rapaz e vagabundeara por todo o lado, sentia afeto para com aquele rebelde, que se ia aperfeiçoando por ação do sofrimento e da paciência.

– Ocorre-me – exclamou o bom sujeito – que vos convinha a todos possuir um museu particular, sítio onde pudessem conservar ordenadamente todas as coisas que encontrassem, fabricassem ou possuíssem por dádiva ou empréstimo. A tia Jo não se importaria: é muito boa; mas certamente não há de achar graça nenhuma ter um jarro cheio de escaravelhos, morcegos mortos cravados atrás das portas e a casa cheia de pedras. Não acham que muito poucas senhoras aguentariam semelhante desordem?

Os pequenos, ouvindo o tio Teddy e observando os seus maliciosos olhares, deram com o cotovelo uns nos outros, como dando a entender que alguém contava ao bom sujeito as intimidades da casa. De outro modo não se podia explicar que conhecesse tão bem todos os pormenores da existência daqueles incómodos tesouros.

– Mas onde guardaremos as nossas riquezas? – perguntou "Meio-Brooke".

– Na cocheira velha.

– Está cheia de goteiras, de pó e de teias de aranhas, e nem tem janelas nem espaço para instalar as nossas coleções – observou Nat.

– Tenham paciência até que venha Gibbs e faça alguns arranjos. Depois verão como vos agrada. Segunda-feira mando-o cá para que comece a rebocar as paredes e sábado passarei por aqui e pôr-nos-emos de acordo sobre quando começaremos a instalar um museu pequenino, mas muito bonito. Cada um trará os objetos que possuir e terá um lugar para os pôr. Dan será o diretor porque sabe muito disto e porque assim se entreterá agradavelmente, uma vez que não pode correr nem brincar demasiado.

– Magnífico! – exclamou Nat, enquanto o diretor eleito sorria sem falar, apertando o livro e contemplando o Sr. Laurie como um dos maiores benfeitores da humanidade.

– Damos outra volta, senhor? – perguntou Peter, detendo a carruagem em frente da casa.

– Não; não devemos abusar. Tenho de visitar as hortazinhas, dar uma vista de olhos à cocheira e falar um pouco com a tia Jo – respondeu o Sr. Laurie, que, deixando Dan a descansar no divã folheando o livro, saiu a gracejar com os outros pequenos que andavam à procura dele. Enquanto as pequenitas cozinhavam preparando um jantarinho, a mamã Bhaer sentou-se ao pé de Dan e ouviu a descrição do passeio, até que a turba regressou, empoeirada, suarenta e muito excitada com a ideia do museu, ideia que se considerou unanimemente ser a mais luminosa e transcendente do mundo.

– Sempre senti a necessidade de fundar uma instituição e vou começar por esta – declarou o tio Teddy, ocupando um tamborete aos pés da tia Jo.

– Eu já fundei uma. Que nome se lhe dá? – perguntou a excelente senhora, olhando para os pequenos que a rodeavam.

– O admirável jardim Bhaer, ao qual pertenço com muito orgulho. Não sabias, Dan, que sou o aluno mais velho desta escola? – disse o tio Teddy, mudando de conversa, porque não queria que lhe agradecessem as suas gentilezas.

– Julguei que era Franz! – respondeu Dan admirado.

– Nada disso; eu sou o primeiro menino que a tia Jo teve ao seu cuidado e fui tão traquinas que, apesar dos anos e dos meus bons propósitos, ainda não consegui emendar-me.

– Deve ser muito velhinha a mamã Bhaer! – murmurou inocentemente Nat.

– Começou muito cedo. Aos quinze anos já se encarregava da minha educação e dei-lhe tantos desgostos que me admiro de a não ver completamente enrugada e cheia de cabelos brancos.

– Não exageres nem levantes falsos testemunhos – observou a tia Jo, acariciando-o como a um menino. – Por ti, pelo teu auxílio e pelo teu estímulo é que existe esta casa, a escola de Plumfield, que era o meu sonho dourado. Os meus alunos devem estar-te agradecidos e chamar à nova instituição "Museu Laurie", em honra do seu fundador. Não é verdade, meus filhos?

– Sim Sim – gritaram alegremente os rapazes, arremessando ao ar os chapéus e as boinas que tinham tirado antes de entrar, segundo o costume estabelecido.

Retribuindo as saudações, agradecido, o tio Teddy exclamou:

– Tenho uma fome danada. Há alguma coisa que se coma?

– "Meio-Brooke", vai a correr pedir à Asia a cestinha das bolachas; embora esteja proibido comer seja o que for entre as refeições, faremos hoje uma excepção – disse a tia Jo, que, quando o cestinho chegou, repartiu as bolachas. Todos comeram.

De repente, o Sr. Laurie exclamou:

– Valha-me Deus! Esquecia-me da encomenda da avó!

Correu à carruagem e voltou instantes depois com um embrulho grande, que, ao abri-lo, deixou ver uma abundante e seleta coleção de animais e objetos feitos com farinha e açúcar e tostadinhos no forno.

– Vem um para cada pequeno e todos trazem uma indicação. A avó e a Hanna fizeram propositadamente estes bolinhos. Até tremo só de me lembrar o que me acontecia se me tivesse esquecido do pedido dela.

Fez-se a distribuição dos bolos. Para Dan, um peixe; para Nat, um violino; para "Meio-Brooke", um livro; para Tommy, um macaco; para Daisy, uma flor; para Nan, um cometa; para Emil, que estudava astronomia, uma estrela; para Franz, que gostava muito de guiar carros, uma diligência, para "Traga-Bolos", um porco muito gordo, e para os restantes, pássaros, gatinhos e coelhos de olhos brilhantes.

– Bom, vou-me embora. Por onde anda "Cabelinho de oiro"? A mamã ficará impaciente se nos demorarmos – disse o tio Teddy, uma vez terminada a merenda.

As pequenas tinham ido para o jardim e, enquanto Franz foi à procura delas, o Sr. Laurie e a tia Jo continuaram a conversar.

– Então como vai "Turbilhão"? – perguntou o tio Teddy, que achava muita graça às travessuras de Nan.

– Muito bem, já tem outras maneiras e começa a suavizar-se o seu carácter rebelde e um tanto rude.

– Os pequenos fazem-na arreliar muito?

– Sim, mas evito-o quando posso e tenho obtido muito bons resultados. Reparaste como ela te cumprimentou atenciosamente e como se mostra carinhosa para com Bess? O exemplo de Daisy tem-na beneficiado muito e espero conseguir maravilhas.

Nesse momento apareceu Nan, correndo estouvadamente e guiando uma quadriga composta por quatro miúdos. Daisy apareceu atrás empurrando um carrinho, dentro do qual vinha Bess. Desgrenhados, sem chapéu, empoeirados, gritando e estalando chicotes, chegaram os pequenos qual manada de potros selvagens.

– Estes são os meninos modelos? São estas as maravilhas de uma escola de educação e de boas maneiras?... Bravo! – exclamou o Sr. Laurie, rindo-se do prematuro otimismo da tia Jo perante os progressos de Nan.

– Ri-te, no entanto, conseguirei os meus fins. Digo-te agora o que tu me dizias, repetindo as palavras dos teus professores: "Ainda que a experiência não tenha sido satisfatória, o fato é e será certo!"

– Receio que em vez de ser Daisy a influir sobre o caráter de Nan, seja esta que contagie, com maus exemplos, aquela. Olha para a minha "Princesinha"! Esqueceu-se da sua dignidade e grita desaforadamente como todos os outros. Que significa isto, meninas? – exclamou o Sr. Laurie, pegando na filha, que fustigava com o chicote os quatro rapazes que faziam de indómitos cavalos.

– Estamos a fazer uma corrida, mas eu já não corro mais – gritou Nan.

– Pois eu corria, mas não quero, porque tenho medo que Bess caia – observou Daisy.

– Arre, cavalo! – gritou a "Princesinha", estalando o chicote com tal energia que os rapazes desataram a correr desenfreadamente.

– Vamos, minha filha! Vamo-nos embora antes que estes diabinhos te deitem a perder! Adeus, Jo. Quando voltar de novo, espero encontrar os rapazes todos a fazer meia.

– Está bem, está bem. Não desanimo, ainda que alguma das experiências

fracasse. Cumprimentos e saudadas para Amy e um abraço para a Meg – disse a mamã Bhaer, quando a carruagem começou a andar. Lá ao longe, o Sr. Laurie ainda pôde observar a tia Jo a consolar Daisy, que queria por força passear no carrinho.

Durante toda a semana os rapazes estiveram tão entusiasmados como entretidos com as obras de reparação, que progrediam rapidamente. Gibbs, apesar do assalto de perguntas, conselhos e observações que suportou, pôde terminar o seu trabalho. Na noite de sexta-feira o local destinado ao museu tinha já as paredes e o teto rebocados, os retábulos colocados e tudo pintado; a nova porta aberta e uma grande janela em frente da porta deixava entrar torrentes de luz e permitia ver o lindo panorama que ofereciam o riacho, os prados e as verdejantes colinas. Sobre a porta principal, em grandes caracteres vermelhos, lia-se: Museu Laurie.

A manhã de sábado passou-se a estudar a decoração.

Quando o tio Teddy apareceu com um aquário, do qual, segundo disse, estava cansada a tia Amy, o entusiasmo foi indescritível.

A tarde foi ocupada a tratar das instalações; e quando, por fim, terminaram as correrias, os empurrões e as marteladas, as senhoras foram convidadas para a inauguração do museu.

Realmente, o local era agradável, ventilado, limpo e muito alegre. Uma trepadeira introduzia as suas campânulas azuis pela janela aberta; no centro do salão estava o aquário cheio de peixes às cores, de fetos, musgos e avencas. Cobrindo as paredes, painéis e almofadas abriam-se prontos a receber os tesouros que os pequenos recolhessem no futuro. O móvel grande das gavetas de Dan ocupava o vão da porta principal, que tinha sido sacrificada, abrindo-se outra mais pequena para uso diário. Sobre uma vitrina via-se um ídolo tão feio como interessante, oferta do Sr. Laurie. Também oferta do mesmo era o junco chinês que estava exposto na mesa central. Habilmente dissecado, via-se um canário ofertado pela tia Jo. As paredes estavam cheias de adornos, tais como uma pele de cobra, um grande ninho de vespas, uma canoa de casca de bétula, flores de algodão, musgos do Sul e coleções de ovos de pássaros. Também figuravam nas coleções: morcegos mortos, uma casca de tartaruga e um ovo de avestruz, que proporcionava a "Meio-Brooke" a satisfação de se salientar explicando aos seus companheiros os costumes raros das aves gigantes. As pedras eram em tal abundância que só se colocaram nas prateleiras as mais importantes, deixando as outras amontoadas pelos cantos.

Todos sentiam um vivo desejo de fazer qualquer donativo. Silas ofereceu um gato montês, cheio de estopa, que caçara na sua mocidade. Em boa verdade se diga que o animal embalsamado estava tão comido pelos bichos que a estopa saía-lhe pelos buracos da pele; no entanto, colocado em cima de uma travessa, deixando ver os dentes e os olhos de vidro, dava um efeito tão real que assustou Teddy, que entrava nesse momento para oferecer ao museu uma nova joia: um casulo de bicho-da-seda.

– Pois, meus senhores, isto é uma maravilha. Nunca suspeitei que tivéssemos tantas coisas bonitas e curiosas. Proponho que se constitua um fundo, fazendo com que a entrada dos visitantes seja paga – exclamou Jack.

A mamã Bhaer deteve-o e, rindo ao ver a quantidade de mãos sujas que se agitavam e batiam palmas, disse:

– Não estaria fora de propósito ler alguma coisa que se relacionasse com a utilidade do sabão na limpeza das mãos. Mas tu, Teddy Laurie, como fundador deste museu, tens a obrigação de nos dirigir a palavra. Podes estar certo de que te aplaudiremos.

Vendo que não tinha possibilidades de se escapar, o Sr. Laurie sentou- se sobre a mesa central e, com a sua jovialidade habitual, falou assim:

– Este museu deve ser para nós motivo de orgulho e fonte de ensinamentos. Não basta que colecionem. É preciso que conheçam o que colecionam e que possam dar referências quando alguém as pedir. Eu sabia alguma coisa disto; pouco, mas sabia, não é verdade, Jo? Infelizmente já me esqueci. Mas têm Dan, que conhece muitíssimo sobre a história, costumes e curiosidades dos pássaros e insetos. Ele deverá ser o diretor-conservador do museu. Uma vez por semana devem vir ler um trabalho escrito ou estudado por vós acerca de determinado animal, vegetal ou mineral. Isso será muito proveitoso para todos. Não é verdade, caríssimo mestre Bhaer?

– Sem dúvida! Desde já ofereço o meu auxílio incondicional.

9. A estada de Bess em Plumfield

Depois dos últimos acontecimentos a paz reinou em Plumfield e reinou sem interrupção durante várias semanas.

"Isto é demasiado bom para durar muito tempo" pensava a tia Jo, instruída pela experiência e sabedoria de que as acalmias infantis são sempre precursoras de tempestades. Assim, pois, em vez de crer que os pequenos se tinham transformado em santinhos, preparou-se para a irrupção repentina do vulcão doméstico.

Uma das causas da infantil passividade foi a estada de Bess lá em casa, enquanto seus pais faziam uma pequena viagem. Os pequenos consideravam "Cabelinho de oiro" como uma mistura de anjo, criatura e fada; efetivamente a pequena era tão linda como carinhosa, o cabelo loiro que nimbava a sua cabecinha era algo assim com um véu atrás do qual se ocultava daqueles que a incomodavam. Descia-lhe o cabelo até lhe cobrir os ombros, e era tão suave, fino e brilhante que "Meio-Brooke" teimava que era feito de sedoso fio tecido por um bicho-da-seda. A "Princesinha" não se envaidecia com os elogios que lhe prodigalizavam e apenas compreendia que a sua presença era agradável, que fazia sorrir e que as suas tristezas pueris encontravam simpático acolhimento em todos os corações.

Inconscientemente, lavrava a felicidade entre os seus súbditos, porque as suas leis eram mais suaves e a sua autoridade sentia-se mais do que se via.

Muito delicada por natureza, influía salutarmente sobre os descuidados rapazes que a cercavam. Não se deixava tocar bruscamente, muito menos por mãos sujas, resultando disso um consumo extraordinário de sabão, porque os rapazes tinham como elevadíssima honra o ser-lhes permitido chegar até Sua Alteza e ofendiam-se muito ao verem-se repelidos por "Cabelinho de oiro", que lhes dizia: "Vai-te embora porque estás todo sujo!"

Não gostava de ouvir gritar e assustava-se quando via brigas; por causa dela as pequeninas vozes suavizavam-se e as lutas eram reprimidas ato contínuo pelos espectadores, quando as personagens não sabiam conter-se. Gostava que a servissem, e todos os meninos mais velhos e mais pequenos, não só lhe obedeciam docilmente, como até se antecipavam às suas ordens e consideravam-se muito favorecidos por puxarem o pequenino coche em que

passeava Sua Alteza, levando-lhe um cestinho de amoras ou chegando-lhe os pratos à mesa. Nenhum serviço lhes parecia deprimente; Tommy e Ned disputaram, chegando a vias de facto, qual deles seria o engraxador das principescas botinhas.

Nan beneficiou enormemente com a semana que passou ao lado daquela que, embora sendo mais pequena, estava mais bem educada. Bess olhava Nan com admiração e medo; e quando a ouvia gritar ou bater os pés contemplava-a aterrada, abrindo enormemente os seus olhos azuis e fugindo dela como de um animal selvagem. Isto desgostava muito Nan. A princípio dizia: "Ora! Não me importo ", mas importava-se mesmo e sentiu tamanha mágoa quando ouviu Bess dizer "Eu gosto muito, muito, da minha pima Daisy, puque é muito boa", que se fartou de dar safanões e empurrões a Daisy, fugindo depois para o celeiro para ali chorar à vontade. No celeiro, refúgio dos tristes e aflitos, costumava encontrar a travessa rapariga calma e bons conselhos. Talvez as andorinhas, dos seus ninhos de barro feitos no teto, lhe oferecessem, entre gorjeios, lições de sensatez e de brandura.

O certo é que saiu amansada e procurou na horta maçãzinhas doces, temporãs, que muito eram do agrado de Bess. Com esta oferta de paz, foi humildemente em busca da princesa e teve a dita de a ver aceitar a sua oferenda. Depois, quando Daisy deu um beijo de perdão a Nan, Sua Alteza fez outro tanto, como que a mostrar-se indulgente após a severidade anterior. A seguir brincaram juntas as três, muito contentes, e Nan desfrutou do real favor durante alguns dias. A insubmissa rapariga encontrava-se como ave de campo recém-encerrada em linda gaiola e, de vez em quando, sentia a necessidade de mover as asas, de voar ou de cantar alvoroçadamente, quando não podia guerrear com Daisy, pombinha gorducha, nem com Bess, lindo canarinho de oiro. De qualquer modo,ao ver as simpatias e o afeto de todos para com "Cabelinho de oiro" pela sua graça e virtude, procurou imitá-la. Sentia que precisava de muito amor e que queria conquistá-lo.

Todos os pequenos sofreram a doce influência de Sua Alteza. E todos,sem saberem como nem porquê, melhoraram. Os meninos obram milagres nos corações daqueles a quem amam. O infortunado Billy passava horas inteiras, muito satisfeito, contemplando-a, e, embora a ela não lhe agradasse, prestou-se a isso gostosamente quando lhe fizeram compreender que aquele pobrezinho era um doente e portanto muito necessitado de afetos. Dick e Dolly enchiam-na de apitos de madeira – único brinquedo que sabiam fazer – e a "Princesinha aceitava as ofertas, sem nunca as usar. Rob

acompanhava-a como um rendido galã. Teddy seguia-a como um homem mulherengo; Jack não era para "Cabelinho de oiro" uma simpatia, por ter a voz forte e as mãos cheias de verrugas; "Traga-Bolos" também não era dos seus eleitos por não comer com a devida compostura. O pobre Jorge esforçou-se por moderar a sua gulodice para não desgostar a encantadora menina, que se sentava à mesa em frente dele. Ned foi desterrado da corte e caiu em desgraça por ter sido surpreendido a atormentar uns ratinhos do campo. Sua Alteza não esquecia o triste espetáculo e fugia do rapaz.

Daisy, cedendo o primeiro lugar a Bess, assumiu o cargo de cozinheira-mor; Nan era a criadinha para todo o serviço, Emil fazia de ministro da economia e esbanjava o Tesouro Público, organizando espetáculos que chegaram a custar nove dinheiros. Franz era o primeiro-ministro e projetava grandes reformas no reino, mantendo a paz com as potências! "Meio-Brooke" desempenhava às mil maravilhas as funções de conselheiro de Estado; Dan constituía o exército permanente e defendia com bravura os territórios; Tommy era o bobo e Nat a orquestra.

O papá e a mamã Bhaer divertiam-se imenso vendo desenvolver-se aquela inocente farsa, na qual os pequenos imitavam inconscientemente os graúdos, mas sem saírem nunca da comédia nem chegarem à tragédia.

A despedida foi comovedora. Sua Alteza sentou-se sobre a mesa do salão, rodeada pelos seus súbditos. Beijou os primos e trocou apertos de mão com os demais rapazinhos, que não dissimulavam a sua emoção por terem aprendido a não ocultarem aquilo que se sente.

– Tenho de fazer um registo para os teus livros, e espero que o conserves sempre – observou Nan, abraçando-a com efusão.

A despedida mais comovedora foi a do pobre Billy. O pequenito não se resignava a perder o seu ídolo e caiu de joelhos soluçando:

– Não te vás embora! Não vás!

Bess, emocionada,disse-lhe:

– Não chores, meu querido Billy. Toma um beijo. Voltarei depressa para te ver.

O beijo e a promessa acalmaram a aflição do aleijadinho.

– Eu quero um beijo! Eu quero um beijo! – exclamaram Dick e Dolly.

– Eu também! Eu também – reclamaram os demais,já com a voz, já com o olhar. E a "Princesinha" abriu os braços e murmurou magnanimamente:

– Vou beijar todos!

Como um enxame de abelhas que se dirigissem para uma flor, os

pequenos rodearam Bess e beijaram-na com delicadeza e entusiasmo até lhe enrubescerem as bochechas. A seguir o tio Laurie levou Sua Alteza, que se afastou sorrindo e cumprimentando com as mãozinhas, enquanto os pequenos, até a perderem de vista, chilreavam como um bando de passarinhos: "Volta depressa! Volta depressa!"

10. Estranho desaparecimento

A mamã Bhaer tinha muita razão; a tranquilidade era apenas passageira; a tormenta preparava-se e dois dias depois de Bess se ter ido embora um terremoto moral abalou, até aos alicerces, a casa de Plumfield.

As galinhas foram, ainda que involuntariamente, a causa do conflito; se não tivessem posto tantos ovos o rapaz não teria feito tantas vendas e não teria tido tanto dinheiro. O dinheiro é a raiz de todo o mal, e, todavia, é raiz tão útil que não podemos passar sem ela. Tommy não prescindia dessa raiz útil e esbanjava o seu rendimento de modo tal que o papá Bhaer, depois de elogiar as vantagens das caixas económicas, ofereceu-lhe para seu uso particular um magnífico edifício de lata, que tinha na porta o letreiro "Banco Económico" e uma chaminé monumental pela qual se introduziam as moedas, que caíam num depósito. Para se retirarem abria-se uma portazinha em baixo.

A caixa aumentou rapidamente de peso, e Tommy, muito satisfeito, projetava adquirir tesouros deslumbrantes. Tinha uma conta dos valores depositados e propunha-se a abrir o mealheiro quando tivesse cinco dólares. Faltava- lhe um dólar e no dia em que a mamã Bhaer lhe entregou essa soma, como pagamento de algumas dúzias de ovos, o rapaz, pulando alegremente, correu ao celeiro, a mostrar aos seus colegas a reluzente moeda.

Nat, que ansiava por fundos para comprar um violino, disse-lhe tristemente:

– Com três dólares já o podia comprar.

– Talvez possa emprestar-te algum; ainda não me decidi sobre o que irei comprar – exclamou Tommy, atirando a moeda ao ar.

– Venham cá! Venham depressa ao riacho! Venham ver que cobra tão bonita Dan apanhou! – gritaram lá de baixo.

– Vamos depressa! – exclamou Tommy, deixando o dinheiro dentro da velha máquina de peneirar e deitando a correr seguido de Nat.

A cobra-d'água, que era de fato muito interessante, e a perseguição e captura de um corvo ferido entretiveram Tommy tanto tempo que não mais se lembrou do dinheiro até ir para a cama.

– Bom – murmurou, ao principiar a adormecer. – Não faz mal! Ninguém, exceto Nat, sabe onde está o meu dólar.

No dia seguinte, quando os rapazes estavam na escola, entrou Tommy muito apressado, perguntando:

– Onde está o meu dólar?

– Que dizes? Explica-te – disse-lhe Franz. Tommy explicou tudo e Nat corroborou a descrição.

Declararam unanimemente que nada sabiam acerca da moeda e todos olharam com desconfiança para Nat, que se atulhava cada vez mais ao ouvir as negativas.

– Alguém a tirou – disse Franz.

Raivosamente e mostrando os punhos, Tommy rugiu:

– Irra! Que se eu apanho o ladrão, há de lembrar-se de mim!

– Acalma-te e vamos ver se sabemos quem foi. Os ladrões apanham sempre o seu castigo – disse Dan.

– Talvez algum vagabundo tenha entrado para dormir no celeiro e tivesse levado o dólar – lembrou Ned.

– Silas não deixa entrar ali quaisquer vagabundos; além disso, ninguém vai procurar dinheiro numa máquina velha – respondeu com desdém Emil.

– Terá sido Silas? – disse Jack.

– Impossível! Silas é um homem honrado e incapaz de tirar seja o que for – respondeu Tommy, defendendo com energia o jardineiro.

– Está-me a parecer que tu julgas que fui eu balbuciou Nat, ruborizado e temeroso.

– Tu és o único que sabia onde estava o dólar! – respondeu Franz.

– É certo, mas eu não peguei nele! Não fui eu! Não fui eu! – soluçou Nat,com desespero.

– Calma,meus filhos, calma! Que barulho é este? – disse o papá Bhaer, aparecendo junto deles.

Tommy repetiu a história do dinheiro desaparecido; o mestre, ao ouvi-lo, pôs-se muito sério, porque os rapazes,n o meio de todas as suas diabruras, tinham sido sempre honrados até então.

– Sentai-vos – ordenou, e quando cada um ocupou o seu lugar, o Sr. Bhaer, olhando-os com doloroso pesar, acrescentou: – Vou simplesmente interrogar-vos um por um; quero que me respondais honradamente. Não tratarei de averiguar a verdade, nem por ameaças, nem por suborno, nem por surpresa; todos vós tendes consciência e sabeis o que ela vos diz. É tempo agora de reparar o dano causado a Tommy. Perdoo mais facilmente uma fraqueza perante uma tentação do que uma mentira. Não

junte o culpado o logro ao furto; confie sinceramente e todos procuraremos perdoar-lhe e esquecer.

Houve uma pausa, durante a qual reinou profundo silêncio. Lenta e gravemente, o mestre fez a mesma pergunta a cada um dos garotos e de cada um recebeu resposta negativa.

Todos estavam muito excitados e tinham as maçãs do rosto avermelhadas; a cor não pôde ser tomada como indício revelador; os mais pequenos estavam tão assustados que, embora estando evidentemente inocentes, gaguejaram e desataram a chorar ao responder.

Quando coube a vez a Nat, o Sr. Bhaer adoçou a voz; viu o garoto tão angustiado que o julgou culpado e quis, com brandura, abrir-lhe o caminho para que confessasse e não dissesse uma mentira.

– Vamos, meu filho, responde- me leal e francamente. Pegaste no dinheiro?

– Não, senhor! Não, senhor!

Naquele momento ouviu-se um cochichar.

– Silêncio – ordenou o Sr. Bhaer, dando uma pancada na mesa e olhando com severidade para o lugar de onde viera o murmúrio. Estavam ali Ned, Jack e Emil. Os dois primeiros mostraram-se muito envergonhados; Emil exclamou:

– Tio, não fui eu! Sentir-me-ia envergonhado de condenar um companheiro por ter caído.

– Muito bem dito! – exclamou Tommy, que se sentia muito desgostoso em presença do conflito que tinha causado um dólar.

–Silêncio! – repetiu o mestre. A seguir, acrescentou severamente: – Lamento muito, Nat; mas tudo parece acusar-te e as tuas antigas mentiras autorizam-me a duvidar de ti, o que não aconteceria se nos merecesses a mesma confiança que nos merecem os demais que nunca mentiram. Repara bem que não te acuso deste furto, que não te castigarei até estar absolutamente certo, nem te farei mais perguntas. Deixo-te entregue à tua consciência. Se estás culpado, vem ver-me quando quiseres e confessa; perdoar-te-ei e ajudar-te-ei a emendares-te. Se estás inocente, tarde ou cedo a verdade se imporá, e então serei o primeiro a reabilitar-te perante todos e a pedir-te perdão por ter duvidado de ti.

– Não fui eu, senhor! Não fui eu, senhor! Não fui eu! – soluçou Nat, escondendo a cara para evitar os olhares de desconfiança e de desgosto que todos lhe dirigiam.

O papá Bhaer aguardou mais um momento. O silêncio só foi perturbado por um leve murmúrio de simpatia dos rapazes mais pequenos.

O mestre abanou tristemente a cabeça e disse:

– Não é preciso fazer nem dizer mais nada. Não tornarei a falar mais no assunto e desejo que todos me imiteis. Não vos posso pedir que sejais carinhosos como dantes para com um companheiro suspeito, mas é meu desejo que o não atormenteis nem molesteis... basta-lhe a sua consciência! E agora vamos às nossas lições.

– É assim mesmo! E aqui nada se passou. Gosto muito da justiça! – exclamou Ned ao ouvido de Emil quando voltaram a pegar nos livros.

– Cala-te! – resmungou Emil, sentindo que o acontecimento era como uma nódoa para a casa de Plumfield.

Muitos dos garotos opinavam de igual modo que Ned. Todavia, o papá Bhaer procedia com retidão; mais valia que Nat tivesse confessado a verdade do que sofrer, como lhe fizeram uma semana, a desconfiança geral, o desprezo de todos e ver que fugiam de lhe falar; ninguém o incomodou, e, não obstante, o pequeno sofreu muito mais do que quando noutro tempo o pai lhe batia cruelmente.

Até a mamã Jo, que se mostrara sempre tão afetuosa, tratava-o agora de modo diferente; a tristeza do mestre angustiava o pequeno, compreendendo que a acusação de furto e de mentira frustrava todas as esperanças que nele tinham depositado.

Uma única pessoa tinha fé cega na inocência de Nat; proclamava-a e defendia-a contra todos energicamente. Essa pessoa era Daisy.

Sem saber porquê, e apesar das aparências de culpabilidade, tinha fé absoluta na honradez e na sinceridade do rapaz e defendia-o com simpatia, não tolerando que falassem mal do seu protegido; numa ocasião foi até ao ponto de fazer vários arranhões no seu amantíssimo irmão, "Meio-Brooke", por este procurar convencê-la de que só Nat sabia onde estava o dinheiro e que o podia ter ido tirar.

Uma tarde, Dan, que observava junto do riacho os curiosos costumes das cobras-d'água, escutou um bocado de uma conversa entabulada do outro lado da cerca. Ned, que era tão curioso como perguntador, andava assaltando Nat com perguntas para saber "ao certo" quem era o culpado; perante a resignação e as firmes negativas do acusado, alguns rapazes já duvidavam da sua culpabilidade.

– Não, Ned! Não to posso dizer porque não sei. É uma crueldade o que

estás a fazer, atormentando-me. Estou certo de que não te atreverias a fazer isso se aqui estivesse Dan.

– Dan, não me assusta, é um fanfarrão. Parece-me bem que foi ele quem roubou o dólar de Tommy e tu sabes e calas-te. Esta é que é a verdade!

– Não foi, e ainda que tivesse sido, eu defendê-lo-ia porque me tem dado muitas provas de ser um excelente companheiro – respondeu energicamente Nat.

Dan, esquecendo as cobras-d'água, levantou-se para agradecer ao seu amigo, ouvindo Ned exclamar:

– Sei muito bem que Dan tirou o dinheiro e deu-te a ti. Não me admira – acrescentou, mentindo à sua própria consciência, mas com a esperança de encolerizar o seu interlocutor – porque era um ladrãozito antes de para aqui vir, e tu sabe-lo muito bem.

– Volta a dizer isso e, embora eu não goste de fazer queixas, vou já dizer ao Sr. Bhaer.

– Além de embusteiro e ladrão ainda por cima serias uma víbora.

Não pôde prosseguir. Um braço surgiu por cima da cerca, agarrou Ned pelo pescoço, passou-o para o outro lado e mergulhou-o no riacho.

– Atreve-te a insultá-lo e afogo-te já! – gritou Dan, que, qual novo Colosso de Rodes, tinha um pé em cada uma das margens do riacho e via chapinhar o imprudente rapaz.

– Era a brincar! – disse Ned.

– Tu, sim, é que és uma autêntica víbora por estares a atormentar Nat. Volta a fazê-lo e mergulho-te no rio. E agora vai-te embora – rugiu Dan, enfurecido.

Escorrendo água, Ned afastou-se rapidamente. O mergulho fizera-lhe bem, pois a partir de então mostrou-se muito respeitoso para com os dois amigos.

– Parece-me que lhe ficará de emenda, mas se voltar à carga diz-mo e eu tratarei dele – murmurou Dan, saltando a cerca e tentando consolar o atormentado Nat.

– Não me importo que me acusem, já estou acostumado; mas não gosto que te caluniem.

– E se me não tivessem caluniado? E se tivessem dito a verdade?

– O quê? Não acredito!

– Porquê?

– Porque não. Tu não fazes caso do dinheiro. Contentas-te com teres

bichos para colecionar.

– Pois fica sabendo que preciso de uma rede de caçar borboletas como tu precisas de um violino. Não poderia ser eu o ladrão?

– Não. Tu tens mau génio e és brigão, mas não dizes mentiras nem és capaz de roubar.

– Bom, pois fica sabendo que já menti muitas vezes e quando fugi de casa do Sr. Page roubei nas quintas frutas e hortaliças para comer; já vês que sou má pessoa.

– Não creio.

Dan, satisfeito, replicou duramente:

– Anima-te, não sejas piegas; havemos de encontrar o ladrão.

– Que terá Dan? – perguntaram os pequenos no domingo que se seguiu àquela interminável semana. Dan era extravagante, mas aquele dia estava tão sério que ninguém se atreveu a interrogá-lo. Ao sair para passear afastou-se dos demais e voltou tarde para casa. Não tomou parte na conversação geral e manteve-se meditabundo a um canto.

Quando a tia Jo lhe mostrou, coisa não muito frequente, uma boa nota no "livro de consciência" o rapaz leu-a sem se sorrir e perguntou-lhe gravemente:

– Acha que eu me porto bem, minha senhora, não é verdade?

– Muito bem, e estou satisfeitíssima; confio na ideia de que havemos de fazer de ti alguém.

Dan, olhando-a com um misto de amor, orgulho e tristeza, disse-lhe:

– Receio que se engane.

– Que tens? Estás doente?

– Dói-me um pouco o pé. Com licença, vou-me deitar; boas noites, mamã! – exclamou. E ficou um instante refletindo, saindo, por fim, como se se despedisse de alguma coisa que muito estimava.

Tommy não encontrou colaborador de mais confiança do que o pobre Billy; este aprendeu depressa a procurar os ovos e dava-se por satisfeito em receber de vez em quando uma maçã ou um doce como paga do seu trabalho. Na manhã seguinte àquele domingo em que Dan se mostrara tão sombrio, Billy disse a Tommy:

– Só há dois ovos.

– Isto vai de mal a pior. Que galinhas tão antipáticas! – resmungou Tommy, lembrando-se da frequência com que Nat apanhava seis ovos diários.

– Bom, põe-nos aqui no meu chapéu e alcança-me o giz para os assentar na conta.

Billy foi buscar uma cadeira para alcançar o giz que estava em cima de uma máquina velha. De repente exclamou:

– Está aqui uma coisa que parece dinheiro.

– Ora deixa-me em paz e traz daí o giz!

– Vejo dinheiro; um, quatro, outro e mais outro. um dólar – insistiu Billy.

– Basta de brincadeiras – murmurou Tommy, que ao trepar para ir buscar o giz, encontrou quatro moedas, acompanhadas de um pedacinho de papel, que dizia: "Para Tommy Bangs".

– Ora esta! – exclamou o rapaz, que, pegando nas moedas, entrou em casa, gritando: – Já apareceu o meu dinheiro! Onde está o Nat?

Nat apresentou-se; e foi tão grande a sua alegria e surpresa que todos acreditaram nele quando afirmou:

– Nunca toquei no teu dinheiro. Nem o tirei nem o devolvi. Acreditem-me e tratem-me de novo como vosso amigo.

Apertando-lhe cordialmente a mão, Tommy disse-lhe:

– Estou muito contente por saber que não foste tu, mas quem terá sido então?

– Pouco importa, o que era preciso era que o dinheiro aparecesse – insinuou Dan, olhando satisfeito e alegre para o semblante de Nat.

– Importa, sim! Não gosto que as minhas coisas sirvam para fazer passes e truques como os dos ilusionistas.

– Já vamos descobrir o autor, apesar de ter feito letra de imprensa para que não se lhe conhecesse a caligrafia.

– "Meio-Brooke" faz muito bem letras de imprensa.

– Mas "Meio-Brooke" é incapaz de tocar nas coisas alheias – replicou Tommy.

Os rapazes concordaram, pois, o "Diácono" tinha desde sempre fama merecida de honradez e de bondade.

Nat observou a diferença de conceito existente entre "Meio-Brooke" e ele e naquele momento prometeu a si próprio esforçar-se por conseguir, sendo sempre verdadeiro, idêntica confiança.

O papá Bhaer mostrou-se muito satisfeito com o ocorrido e aguardou novas revelações. Estas chegaram depressa e foram tão surpreendentes como dolorosas. À hora do jantar recebeu o professor um pacote quadrado com uma carta da Sra. Bates, que morava próximo de Plumfield. Enquanto o

mestre lia a carta, "Meio-Brooke" abriu o pacote e gritou:

– Mas isto é o livro que o tio Teddy ofereceu a Dan!

– Diabos o levem! – exclamou Dan, que, apesar dos seus esforços, ainda não tinha conseguido curar-se do vício de praguejar.

O Sr. Bhaer olhou-o com tal fixidez que o rapaz ruborizou-se intensamente.

– Que aconteceu? – perguntou com inquietação a tia Jo.

– Teria preferido falar disto reservadamente, mas "Meio-Brooke" frustrou o meu plano – respondeu severamente o Sr. Bhaer. – A Sra. Bates diz-me que no sábado passado seu filho Jimmy comprara este livro a Dan, pagando-lhe um dólar; a mãe verificou que o livro vale muito mais e devolve-mo ,julgando tratar-se de um engano. Vendeste-lho, Dan?

– Sim, senhor.

– Porquê?...

– Porque precisava de dinheiro.

– Para quê?

– Para pagar uma dívida.

– A quem devias tu?...

– A Tommy.

– Nunca lhe emprestei nada – interrompeu Tommy, adivinhando a revelação e lamentando-a sinceramente porque gostava e admirava muito Dan.

– Eu não dizia que era Dan quem tinha tirado o dólar! – insistiu Ned, que ainda não se esquecera do mergulho.

– Dan! – murmurou consternado Nat, deixando cair a sua torrada.

– Por muito desagradável que seja tenho de intervir no assunto; mas não posso ser um polícia de cada um de vós, nem posso consentir que o sossego da casa seja perturbado. Dan, foste tu que puseste este dólar no celeiro? – perguntou o Sr. Bhaer.

– Sim, senhor.

Houve um murmúrio geral. Tommy deixou cair a chávena por onde estava bebendo. Daisy gritou: "Eu sabia que Nat estava inocente ". Nat desatou a chorar e a tia Jo saiu da sala de jantar, muito pesarosa. Dan ergueu a cabeça após breve abatimento, encolheu os ombros e, com um estranho olhar e o ar enérgico de outrora, disse:

– Fui eu que pus esse dólar no celeiro; faça o que quiser de mim, mas não direi mais nada sobre o assunto.

– Não lastimas o que aconteceu?

– Não, senhor; não lastimo.

– Pois eu perdoo-lhe sem que ele mo peça – exclamou Tommy, sentindo mais compaixão pelo valente Dan do que pelo tímido Nat.

– Não preciso que me perdoem.

– Talvez o desejes quando meditares sobre o assunto com mais calma. Não quero expressar-te a surpresa e o desalento que me oprimem. Sobe e vem falar comigo no teu quarto – disse o mestre.

– Tanto se me dá – respondeu Dan, querendo falar com altivez, mas fraquejou ao ver a tristeza do mestre. E crendo que as suas palavras eram uma despedida, abandonou a sala.

Se tivesse permanecido nela, talvez, ouvindo as exclamações de pesar, de compaixão e de estranheza dos rapazes, se houvesse comovido, decidindo-se a pedir perdão.

Todos, até mesmo Nat, deploravam a revelação, porque todos, apesar da crueza e dos defeitos de Dan, admiravam os seus dotes varonis, a sua inteligência e a sua bondade.

A tia Jo, especial protetora do garoto, afligiu-se extraordinariamente. Mau era furtar; pior consentir que tivessem acusado um inocente; muito pior devolver o dinheiro pela calada, demonstrando falta de coragem e propensão para o logro e para a mentira, que auguravam mal para o futuro; e infinitamente pior negar-se a pedir perdão, obstinar-se em não falar do que ocorrera e não dar mostras de arrependimento. Passavam-se os dias e Dan, rude, silencioso e sem se arrepender, assistia às aulas. Sugestionado pelo que ocorrera a Nat, não procurou a companhia dos outros pequenos, evitou-os, negou-se a brincar com eles e despendia as horas de recreio a errar pelos campos, procurando entretimento e ensino nos pássaros, répteis e insetos.

– Se isto se prolonga, receio que volte a fugir; é muito jovem para suportar semelhante género de vida – disse o papá Bhaer, convencido do fracasso dos seus esforços.

– A princípio não acreditaria eu que ele fugisse, agora tenho as minhas dúvidas; está muito mudado – respondeu a tia Jo, inconsolável, vendo que Dan fugia dela e que, quando não podia evitá-la, a olhava com os seus tristes olhos meio duros, meio suplicantes, de um animal selvagem apanhado numa ratoeira.

Nat seguia como uma sombra o seu amigo e este, embora com menos aspereza com que se dirigia aos outros, dizia-lhe:

– Vai-te! Não te preocupes comigo! Todos têm razão. Eu sei arranjar-me melhor do que tu.

– Não gosto de te ver sempre só.

– Pois eu gosto.

Passeando um dia pelo bosque de bétulas viu Dan que os seus companheiros se entretinham a subir às árvores e a cavalgar sobre os flexíveis ramos. Sem procurar juntar-se à brincadeira, parou a contemplá-los. Jack acabava de subir a uma árvore, muito copada, e ao querer escarranchar-se sobre um ramo, este, bastante fino, inclinou-se, ficando o rapaz suspenso a grande altura.

– Desce! – gritou Ned.

Jack tentou fazê-lo, mas os rebentos eram débeis e partiram-se sob o peso do seu corpo. O tronco da árvore era grosso demais para tentar abraçá-lo com os braços e as pernas; por fim, desesperado, assustado, ofegante, o rapaz suplicou:

– Socorro! Socorro! Que eu caio!

– Se te deixas cair, morres – respondeu Ned.

– Agarra-te com força! – gritou Dan, trepando velozmente até ao ramo em que se encontrava Jack.

– Vão-se estatelar os dois – disse Ned a Nat, que, angustiado a mais não poder, observava a cena.

Com toda a tranquilidade, Dan escarranchou-se no ramo e fê-lo descer até que Jack pôde saltar para o chão; mas naquele momento, aliviado de metade do peso, o ramo voltou à sua posição natural com tal violência que fez cair Dan pesadamente.

– Não me magoei – exclamou um tanto pálido e atordoado, enquanto os rapazes o rodeavam cheios de admiração e de medo.

– És valente, Dan, e hei-de ficar-te sempre agradecido – murmurou Jack.

– Não vale a pena - respondeu Dan, levantando-se.

– Sim, sim, e vou dar-te um aperto de mão, embora sejas... – Ned calou-se no final da frase e estendeu a mão, reconhecendo que a ação tinha sido valorosa.

– E eu não aperto a mão a uma víbora – respondeu Dan, voltando-lhe as costas.

Ned, lembrando-se do banho no ribeiro, evitou protestar.

– Vamos para casa, amigo; eu trato de ti – disse Nat, deixando os rapazes a comentar e a louvar a façanha.

No dia seguinte, o Sr. Bhaer apresentou-se muito satisfeito na escola; os rapazes julgaram que o mestre tinha enlouquecido de repente quando o viram ir diretamente ter com Dan, apertar-lhe calorosamente a mão e dizer:

– Sei tudo quanto se passou e peço-te perdão. É uma ação própria de ti e que me faz querer-te mais ainda; embora nunca se deva mentir, ainda que seja para bem de um amigo.

– Que aconteceu? – perguntou Nat, vendo que o seu companheiro, embora satisfeito, guardava silêncio.

– Dan não tirou o dinheiro do Tommy – exclamou alegremente o papá Bhaer.

– Quem o tirou então? Quem o tirou? – perguntaram todos.

O professor apontou para um lugar vazio; os rapazes olharam na direção indicada e tão surpreendidos ficaram que durante um momento reinou profundo silêncio em toda a classe.

– Jack foi-se embora esta manhã, muito cedo, deixando esta carta presa ao batente da porta – exclamou o Sr. Bhaer, lendo o seguinte:

"Fui eu que tirei o dólar de Tommy. Estava a espreitar pelo buraco da fechadura e vi onde ele o pôs. Embora quisesse dizê- lo não me atrevia. Pouca mágoa me causava Nat, mas muita Dan, porque é um valente. Não podia continuar a viver aqui. Não gastei o dinheiro; está debaixo do tapete do meu quarto, atrás do lavatório. Creiam que sinto muito o que fiz. Vou-me embora e penso que não voltarei mais; cedo a Dan tudo quanto aí deixei ficar.

Jack"

A confissão não era muito elegante, estava mal escrita e tinha muitos borrões; mesmo assim, valia extraordinariamente para Dan. Este, quando a leitura da carta terminou, foi direito ao Sr. Bhaer e, respeitosamente, mas com toda a serenidade, disse-lhe:

– Agora, senhor, lastimo os desgostos que lhe causei e peço-lhe que me perdoe.

– Piedosa mentira foi a tua, Dan, e perdoo-te; mas hás de compreender que não foi bem feito o que fizeste – exclamou carinhosamente o papá Bhaer.

– Quis evitar que os rapazes continuassem a atormentar Nat. O meu amigo não podia resistir a tanto sofrimento; eu sim – respondeu Dan, satisfeito por poder quebrar o silêncio que ele impusera a si próprio.

– E sacrificaste-te por mim! Que bom e carinhoso és! – balbuciou Nat, desejando abraçar o amigo e desatar a chorar; duas coisas que teriam escandalizado Dan.

– Vá lá, não sejas tontinho e cala-te – observou, rindo; a seguir perguntou rapidamente: – E a mamã Bhaer já sabe?

– Sim, e está muito satisfeita. – começou a dizer o mestre; não pôde continuar porque os rapazes, alvoroçadamente, rodearam Dan, fazendo-lhe centenas de perguntas.

– Três vivas a Dan! – exclamou a tia Jo da porta, agitando um pano da cozinha e mostrando grande alegria.

– Aí vão eles! – respondeu o papá Bhaer lançando três vivas tão estrepitosos e tão ruidosamente acompanhados por todos que Asia ficou estupefacta na cozinha e o velho Sr. Robert acenou a cabeça dizendo:

– Estes rapazes de agora não são nada do que eram no meu tempo!

Dan, muito contente, sentiu que a sua alegria atingia o auge ao ver a tia Jo.

De repente correu para o vestíbulo; para lá se dirigiu também a excelente senhora e ambos desapareceram durante meia hora.

11. O ninho do salgueiro

Naquele Verão o velho salgueiro foi testemunha de muitas cenas e ouviu muitas confidências. Os rapazes fizeram da árvore o seu retiro favorito e passaram nele horas deliciosas. Um sábado, o salgueiro viu-se muito visitado.

Primeiro chegaram Nan e Daisy com alguidares e sabão, dispostas a lavar a roupa das bonecas. A Asia não consentia que o fizessem na cozinha e a lavagem no quarto de banho estava proibida desde que, em certa ocasião, Nan deixara a torneira aberta, inundando todo o quarto.

Daisy empreendeu, conscienciosa e ordenadamente, a tarefa, lavando primeiro a roupa branca e depois a de cor, pondo-a a secar numa corda estendida entre duas árvores e segurando os vestidos com molas de madeira pequeninas que Ned tinha fabricado.

Nan deixou todos os trapinhos de molho dentro do alguidar e esqueceu-se deles para ir cortar flores de cardo, com as quais pensava encher uma almofada destinada a uma boneca.

Nesta tarefa passou o tempo e quando foi dar uma passagem à roupa, encontrou todos os vestidos cheios de manchas verdes, porque deixara entre eles uma touca de seda verde, que manchou as camisas cor-de-rosa e as cuequinhas brancas das bonecas.

– Valha-me Deus Que desgraça! – exclamou.

– Deixa-as estendidas sobre a relva a corar; assim ficarão brancas – aconselhou sabiamente a sua amiga.

– Bom. Entretanto, subiremos até ao ninho, para tomarmos conta delas, não vá o vento levá-las.

Ficou estendido sobre a relva o guarda-roupa da boneca; os alguidares foram colocados de boca para baixo para que escorressem e as lavadeiras treparam para o ninho e travaram animada conversa, como fazem as mulheres nos intervalos das lides caseiras.

– Vou fazer uma cama de penas com a minha nova almofada – disse Nan, passando as flores de cardo do bolso para o lenço e perdendo mais de metade na operação.

– Eu não. A tia Jo disse que os leitos de penas não são higiénicos. Não quero que os meus filhos durmam senão em colchões – afirmou

resolutamente Daisy.

– Quero lá saber da higiene. Os meus pequenos são tão fortes que dormem no chão e não se queixam nem lhes acontece mal. Além disso, não posso comprar nove colchões – retorquiu Nan.

– Achas que Tommy será capaz de me dispensar penas das galinhas dele? Gostava de fazer umas almofadas – disse Daisy.

– Sim; creio que não se aborrecerá – respondeu Nan.

– Enxaguando a roupa talvez saiam as manchas verdes – disse Daisy mudando de conversa e olhando para o chão.

– Pouco me importa. Estou farta de bonecas; estou a pensar em deixá- las e dedicar-me a tratar do jardim.

– Não podes abandoná-las; morreriam sem mãe.

– Pois que morram! Já me aborrecem! Prefiro brincar com os rapazes; quando não estou com eles sinto-lhes a falta.

Daisy ignorava o que eram os direitos da mulher; tranquilamente fazia tudo o que lhe apetecia, sem oposição de ninguém. Nan era muito inoportuna, mas não se acobardava perante as negativas. Clamava sempre para fazer tudo quanto faziam os rapazes. Estes riam-se, afastavam-na aos empurrões e protestavam contra a intrusa. "Turbilhão" não recuava; gritava, insistia e acabava sempre por levar a sua avante. A mamã Bhaer, simpatizando com a pequena, punha freio aos seus impetuosos caprichos e ensinava-a a esperar, a reprimir-se e a preparar-se para usar oportunamente a liberdade. Pouco a pouco e com intermitências, Nan apaziguava- se. Já não queria ser maquinista de comboio, nem ferreira; consagrou-se a cuidar da sua horta, e a horticultura e a jardinagem foram as válvulas de escape para a energia e para a atividade impaciente do seu carácter. Todavia, não estava satisfeita de todo; a sálvia e a manjerona eram muito ingratas e não lhe diziam um muito obrigado pelos cuidados que lhes dispensava. A pequena precisava de amar alguma coisa de humano, trabalhar para os outros, proteger o próximo; por isso comprazia-se se os pequenos, quando se magoavam, ou faziam um alto na testa, ou cortavam os dedos, recorriam a ela para que os tratasse. A tia Jo quis cultivar esta inclinação e a despenseira teve em "Turbilhão" uma notável discípula na preparação de unguentos, ligaduras, cataplasmas, emplastros etc. Os pequenos começaram a chamar a Nan a "doutora Giddygaddy" e a interessada gostou tanto da alcunha que a mamã Bhaer disse ao marido:

– Vejo agora o que podemos fazer desta pequena. Na idade em que está precisa de alguma coisa para viver; sem essa alguma coisa será uma criatura

caprichosa, descontente e de mau carácter. Não contrariemos as suas inclinações, facilitemos-lhe o trabalho que lhe agrada, e quando chegar o momento convenceremos o pai de que deve permitir-lhe que estude medicina. Nan virá a ser uma excelente médica: tem coragem, serenidade e ternura e é compassiva com os fracos e os que sofrem.

O papá Bhaer sorriu a princípio, mas depois fez um pequeno jardim botânico para Nan. Ensinou-lhe o cultivo das plantas e as propriedades salutares de cada uma e deixou-a que fosse experimentando as suas virtudes curativas sempre que os rapazes tinham alguma indisposição.

Nestas coisas pensava Nan no dia em que tinha subido para o salgueiro. Daisy disse-lhe docemente:

– Gosto muito dos trabalhos domésticos; quando meu irmão for mais crescido e vivermos juntos penso ter uma casinha muito bem arranjada.

– Pois eu – exclamou Nan –, não tenho irmãos nem gosto das coisas da casa. Penso ter um laboratório cheio de frascos, bebidas e pós. Sairei a cavalo para ir visitar e curar os doentes. Assim é que é bonito!

– Puf! Que mau gosto! Ter de cheirar o óleo de rícino, os xaropes, purgantes e outras coisas que cheiram mal.

– Que me importa! Não serei eu quem terá de tomar essas coisas; servirão para curar os meus doentes e isso me agradará. Não curei a mamã Bhaer da dor de cabeça com uma infusão de sálvia? Não se acalmou, antes de cinco horas; a dor de dentes de Ned com o meu elixir? Já vês que sim!

– E terás de pôr sanguessugas, arrancar dentes e cortar pernas às pessoas? – perguntou, aterrada, Daisy.

– Naturalmente! Não me importo que uma pessoa se faça em pedaços; eu compô-la-ei. O meu avô era médico; uma vez cortou a um homem um pedaço da cara; eu presenciei a operação e ajudei-o segurando na esponja, e não me assustei; meu avô disse-me que eu era uma menina muito valente.

– Que coragem tu tens. A mim desgosta-me muito ver as pessoas doentes, mas gosto de as tratar; no entanto, assusto-me depois e acabo por fugir.

– Bom; serás a minha enfermeira e agarrarás os meus doentes quando eu lhes der massagens e lhes cortar as pernas.

– Barco à vista! Onde está Nan?

– Estamos aqui.

– Ai Ai – gemeu a mesma voz. E apareceu Emil, agarrando uma mão e fazendo caretas de dor.

– Que tens? – perguntou aflita Daisy.

– Uma malvada duma farpa cravou-se-me no dedo polegar. Não consigo tirá-la. Queres tirá-la tu, Nan?...

– Está muito funda e não tenho água – respondeu a pequena curandeira examinando conscienciosamente a ferida.

– Tira-ma com um alfinete.

– Não, é muito grosso e não tem a ponta afiada.

Daisy meteu a mão ao bolso e ofereceu o estojo de costura com agulhas.

– Tu tens sempre à mão o que é preciso – observou Emil.

Nan prometeu a si própria trazer sempre um pacotinho de agulhas para as operações daquele género, que eram muito frequentes. Daisy tapou os olhos enquanto a cirurgiã espetava com mão firme a agulha, atendendo às indicações que Emil lhe fazia em termos não médicos.

– À proa! Firme, rapazes, firme! A bombordo! Toda a força.

– Cá está ela!

– Dói-me!

– Dá-me o teu lenço, que é para eu te pôr uma ligadura.

– Não tenho; toma lá um destes trapos que puseram a secar.

– Ai, que gracinha! Não, meu filho, não! Não tocas nos vestidos das bonecas – gritou Daisy muito indignada.

– Chupa o dedo – ordenou a doutora examinando a farpa extraída. E acrescentou, indicando os vestidos das suas bonecas:

– Pega num dos meus.

Emil agarrou o primeiro que encontrou à mão. Nem mais nem menos que umas cuecas brancas! Nan, sem protestar, rasgou-as às tiras, preparou e aplicou uma ligadura e despediu o paciente advertindo-o:

– Conserva a ligadura molhada em água fria e assim a ferida não te doerá.

– Quanto lhe devo doutora? – perguntou rindo o "Almirante".

– Nada; abri um dispensário, quer dizer, um lugar onde se tratam gratuitamente os doentes.

– Obrigado, "doutora Giddygaddy". Tens-me por cliente teu – disse Emil, afastando-se rindo, mas agradecido; voltou-se e acrescentou: – Doutora, o vento leva-te os farrapinhos que aí tens.

E não fazendo caso do irrespeitoso epíteto de farrapinhos, as meninas desceram apressadamente a apanhar a roupinha lavada e já seca, indo depois para casa acender o fogão da cozinha e passar a ferro.

Uma leve brisa abanou o velho salgueiro, que pareceu rir brandamente do que acabava de ouvir. Momentos depois outro par de passarinhos se

encarrapitou no ninho da árvore a palrar confidencialmente.

– Bom, amigo Nat, vou dizer- te um segredo.

– Começa quando quiseres, Tommy.

– Ouve, os nossos colegas falavam, há pouco, "do último e interessante caso de circunstancial evidência" – exclamou o rapaz citando disparatadamente frases de um discurso pronunciado no clube por Franz – e eu propus que, como prova de amizade, de respeito, para compensar o nosso suspeitar dele e assim por diante – estás a perceber? –, oferecêssemos a Dan uma recordação bonita e útil. Que imaginas tu que escolhemos?

– Uma rede para apanhar borboletas é do que mais precisa – respondeu Nat, lamentando que se tivessem antecipado, pois era essa a prenda que ele se propunha oferecer ao seu amigo.

– Estás enganado; vamos oferecer-lhe um magnífico microscópio, para que possa observar os bichinhos da água, as estrelas do céu, os ovos de formiga e todos os insetos. Que tal achas a prenda? – interrogou Tommy, confundindo os microscópios com os telescópios.

– Magnífico! Extraordinário! Mas deve custar muito caro, não é verdade?

– Sim; mas todos nós contribuiremos. Eu abro a subscrição com os meus cinco dólares.

– És a pessoa mais generosa deste mundo.

– Olha, o malvado dinheiro só me tem dado desgostos e muitas preocupações; renuncio a guardá-lo, e assim já mo não cobiçam, nem mo roubam, nem se suspeitará de ninguém.

– E o papá Bhaer autoriza-te?

– Sim, já lhe falei e ele aprova o meu plano; disse-me que os melhores homens que ele conheceu gastavam o seu dinheiro durante a sua vida em vez de o guardar para que os seus herdeiros brigassem ao reparti-lo.

– O teu pai é rico. Que faz ele ao dinheiro?

– Não sei; dá-me o que preciso. Hei de falar-lhe nisso quando o tornar a ver e oxalá ele veja em mim um bom exemplo.

– E não te importas de ficar sem dinheiro?

– Já vais ver; o papá Bhaer dar-me-á conselhos sobre a maneira de o empregar. Para já os cinco dólares são para o microscópio de Dan. Depois, quando juntar um dólar, hei-de oferecer uma prenda a Dick; o pobrezito ganha pouco e só tem cinco centavos por semana para as suas despesas particulares.

– Admiro-te e farei por te imitar; renuncio a comprar o violino; vou

oferecer a Dan a rede para apanhar borboletas e se me sobrar algum dinheiro oferecerei uma prenda ao infeliz Billy. Ele gosta muito de mim e, embora não seja pobre, há de sentir-se satisfeito por ficar com uma recordação minha – disse Nat, contente pelo emprego que ia dar aos seus três dólares.

– Bom; anda daí que eu vou perguntar ao papá Bhaer se me podes acompanhar à cidade segunda-feira à tarde; enquanto eu compro o microscópio, tu compras a rede. Franz e Emil virão também e passaremos um bom bocado a ver as lojas.

Os rapazes passearam discutindo os seus planos e sentindo de antemão a felicidade de favorecer um pobre e um desprotegido.

– Aqui está fresco; descansemos um pouco propôs "Meio-Brooke" a Dan, ao regressarem de um grande passeio pelo bosque.

– De acordo – respondeu Dan, subindo ao ninho do salgueiro.

– Ouve, porque se mexem as folhas da bétula mais que as das outras árvores? – inquiriu "Meio- Brooke".

– Porque estão presas aos troncos de modo diferente. Observa e verás que a folha está unida ao tronco por uma espécie de pinça e isto faz com que se agitem ao menor sopro de vento. Por outro lado, as do carvalho pendem rígidas e ficam mais quietas.

– É curioso! Sucede a estas o mesmo? – perguntou "Meio-Brooke", mostrando um tronco de acácia que apanhara no prado.

– Não; estas pertencem a uma espécie que se fecha quando se toca. Pondo o dedo na metade do tronco verás que as folhas se dobram – respondeu Dan, examinando um bocado de mica.

"Meio-Brooke" experimentou e, ato contínuo, as folhas dobraram-se, até que o tronco mostrou, em vez de uma linha dupla, uma linha simples de folhas.

– É admirável! E para que servem estas? – interrogou "Meio-Brooke", mostrando um novo ramo.

– Estas são folhas de amoreira; servem para alimentar os bichos-da-seda até começarem a fazer casulo. Uma ocasião estive numa fábrica de seda e vi salas cheias de mesas cobertas com folhas; os bichos comiam com imensa pressa e faziam muito barulho. Às vezes comiam tanto que morriam. Diz isso ao "Traga-Bolos" – murmurou Dan rindo.

– Eu sei alguma coisa acerca destas folhas; sei que as fadas as empregam para se adornar.

– Se eu tivesse, que não tenho, nem nunca terei, um microscópio mostrar-

te-ia coisas mais bonitas do que as fadas. Conheci uma velhinha que cosia as folhas de amoreira umas às outras para fazer toucas de dormir que lhe aliviavam as enxaquecas.

– Que graça! Era a tua avó?

– Não conheci as minhas avós. Era uma velhinha muito estranha que vivia numa casa arruinada, sem outra companhia além de dezanove gatos. Diziam que era bruxa, mas na verdade não era. Comigo mostrava-se muito carinhosa e deixava-me aquecer na sua chaminé quando eu fugia dos maus tratos do asilo.

– Estiveste num asilo?

– Olha! – exclamou Dan, apontando para a casa, da qual saía a tia Jo, passeando lentamente e lendo um livro, enquanto Teddy corria, brincando com um carrinho.

– Esperemos que ela nos veja – disse "Meio- Brooke".

Permaneceram em silêncio, enquanto os passeantes se aproximavam; a tia Jo ia tão enfronhada na leitura de um livro que o Sr. Laurie lhe tinha emprestado que por pouco caía no riacho se Teddy não a tivesse detido gritando:

– Mamã, quero um peixe!

A tia Jo interrompeu a sua interessante leitura e procurou algo que pudesse servir de cana de pescar. Como caída do céu tombou-lhe aos pés uma varinha de salgueiro; levantou a cabeça e viu dois meninos rindo no ninho.

– Upa! Upa! – exclamou Teddy, querendo subir também.

– Vou descer e deixo o lugar para ti – disse "Meio-Brooke". E foi-se embora a correr.

Dan instalou Teddy no ninho e exclamou rindo:

– Suba também, mamã Bhaer; eu ajudo-a. Cabemos cá todos.

A tia Jo olhou à sua volta, não viu ninguém e respondeu alegremente:

– Está bem, mas guarda segredo. Vou subir. – Subiu agilmente e acrescentou: – Desde que me casei nunca mais trepei a uma árvore. Quando era menina gostava muito.

– Continue lendo se quiser; eu tomo conta de Teddy – propôs Dan, principiando a fazer uma cana de pesca para o impaciente pequenito.

– Não me importa a leitura. Que fazias tu aqui e "Meio-Brooke"?

– Conversávamos. Falava-lhe de folhas, plantas e animais, e ele contava-me as suas fantasias. Pronto! Meu general, toca a pescar! – disse Dan entregando ao pequenito a vara de salgueiro, da qual pendia um fio com um

alfinete recurvado e engodado com uma mosca azul.

Teddy entregou-se à pesca; Dan susteve-o pelo fato, para evitar que caísse ao riacho.

– Estou satisfeita por teres falado com "Meio-Brooke" acerca de folhas e plantas; isso faz-lhe falta e agrada-me que o instruas e o leves a passear.

– Eu também gosto, porque ele é muito inteligente, mas...

– Mas o quê?

– É que como ele é um menino tão bom e eu sou assim, "má rês", temia que a senhora não quisesse que ele andasse comigo.

– Tu não és "má rês"; tenho grande confiança em ti; vejo que procuras corrigir-te e que o vais conseguindo.

– Deveras?

– Sim. Não o notas?

– Procuro ser bom, mas não sei se o sou ou não.

– Vais sendo, sim. Como prova disso e como recompensa da tua excelente conduta vou confiar-te não só "Meio-Brooke", como também meu filho Rob. Podes ensinar-lhes muitas coisas melhor do que nós.

– Eu? – perguntou Dan, estupefacto.

– "Meio-Brooke", por razões de educação e de família, necessita do que tu lhe deves dar: conhecimentos gerais, força e ânimo. Admira-te como sendo o menino mais valente do mundo; ouve-te com arrebatamento. Mais do que os contos dos meninos, recrearam-no e instruíram-no as tuas descrições verídicas acerca das plantas, aves, abelhas e outros animais. Compreendes o que tu podes fazer e porque quero confiar-to?

– Mas eu nem sequer posso dizer algum palavrão. Ainda há bocado, involuntariamente, exclamei "raios o partam ".

– Bem, eu sei que terás cuidado em não fazer nem dizer nada de mau; a companhia de "Meio-Brooke" ser-te-á proveitosa, porque é um menino muito bom, muito discreto e muito educado. O seu exemplo beneficiar-te-á e, em troca da instrução que lhe deres, ele oferecer-te-á educação; tu desenvolverás a sua inteligência, ele melhorará os teus sentimentos morais; tu torná-lo-ás mais sábio; ele ajudar-te-á a fazeres-te melhor.

Durante uma hora o salgueiro suspirou, cantou e falou com o sussurrante ribeirinho acerca das belezas do crepúsculo. De repente um pequeno atravessou furtivamente o prado, chegou ao pé de Billy, que estava junto ao riacho, e disse-lhe, com grande mistério:

– Queres fazer-me um favor sem que ninguém o saiba: ir pedir ao papá

Bhaer que chegue aqui para falar comigo?

Billy assentiu com a cabeça e afastou-se para fazer o que o rapaz lhe pedira. O recém-chegado, muito inquieto, encarrapitou-se no ninho.

Em menos de cinco minutos o mestre apresentou-se e, detendo-se em frente do salgueiro, exclamou afetuosamente:

– Muito me alegro por voltar a ver-te, Jack. Porque não vieste ver-nos antes?

– Senhor, primeiro que tudo eu queria vê-lo a si. Meu tio disse-me que voltasse. Eu sei que não sou digno de nada, mas suplico-lhe que me tratem com compaixão.

– Não creio que procedam contigo injustamente; mas não me parece que te tratem com grande amor. Estando Nat e Dan inocentes, sofreram por tua causa. Tu, que és o culpado, deves sofrer também, não é verdade? – perguntou o mestre, compadecendo-se do rapaz, mas entendendo que a sua falta merecia castigo.

– Sim, senhor. Já devolvi o dinheiro a Tommy e disse-lhe por escrito que estava arrependido do que acontecera. Não é suficiente? – suspirou, tristemente, o pequeno.

– Não. Creio que deves francamente pedir perdão aos rapazes. Não esperes deles respeito nem confiança até que passe algum tempo e se convençam de que estás arrependido. Eu te ajudarei a reabilitar-te. O roubo e a mentira são coisas abomináveis e espero que isto te sirva de lição.

– Farei um leilão e venderei todos os meus bens a preço muito baixo – propôs Jack, querendo assim castigar-se no seu espírito comercial.

– Melhor será que os ofereças e que empreendas um negócio novo. Adota como lema: A honestidade é o melhor caminho, e tem-no sempre presente nos pensamentos, palavras e obras.

O papá Bhaer conduziu o desconceituado rapaz para a sociedade infantil, que a princípio o recebeu com frieza; mas, pouco a pouco, reconciliou-se com ele quando se convenceu de que a lição tinha sido proveitosa e de que Jack, sinceramente arrependido e corrigido, sentia verdadeira ansiedade por dedicar-se a melhores negócios, sempre sobre a base do seu novo título comercial: a honradez.

12. A morte de John Brooke

– "Meio-Brooke"! Meu querido filho, levanta-te! É preciso que te levantes depressa!

– Porquê? Acabei de me deitar há bocado e ainda não é de dia – respondeu o pequeno, abrindo e fechando os olhos como uma corujazinha e despertando do seu primeiro e profundo sono.

– São dez horas da noite, mas teu pai está muito mal e temos que ir vê-lo quanto antes. Ai John, meu querido filho! – exclamou a tia Jo soluçando.

O petiz, admirado e assustado, despertou completamente. Fez-lhe medo ouvir a mamã Bhaer tratá-lo pelo seu nome de batismo. Abraçou-a a tremer.

A excelente senhora, dominando-se, beijou-o e disse-lhe:

– Vamos dar-lhe o último adeus, meu querido John! Não podemos perder tempo! Veste-te já e vem ter comigo ao meu quarto. Eu vou a correr buscar Daisy.

– Sim, minha tia; vou já num instante – respondeu o pequenito.

Vestiu-se rapidamente, deixando Tommy Bangs a dormir, atravessou a casa silenciosa, compreendendo que algo de novo ia acontecer; alguma coisa que o apartaria temporariamente dos demais rapazes, que faria com que o mundo lhe parecesse tão escuro, tão silencioso e tão estranho como familiares lhe pareciam aquelas dependências no meio das sombras noturnas.

À porta esperava uma carruagem enviada pelo tio Laurie. Daisy, que se tinha arranjado num instante, ocupou o lugar imediato a seu irmão, e ambos os pequenos, apertando as mãozitas, sem falar com os tios, que os acompanhavam, correram velozmente no coche a caminho da cidade, atravessando ruas desertas, para ir dizer adeus ao pai.

Exceto Emil e Franz, nenhum dos outros rapazes sabia o que ocorrera. E quando se levantaram na manhã seguinte sentiram o que quer que fosse de estranho e doloroso; a casa, sem os donos parecia abandonada.

O pequeno-almoço foi muito triste sem a presença da tia Jo. Ao chegar a hora de irem para a escola e ao olharem para a cadeira vazia do professor, os rapazes, acabrunhados, estiveram dando voltas sem sentido durante uma hora, aguardando notícias e desejando que o Sr. Brooke melhorasse, porque todos gostavam sinceramente de "Meio-Brooke", o pobre John.

Soaram as onze e meia e ninguém chegou da cidade. Não tinham vontade de brincar; o tempo parecia-lhes infindável, e, silenciosos e inquietos, sentaram-se. Franz levantou-se e disse com tom persuasivo:

– Querem entrar para a sala de aula e darmos lição, como se o papá Bhaer aqui estivesse? Isso agrada-lhe certamente e a nós torna-nos o dia menos longo.

– Quem fará de professor? – perguntou Jack.

– Embora eu saiba quase tanto como vocês, como sou o mais velho, se quiserem ocuparei o lugar do mestre.

A modéstia e a franqueza de Franz impressionaram muito os rapazes. Viram os seus olhos avermelhados, como se tivesse chorado, mas notaram nele algo de novo e varonil, como se já sentisse as responsabilidades da vida e começasse a afrontar a luta.

– Estou de acordo – respondeu Emil, sentando-se e lembrando-se de que o primeiro dever de um marinheiro é a obediência ao seu superior.

Os demais seguiram-lhe o exemplo. Franz ocupou a cadeira do tio e durante uma hora reinou ordem perfeita. Os rapazes estudaram e deram as suas lições. Franz evitou discretamente tocar em assuntos que não conhecesse bem; os alunos, impressionados pela tristeza do novo professor, mostraram-se respeitadores. Achavam-se precisamente na leitura quando ouviram passos no salão.

Todos levantaram a cabeça para ver o que se passava, deparando-se-lhes a expressão dolorosa do rosto do Sr. Bhaer. Aquele bondoso semblante disse-lhes que "Meio-Brooke" era já órfão. O excelente mestre achava-se tão pálido, tão abatido, tão cheio de pesar, que nem pôde responder a Rob, que lhe disse, em ar de censura:

– Papá, porque me deixaste sozinho esta noite?

Ao pensar naquele outro pai que naquela mesma noite tinha deixado os seus filhos sós para sempre, o Sr. Bhaer abraçou estreitamente o pequenito e ocultou o rosto entre os caracóis daquela adorada cabecinha. Emil reclinou a cabeça no ombro do tio. Franz, brandamente, apoiou-lhe uma mão no ombro. Os outros pequenos sentaram-se e guardaram silêncio tão profundo que se ouvia perfeitamente o rumor das folhas secas a caírem das árvores do jardim.

O Sr. Bhaer voltou a ausentar-se.

A casa esteve silenciosa durante todo o dia; as aulas decorreram sem novidade. À hora do recreio os pequenos entretiveram-se a ouvir contar histórias a Mary Ann; os mais velhos saíram para o jardim e falaram muito

do tio John, compreendendo que tinha partido deste mundo um ente bom, honrado, que deixara um rasto de dolorosa saudade.

O papá e a mamã Bhaer regressaram, finalmente. "Meio-Brooke" e Daisy eram um grande consolo para sua mãe, que não queria separar-se deles. A tia Jo estava arrasada e necessitava de conforto e repouso. A primeira coisa que disse ao entrar em casa foi:

– Onde está o meu menino?

– Estou aqui! – respondeu uma vozinha. E enquanto Dan depositava Teddy nos braços de sua mãe, o garoto, abraçando-a, exclamava:

– O mê Danny olhou por mim e eu fui muito bom, muito bom.

A tia Jo voltou-se para agradecer ao pequeno, mas este escapulira-se por entre os colegas, murmurando:

– Vamo-nos embora daqui; não façamos barulho para não incomodarmos a mamã Bhaer.

– Não se vão embora; quero-vos ao pé de mim, meus filhos. Hoje tive de vos abandonar por todo o dia – disse a mamã Bhaer, acariciando os rapazes e dirigindo-se rodeada por eles, para o gabinete. Depois, recostando-se no sofá, pediu:

– Vai buscar o teu violino, Nat, e toca algumas das doces baladas que ultimamente te mandou o tio Teddy. A música servir-me-á com certeza de lenitivo.

Correu Nat à procura do instrumento e, sentando-se no vestíbulo, executou várias baladas com grande delicadeza e sentimento prodigioso; o pequeno parecia pôr no arco toda a gratidão da sua alma. Os demais rapazes, sentados na escada, guardaram profundo silêncio e vigiaram para que ninguém fizesse o menor ruído. Um profundo sentimento de aceitação e paz reinava.

Por fim, a tia Jo, assistida e velada pelos pequenos, pôde descansar e dormir um bom bocado.

Os dias decorreram no meio de grande tranquilidade. No terceiro dia, quando acabava a aula, apareceu o Sr. Bhaer, comovido e satisfeito ao mesmo tempo, trazendo uma carta na mão.

– Ouvi-me, rapazes – exclamou, e leu o seguinte:

"Meu querido irmão Fritz: Soube que não pensas trazer hoje os pequenos, receando que não me agrade vê-los. Peço-te que os tragas. Para "Meio-Brooke" será menos aborrecido este dia, achando-se entre os seus amigos; além disso, desejo que ouçam o que o sacerdote disser do meu John.

Certamente ser-lhes-á também proveitoso. Gostaria que esses pequenos cantassem alguns dos velhos hinos que tu lhes ensinaste. Não deixes de os trazer. Pede-te a tua amantíssima irmã.

Meg. "

– Querem ir? – perguntou o mestre.

– Sim! Sim! – responderam os rapazes, emocionados e agradecidos.

Uma hora depois saíram com Franz, para assistir ao modesto funeral de John Brooke.

A capelinha parecia tão risonha, tão ordenada e tranquila como quando dez anos antes entrara nela Meg, recém-casada; nessa altura era Verão e tudo estava cheio de rosas; agora, por ser Outono, por toda a parte se viam folhas amarelas. A noivinha de então era agora viúva; mas neste momento, como outrora, a doce resignação da sua alma crente dava-lhe uma augusta serenidade ao rosto.

– Admiro a tua coragem, querida Meg – exclamou a tia Jo, abraçando-a ternamente.

– Querida Jo, o amor que me alimentou durante dez anos continua a alimentar-me. O amor, essência da alma, não pode morrer; hoje John continua a estar a meu lado em espírito e é mais meu do que nunca.

– Tens razão – murmurou a mamã Bhaer, inclinando a cabeça.

Estavam ali todos: o pai, a mãe, o tio Teddy, a tia Amy, o venerável Sr. Lawrence, os Bhaer, com os filhos, e muitas outras pessoas. Durante a sua modesta vida de trabalho, era de presumir que John Brooke não tivesse disposto de muito tempo para criar e cultivar amizades, e, no entanto, surgiam amigos de todos os lados: velhos, jovens, pobres, ricos, humildes, aristocratas... Todos o amavam, todos o choravam, todos o bendiziam.

Os mais velhinhos contemplavam com profunda emoção todas as cenas que perante os seus olhos se desenrolavam. O funeral foi breve e simples; a voz do sacerdote, aquela voz que tremera de júbilo ao bendizer o matrimónio de John Brooke, afogara-se num soluço quando quis pronunciar a oração fúnebre. O silêncio que se seguiu ao último "Amém" só foi interrompido pelo choro de Josy. O coro escolar, a um sinal do Sr. Bhaer, entoou um hino suave, encantador. Todas as vozes se uniram então pedindo paz para as almas boas.

A viúva de John Brooke compreendeu que tinha acertado ao pedir que os pequenos assistissem ao funeral; era consolador ver que a última despedida ao homem honrado e justo saía de uns lábios inocentes e era reconfortante

verificar como aqueles meninos iam gravando na memória emoções, recordações e exemplos dignos de serem imitados. Daisy reclinava a cabeça no regaço materno, "Meio-Brooke" segurava a mão de sua mãe e de vez em quando olhava-a com uma expressão que lembrava a do pai morto e que parecia dizer: "Não te aflijas mãezinha, eu estou aqui!"

A viúva, entre aquelas provas de simpatia e amor, compreendia que, como seu marido, estava obrigada a viver para os outros.

Naquela noite, enquanto os pequenos de Plumfield estavam, segundo o seu costume, sentados na escada, banhados pela luz do luar de uma aprazível noite de Setembro, a conversa recaiu sobre os acontecimentos do dia.

Emil exclamou inesperadamente:

– O tio Fritz é o mais sabedor; o tio Laurie o mais engenhoso e engraçado; mas o tio John era o melhor.

– É verdade. Ouviram o que uns senhores diziam hoje do tiozinho? Oxalá todos digam o mesmo de mim quando morrer! – murmurou Franz.

– Não era rico, pois não? – perguntou Jack.

– Não.

– Nunca fez nada que chamasse a atenção?

– Não.

– Nada mais era além do bem?

– Nada mais.

Franz, observando o desapontamento de Jack, lamentou que o tio John não tivesse feito algo de extraordinário.

– Nada mais do que o bem! John Brooke foi apenas bom! – disse o Sr. Bhaer, metendo-se na conversa. – Ides saber porque todos o honravam e lhe queriam e ainda porque preferiu ser bom a ser rico e famoso. Cumpria simplesmente o seu dever, sempre e em todas as ocasiões, vivendo satisfeito e feliz no meio da pobreza, do alheamento e do trabalho. Era bom filho e renunciara a ambições pessoais para não se afastar da mãe. Era bom amigo e ensinou ao tio Laurie o grego e o latim e muitas outras coisas mais, além do exemplo de uma vida honrada. Era submisso, inteligente, dedicado e leal. Era bom esposo e bom pai, tão amante de sua família que soube, discretamente, sacrificar-se por ela.

O papá Bhaer prosseguiu com ar mais suave e comovido:

– Quando agonizava, disse-lhe: "Não te inquietes por causa de Meg, nem pelos pequenos; eu encarrego-me de que nada lhes falte". Sorriu, apertou-me a mão e respondeu risonho como sempre: "Não te incomodes; nada lhes

faltará porque já tratei deles". Efetivamente, quando vimos os seus papéis, encontrámos tudo em ordem; não tinha nem uma dívida e, com as economias que deixava, ficava dinheiro suficiente para Meg e para que os pequenos pudessem viver com comodidade e independência. Então compreendemos porque vivera sempre muito modestamente; recusando todos os prazeres, exceto o da caridade; então compreendemos porque tinha trabalhado tanto, que me fazia temer pela sua saúde e pela sua vida. Auxiliou os outros e nunca pediu auxílio alheio; valorosamente levou o seu fardo. Ninguém teve queixas dele; sempre se mostrou justo, generoso e compassivo. Agora que já não existe, todos o elogiamos, até ao ponto de me sentir orgulhoso por ter sido seu amigo. Preferia deixar a meus filhos, mais ainda do que uma grande fortuna, a herança que ele lega aos seus. Sim, a bondade; a bondade é o melhor tesouro do mundo. Ela subsiste, enquanto a fama e o dinheiro desaparecem; é ela a única riqueza que podemos levar ao abandonar esta vida. Fixai bem, meus filhos: se quereis conseguir respeito, confiança e amor... segui o exemplo de John Brooke.

Quando, ao cabo de algumas semanas, voltou "Meio-Brooke" para Plumfield, parecia ter-se conformado da desgraça que lhe acontecera, com essa facilidade que a infância tem para cicatrizar todas as feridas. Assim era, até certo ponto; mas o pequeno não a esquecera, porque possuía um carácter ponderado, no qual tudo imprimia uma marca profunda. Jogava, estudava, trabalhava e cantava como dantes; poucos suspeitavam que o rapaz tivesse mudado; e no entanto mudara; a tia Jo sabia-o porque era observadora e procurava constantemente consolar o orfãozinho.

Tão apegado estava o pequenito a seu pai que, quando a morte rompeu aquele doce laço, o coração do órfão derramou lágrimas de sangue e continuou sangrando.

O tempo mostrou-se piedoso para com "Meio-Brooke", que, por fim, lentamente, chegou a formar a ilusão de que não tinha perdido seu pai, mas que este se encontrava ausente e de que tarde ou cedo voltaria a abraçar os filhos. A esta crença se agarrou o pequeno e nela encontrou consolo e amparo.

A transformação exterior correu paredes-meias com o interior, porque durante aquelas semanas o pequeno cresceu muito e renunciou às brincadeiras infantis, não se envergonhando delas, mas sim sentindo-se-lhe superior e desejando algo de mais varonil. Dedicou-se com grande afinco ao estudo da aritmética, que antes lhe era antipática. O papá Bhaer estava

admirado, mas compreendeu aquela aplicação quando o ouviu dizer:

– Assim que tiver mais idade desejo ser guarda-livros, como o papá. E para isso preciso saber muito bem a aritmética, a fim de compreender os livros tão bem como ele o fazia.

De outra vez perguntou formalmente à tia:

– Que pode fazer um menino para ganhar dinheiro?

– Para que queres saber isso, meu filho?

– Porque meu pai encarregou-me de que olhasse pela mãezinha e pelos meus irmãos, e desejo fazê-lo mas não sei como.

– Esse encargo é para quando tu fores maior.

– Mas eu quero começar quanto antes. Desejo ajudar a minha família. Outros meninos tão pequenos como eu ganham dinheiro.

– Bem; pois então vai apanhar folhas secas de milho para encher um colchão. Pago-te um dólar pelo trabalho.

– Parece-me demasiado. É trabalho que posso fazer num dia. Acho que me deve pagar aquilo que é justo; o que vou ganhar deve ser pago com consciência.

– Bem; não te darei nem mais um cêntimo do que isso; quando acabares essa tarefa dou-te outra – disse a tia Jo, emocionada pelo desejo nobre daquele rapaz e pelo seu reto sentido de justiça, parecido com o do pai.

13. Dia de Ação de Graças

O Dia de Ação de Graças festejava-se em Plumfield com a estreita observância dos antigos costumes. Nos dias que precediam a solenidade as pequenas ajudavam a tia Jo e a Asia na cozinha confeccionando bolos, pudins, doces e tantas outras coisas mais. Os rapazes andavam farejando os cheirinhos que vinham da cozinha, espreitando as misteriosas fainas e obtendo, de vez em quando, autorização para provarem algum dos requintados pitéus.

Nesse ano projetava-se fazer alguma coisa mais do que o costume; as pequenas subiam e desciam sem descanso; os rapazes não cessavam de ir da escola para o celeiro e vice-versa; o barulho era ensurdecedor. Juntavam-se faixas velhas e panos de cores; pelo chão viam-se recortes de cartão e papel dourado, palha, algodão, flanelas etc. Ned na sua oficina, construía misteriosas máquinas. "Meio-Brooke" e Tommy passavam o dia rezando por entre dentes, como se estivessem aprendendo uma lição difícil. Do dormitório dos mais velhos chegavam alegres vozes; do quarto dos pequenos escapavam sonoras risadas. O papá Bhaer parecia preocupado com a desaparição da abóbora monumental que Rob tinha colhido. A abóbora fora trazida triunfalmente para a cozinha; depois, apareceram uma dúzia de bolos, nos quais não se tinha utilizado nem a quarta parte dela. Onde estava o resto? Desaparecera, e Rob não se mostrava preocupado; sorrindo, dissera ao pai:

– Tenha paciência. Já vai ver.

A graça consistia em surpreender completamente o papá Bhaer, não lhe deixando conhecer o mais ínfimo pormenor do que se estava a preparar. O bom sujeito esforçava-se por ser surdo, cego e mudo para não ver o que estava à vista, para não escutar o que se ouvia por todo o lado, para não responder às ilusões transparentíssimas da gente miúda. Era alemão e encantavam-no as festas do lar e participava com imenso prazer em tudo que se estava preparando. Quando chegou o almejado dia, os rapazes saíram para dar um grande passeio, para abrir o apetite. Como se alguma vez tivessem tido necessidade de abrir o apetite! As pequenas não saíram, a fim de ultimar todos os pormenores e para ajudar no arranjo da casa. Desde a noite anterior, a sala da aula estava fechada e proibida a entrada ao papá Bhaer, sob pena de

ser açoitado por Teddy, que, qual dragãozinho, guardava a porta, embora estivesse mortinho por desvendar o segredo.

– Já está tudo pronto, e que lindo está! – exclamou triunfalmente Nan.

– Oh! está uma maravilha; Silas sabe o que tem a fazer? – disse Daisy, muito satisfeita.

– Já aí vêm! Oiço a voz de Emil; temos de nos vestir – gritou Nan, correndo pelas escadas acima.

Os rapazes entraram de tropel, com um apetite que teria feito tremer o peru grande, supondo que o animalzinho recheado de trufas pudesse sentir medo.

Foram vestir-se. Durante meia hora ouviu-se o rumor das escovas e o chapinhar da água, prenúncio de lavagens feitas à pressa. Quando soou a sineta, os rapazes, asseadíssimos, penteados e exibindo os fatos dos dias de festa, apresentaram-se na sala de jantar, onde a tia Jo, com um vestido de seda preta e um ramo de crisântemos, aguardava, ocupando uma das cabeceiras da "esplendorosa" mesa. Daisy e Nan estavam muito lindas, com raminhos de flores e com os seus vestidos novos e laços flamantes. Teddy, engraçadíssimo no seu fatinho encarnado e de botas altas cheias de botões, era mesmo um encanto. Era um quadro de família feliz e alegre.

Quando dos extremos da mesa o papá e a mamã Bhaer se olharam, contemplando a alegria das crianças, silenciosamente celebraram o Dia de Ação de Graças das suas almas e disseram com os olhos: "O nosso trabalho prospera. Louvado seja Deus!... ".

Durante alguns minutos apenas se ouviu o barulho das facas e dos garfos, e o que fazia, pondo e tirando pratos, Mary Ann, que exibia alvíssima touca.

Como todos tinham contribuído para a festa, o banquete oferecia interesse especial para os comensais.

– Se estas batatas não são excelentes, sempre quero ver quem as terá melhores – observou Jack devorando pela quarta vez o saboroso pitéu.

– Se o peru está tão bom, deve-se em grande parte às ervas da minha horta – murmurou Nan com a boca cheia.

– Saboreiem os meus nabos; Asia disse que nunca cozinhara nabos mais bonitos – exclamou Tommy, que não queria ficar atrás dos outros.

– Estas cenouras estão deliciosas – afirmou Dick, com a aprovação de Dolly.

– Com a minha abóbora contribuí para os bolos – insinuou Rob.

– E eu dei as maçãs para fazer cidra – advertiu "Meio-Brooke".

– E eu amêndoas para o molho – disse Nat. E assim, entre garfadas e risos, continuaram as observações.

– Quem inventou o Dia de Ação de Graças? – perguntou Rob, que vestia pela primeira vez calças compridas e casaco e sentia um novo interesse pelas instituições da sua pátria.

– Quem sabe? – perguntou o mestre.

– Sei eu – respondeu "Meio-Brooke". – Esta festa foi instituída pelos peregrinos.

– Porquê? – perguntou Rob.

– Não me recordo agora – respondeu "Meio-Brooke".

– Creio que foi por não terem morrido de fome numa altura de grandes privações; e, quando obtiveram uma boa colheita, disseram: "Devemos dar graças a Deus", e designaram um dia de festa para ação de graças e deram-lhe o nome de Dia de Ação de Graças – explicou Dan, que admirava e sabia a história daqueles homens valorosos.

– Bravo! – exclamou o papá Bhaer, muito satisfeito. – Julgava que só sabias coisas de história natural.

– Ouviste, Rob? – disse a tia Jo.

– Não, mamã. Eu julgava que os "peregrinos" eram uns pássaros que viviam por entre as pedras, como os que vi pintados no livro de "Meio-Brooke".

– Que disparate! Confundes os peregrinos com os pinguins! – disse "Meio-Brooke", rindo.

– Não faças troça e ensina- lhe o que sabes – disse a tia Jo, servindo mais doce de amêndoas a Rob, para o consolar e compensar das gargalhadas de troça que ouvia.

– Sim – respondeu "Meio- Brooke", gravemente, fazendo a seguinte descrição, que teria feito sorrir os avós dos peregrinos se estes o pudessem escutar: – Fica, pois, sabendo, Rob, que em Inglaterra havia pessoas que não estavam contentes com o rei, nem com outras coisas, e por não estarem de acordo nem satisfeitos embarcaram num navio e vieram para este país. Nessa altura estava tudo cheio de índios, de ursos e de animais selvagens, e tiveram de passar tempos muito duros e viveram em fortalezas.

– Os ursos? – exclamou Rob.

– Não; os peregrinos, porque os índios faziam-nos sofrer muito. Mal podiam procurar os alimentos; não podiam abandonar as espingardas nem ir às igrejas; às vezes morriam muitos; desembarcaram num rochedo e

chamaram àquele sítio Plymouth Rock. E a mamã Bhaer já o viu e já o tocou. Os peregrinos mataram todos os índios e ficaram ricos; enforcaram os feiticeiros e passaram todos a ser bons. Alguns dos meus antepassados vieram nesses barcos, um dos quais chamava-se Mayflower, que quer dizer "Flor de Maio"; e depois instituíram o Dia de Ação de Graças, e desde então celebra-se esta festa, de que nós tanto gostamos. Mamã Jo, quer fazer o favor de me dar mais um bocado de peru?

– "Meio-Brooke" há de ser um bom historiador; relata os factos com muita ordem e muita clareza – afirmou o papá Bhaer, enquanto sua esposa servia pela terceira vez peru ao descendente dos passageiros do Mayflower.

– Eu julgava que nesta festa devíamos comer até encher completamente o estômago. Mas Franz disse-me que isso não se deve fazer, ainda que seja uma festa de tanta solenidade como a de hoje – murmurou "Traga-Bolos", muito descoroçoado.

– Franz tem razão; assim, pois, deves moderar-te; caso contrário, podes ter uma cólica e não desfrutarás das surpreendentes diversões que estão preparadas –, aconselhou a tia Jo.

– Está bem, pois vou moderar- me; mas toda a gente come muito hoje e eu gostava mais de comer do que moderar-me – resmungou "Traga-Bolos".

Depois da sobremesa, a tia Jo bebeu uma taça de cidra à saúde de todos e, levantando-se, disse:

– Agora, meus "peregrinos", podeis divertir-vos tranquilamente até à hora do chá, porque esta noite tereis de vos mexer muito.

– Vou levar a passear todo o rebanho e assim já podem descansar e ultimar os preparativos para a noite – disse o Sr. Bhaer.

Depois de os mais pequenos terem posto os chapéus e vestido os bibes, pegou neles e meteu-os na carruagem, levando-os para um passeio pelo campo.

À tarde serviu-se o chá; depois os pequenos voltaram a escovar-se, a pentear-se e a lavar as mãos, esperando impacientemente pelos convidados. Só a família assistiria, porque as festas em Plumfield revestiam sempre carácter de intimidade. Chegaram os convidados: o senhor March e sua esposa; a tia Meg, resignada e serena; a tia Amy e o tio Teddy com a "Princesinha", mais linda do que nunca no seu vestido azul-celeste e um grande ramo de flores, que distribuiu e colocou nas lapelas dos casacos dos rapazes. O tio Teddy apresentou aos esposos Bhaer um cavalheiro desconhecido, dizendo:

– O meu amigo e ilustre naturalista Sr. Hyde. Perguntou-me muito por Dan e quis trazê-lo, para que conhecesse os progressos do rapaz.

Os Srs. Bhaer receberam afetuosamente o sábio, achando-o amável, simples e cortês. Dan resplandeceu de júbilo ao ver o seu admirado amigo, e o digno naturalista mostrou-se muito satisfeito ao observar como se tinha desenvolvido o rapaz, tanto no aspecto físico como na instrução e educação. Bem depressa foram os dois para um canto da sala e começaram a conversar animadamente, trocando impressões, fazendo perguntas e referindo-se a curiosidades relativas aos seus estudos preferidos.

– Vai começar a festa, para evitar que dê o sono aos artistas – anunciou a tia Jo.

Todos entraram para a sala de aula e ocuparam os seus lugares em frente de um pano formado por duas colchas grandes. Os pequenos eclipsaram-se, mas ouvia-se rir dentro do improvisado palco.

A representação começou com um número de exercícios ginásticos, dirigidos por Franz. Os seis rapazes mais velhos, exibindo calças azuis e camisas vermelhas, mostraram a sua agilidade e musculatura, em saltos mortais, barra fixa e pesos; a tia Jo amenizou o número executando uma sinfonia ao piano. Dan, com o desejo de honrar os mestres e de se evidenciar perante o Sr. Hyde, discute por dá cá aquela palha e quase joga à pancada com o seu companheiro.

– É um rapaz muito simpático e forte. Se eu fizer uma breve excursão à América do Sul, que tenho planeada para daqui a um ano ou ano e meio, peço-lhes que me autorizem a levar Dan comigo – disse o Sr. Hyde, cada vez mais interessado pelo rapaz, depois de lhe terem contado as suas façanhas e aventuras.

– Embora sintamos muito a sua falta, teremos muito prazer em que vá consigo. A viagem ser-lhe-á muito proveitosa e o Sr. Hyde poderá contar com um companheiro inteligente e dedicado.

Dan, que ouvira o pedido e a resposta, estremeceu de alegria ao pensar nas delícias da projetada viagem e sentiu uma grande gratidão para com aqueles bons amigos.

Terminados os exercícios ginásticos, "Meio-Brooke" e Tommy representaram o antigo diálogo intitulado O dinheiro faz andar a égua. "Meio-Brooke" conquistou muitos aplausos; Tommy andou muito bem na interpretação do papel de velho lavrador, o qual imitava e caricaturizava com graça. Silas, e todos, incluindo o bom homem, desataram a rir a bandeiras

despregadas.

Emil, muito bem caracterizado, deu uma sessão de canções de marinheiros, havendo com profusão "ventos ciclónicos" e de "não tenha medo de naufragar!", fechando o número com um coro de: "A vogar. a vogar.", que fez tremer os alicerces da casa.

Ned, pulando como uma rã, bailou uma divertida dança chinesa.

Como aquela era a única festa pública celebrada em Plumfield, praticaram-se distintos exercícios de aritmética, leitura e escrita. Ned deslumbrou todos pela sua rapidez ao fazer cálculos no quadro. Tommy ganhou o campeonato da velocidade na escrita e Franz, com uma pronúncia corretíssima, leu uma fábula francesa.

– E os mais pequenos? – perguntou um dos convidados.

– Estão preparando a surpresa, uma maravilha! Tenho pena dos que não estão no segredo – respondeu "Meio-Brooke", indo beijar a mãe e permanecendo junto dela para lhe explicar o mistério quando chegasse o momento oportuno.

"Cabelinho de oiro" tinha desaparecido com a tia Jo, deixando o papá estupefacto e perguntando, tão intrigado como o Sr. Bhaer, o que iria acontecer.

Por fim, depois de muitos estalidos, marteladas e ordens – que se distinguiam claramente – do diretor cénico, ouviu-se uma banda de música e subiu o pano, deixando ver Bess sentada num banco junto de um fogão feito de papel de cartucho. Ninguém no mundo sonharia com uma Gata Borralheira mais encantadora, nem melhor caracterizada. A sua saiazinha cinzenta estava rasgada, tinha os sapatitos rotos e a carinha lindíssima tinha tal expressão de tristeza que arrancou risos, lágrimas e aplausos do público. Cinderela permaneceu calada e tranquila, até que uma voz disse: "Agora!" Então a pequena, lançando um suspiro, exclamou:

– Ai! Eu "quia" ir ao baile.

Dissera-o com tal naturalidade que o pai a aplaudiu freneticamente e a mãe exclamou: "Muito bem!". A artista, abandonando o seu papel, advertiu:

– Não vale falar.

Reinou profundo silêncio. Soaram três pancadinhas na parede; alarmou-se Cinderela e, antes que pudesse dizer "Que é isto?", a parte superior do fogão entreabriu-se como se fosse uma porta e dela, trabalhosamente, saiu Nan, transformada em fada, com um pontiagudo carapuço, capa vermelha e uma varinha na mão, que agitou, murmurando resolutamente com voz maviosa:

– Hás de ir ao baile, minha querida.

– Então, dá-me vestidos bonitos – replicou Cinderela, procurando tirar o vestido cinzento.

– Não, não é isso; deves dizer: "Como posso ir eu ao baile com estes farrapos?" – observou Nan, com a mesma voz.

– Tens razão! Já me não lembrava! – respondeu Cinderela, repetindo tranquilamente a frase da fada.

– Trocarei os teus vestidos andrajosos por um formoso vestido, como prémio por seres tão boa como és – exclamou a fada, com ênfase. E, tirando à sua protegida o esfarrapado traje, mostrou-a ataviada com um maravilhoso vestido.

A princesinha estava realmente sedutora; a mãe tinha-a engalanado com um soberbo vestido de baile de seda cor-de-rosa e comprida cauda. A fada cingiu-lhe a fronte com uma coroa de penas brancas e cravos e deu-lhe uns sapatinhos de prata (quer dizer de cabedal forrados com prata dos chocolates). Cinderela avançou para o público e perguntou:

– Não é verdade que estou muito bonita?

E estava de facto. A custo conseguiu lembrar-se do papel e dizer:

– Mas, fada, não tenho coche!

– Aqui o tens! – disse a fada, agitando com tal energia a varinha de condão que por pouco deixava sem coroa a sua protegida.

Então surgiu a grande surpresa. Primeiro caiu uma corda sobre o pavimento; depois ouviu-se a voz de Emil, que gritava: Força! Puxa!... ", e ouviu-se também a voz de Silas, que respondia: "Aguentem firme, agora força". Rebentou uma gargalhada geral, saudando a aparição de quatro coisas que queriam ser ratos cinzentos, com patas e rabos de trapo e olhos formados por grandes contas de vidro. Os pseudo roedores fingiam que iam puxando pelo magnífico coche, formado pela metade da descomunal abóbora e pelas rodas do carrinho de Teddy. Muito teso no banco da frente, com cabeleira de algodão, chapéu de bicos, calças vermelhas, casaca com galões e chicote de estalo, via-se o cocheiro. Era Teddy. O público recebeu-o com grandes aplausos. O tio Laurie disse:

– Se eu pudesse encontrar um cocheiro assim, agora mesmo o contratava e levava-o para casa.

Deteve-se o carro; a fada fez subir Cinderela e esta afastou-se triunfalmente, saudando e atirando beijos ao público.

O segundo quadro representava o baile no palácio. Daisy e Nan pareciam,

de tão vistosas que estavam, duas pavoas. Nan fez de irmã orgulhosa e saracoteou-se pelo salão fazendo morrer de inveja umas damas imaginárias. O príncipe solitário, cingindo imponente coroa e sentado sobre uma coisa que parecia um tronco, que se mexia muito, brincava com a sua espada e olhava para as biqueiras dos sapatos. Quando viu entrar Cinderela deu um pulo, com mais agilidade do que elegância, e gritou:

– Muito obrigado!

Ato contínuo convidou-a para dançar e deixando as duas irmãs a resmungarem a um canto.

O baile foi admirável. O parzinho parecia arrancado de uma miniatura de um leque pintado por Watteau. À Cinderela estorvava-lhe a cauda do vestido e enredou-se nela várias vezes; ao príncipe a espada pô-lo em risco de cair por mais de uma vez.

Sem graves contratempos, terminou a dança, e o par ficou sem saber que fazer.

– Deixa cair um sapato! – aconselhou a tia Jo à Cinderela.

– É verdade! Já me esquecia! – respondeu a damazinha; e tirando o sapato, colocou-o cuidadosamente no meio da cena,dizendo para o príncipe:

– Agora deita a correr atrás de mim, a ver se me apanhas – e afastou-se velozmente,enquanto Rob apanhava o sapatinho e saía em sua perseguição.

No terceiro quadro, como toda a gente sabe, o arauto do príncipe vai experimentando o sapato de prata em todas as damas. Teddy, com o seu traje de cocheiro,entrou fazendo soar a corneta. As irmãs de Cinderela quiseram calçar o sapatinho; Nan teimou e, para que o sapato lhe servisse, fingiu cortar-se num dedo; o arauto alarmou-se e começou a gritar; acudiu Cinderela,que ainda não tinha acabado de pôr o vestido andrajoso,enfiou o pé no sapatinho e anunciou com júbilo:

– Eu sou a princesa!

Daisy chorou, pediu e obteve perdão: mas Nan, amiga da tragédia,deixou-se cair no chão com um chilique,e ali ficou contemplando o final da representação.

Chegou o desfecho. O príncipe entrou correndo, ajoelhou-se e beijou a mão de Cinderela,enquanto o arauto,com toda a força dos seus pulmões, soprava a corneta, ameaçando deixar o público completamente surdo.

Não caiu o pano, porque "Cabelinho de oiro" saiu da cena e confundiu-se com os espectadores, perguntando:

– Não é verdade que andei muito bem?

E enquanto todos diziam "Admiravelmente bem!", o príncipe e o arauto participavam nas aclamações esgrimindo e buzinando atroadoramente. Nisto apareceu Nat com o violino na mão.

– Chiu! Chiu! – disseram os pequenos, e reinou silêncio profundo.

O papá e a mamã Bhaer pensaram que iriam ouvir algum dos números de música que Nat costumava executar.

Grande surpresa foi a deles ao escutarem uma música suavíssima, executada com tanto primor e com tamanha delicadeza que lhes custava a crer que fosse Nat o executante. Era uma melodia sem palavras, um troço de poesia comovedora, um hino à ternura, à alegria e aos encantos do lar. A tia Meg inclinou a cabeça e beijou os filhos; a avó enxugou uma lágrima e a mamã Bhaer disse ao ouvido do tio Laurie:

– Tu és o autor desta romanza!

– Queria que esse pequeno tocasse em vossa honra, seus mestres e protetores, e vos dissesse obrigado no idioma da sua arte – respondeu o tio Laurie.

Quando terminou a melodia, Nat tratou de se retirar. Os aplausos e as exclamações não lho permitiram, todavia, e teve de executar várias outras peças de música, que foram calorosamente aplaudidas.

– Despachem-se! – ordenou Emil, quando Nat se foi embora por fim.

Num momento se retiraram as cadeiras, se refugiaram nos cantos as pessoas mais velhas e se agruparam os rapazes no palco.

– Ordem e compostura! – disse Emil. Os rapazes, galantemente, dirigiram-se às senhoras novas e idosas e convidaram-nas para dançar. Houve discussão por causa da "Princesinha" mas esta, compassivamente, escolheu Dick para par. À mamã Bhaer de nada lhe valeram as desculpas; a tia Amy proporcionou uma satisfação a Dan, aceitando o convite deste em vez do de Franz. Nan dançou com Tommy e Daisy com Nat. O tio Teddy dançou com a velha cozinheira Asia e, por fim, no vestíbulo, Silas e Mary Ann dançaram o melhor que puderam. Durante meia hora Plumfield resplandeceu de alegria. No final do baile organizou-se um cortejo triunfal por toda a casa, levando à frente o carro da abóbora com a princesinha e o minúsculo cocheiro.

Enquanto os pequenos se divertiam, falavam afetuosamente as pessoas mais velhas.

– Em que pensas, que te vejo tão risonha? – perguntou o tio Laurie à tia Jo.

– No meu trabalho e no futuro dos pequenos.

– Suponho que esperas vê-los convertidos em príncipes da arte, da ciência, da política, do exército ou do comércio.

– Não; esses eram os meus sonhos dourados de outros tempos. Agora só aspiro a que sejam homens honrados e trabalhadores. No entanto alguns de entre eles chegarão a alcançar a glória. "Meio-Brooke" tem uma inteligência extraordinária e esta noite, ouvindo Nat, fiquei convencida de que possui génio artístico.

– Não o afirmes tão convictamente; tem, isso sim, talento, e com essa arte poderá ganhar honradamente a vida. Tem-no aqui um ano ou dois e depois eu me encarregarei do seu futuro.

– Que felicidade para esse pequeno, que, há seis meses, bateu a esta porta, só e desamparado! Quanto a Dan, estou tranquila. O Sr. Hyde levá-lo-á e acabará de o transformar num homem reto e terá nele um grande ajudante. Com a energia e o entendimento de Dan triunfa-se sempre na luta pela vida. Estou muito satisfeita pelo bom êxito alcançado com estes dois pequenos, tão débil um, tão selvagem o outro. Ambos melhoraram e deposito neles grandes esperanças.

– Que talismã usaste?

– O do amor, fazendo que eles conhecessem a sinceridade do meu afeto. O resto do milagre é obra de Fritz.

– Bom; quer dizer que o teu triunfo como educadora é indiscutível.

– Como não, tendo tão bons colaboradores e contando com protetores tão generosos como tu?

– Orgulha-me o êxito extraordinário desta escola. Não era isto o que sonhávamos para vós. Todavia, a tua inspiração foi acertadíssima, querida Jo.

– E apesar de o ser, querido Laurie, nessa altura, depois e agora, tu ristete dos meus planos.

– Tens razão. Quando "Cabelinho de oiro" for maiorzinha trazer-ta-ei para aqui como aluna. É preciso dizer mais alguma coisa para te elogiar a ti e à tua casa?

– Não desanimes no teu trabalho – disse o Sr. March, intervindo na conversa. – O teu exemplo encontrará imitadores. O teu labor, embora reduzido, tem a grandeza e a fecundidade daquilo que é nobre e honrado. Chegará o dia em que a tua obra será o guia da humanidade futura.

A seguir, os pequenos deram as mãos, formaram uma roda, deixaram no centro os seus amados mestres e começaram a rodar e a cantar alegremente.

Ao soar as últimas notas da canção, a roda apertou, até que o professor e a esposa ficaram presos por muitos braços e ocultos por um ramalhete de rostos juvenis e sorridentes que demonstraram que uma planta tinha criado raízes e florescido nos seus jardins.

Porque o amor é planta que se enraíza em todos os terrenos e se desenvolve, sem medo das geadas do Outono ou das neves do Inverno, e floresce durante todo o ano, perfumando e bendizendo todos aqueles que o dão, assim como todos os que o recebem.

FIM

A autora

Louisa May Alcott (Filadélfia, 29 de novembro de 1832 — Boston, 6 de março de 1888) foi uma escritora estadunidense, que se dedicou principalmente à literatura juvenil.

Foi educada pelo pai, o filósofo e educador Amos Bronson Alcott, tendo a oportunidade de conviver com intelectuais como Henry David Thoreau e Ralph Waldo Emerson.

Louise sonhava ser atriz, mas tornou-se escritora. Inspirou-se nas próprias experiências para escrever suas histórias.

Foram variadas e frequentes as contribuições de Louisa May Alcott para publicações periódicas, tanto na forma de contos, como de poemas e artigos. Em 1862, por altura da Guerra Civil, trabalhou como enfermeira voluntária num hospital militar, experiência que deu origem ao seu primeiro livro de sucesso, Hospital Sketches. Nos anos que se seguiram, à medida que a sua carreira de escritora se tornou mais rentável, pôde abdicar de outras atividades, dedicando-se inteiramente à escrita.

Afirmando que preferia «remar a sua própria canoa», numa voz que contrariava a época, Louisa May Alcott nunca casou. Vários dos seus ensaios debruçam-se sobre a condição feminina e sobre as possibilidades de uma vida sem recorrer à instituição do casamento. Depois de viajar pela Europa, e de regresso aos Estados Unidos, envolveu-se ainda em movimentos pelo sufrágio das mulheres.

Dentre seus romances destacam-se Anos Felizes, Boas Esposas, Homenzinhos, Oito Primos, dentre outros. Mulherzinhas (1868), seu romance mais famoso, que apresenta o retrato de uma família de classe média americana do seu tempo, salientando os seus valores morais, foi transformado em filmes para cinema e televisão muitas vezes, desde a primeira versão registrada no IMDB em 1917.

epub ro--*